

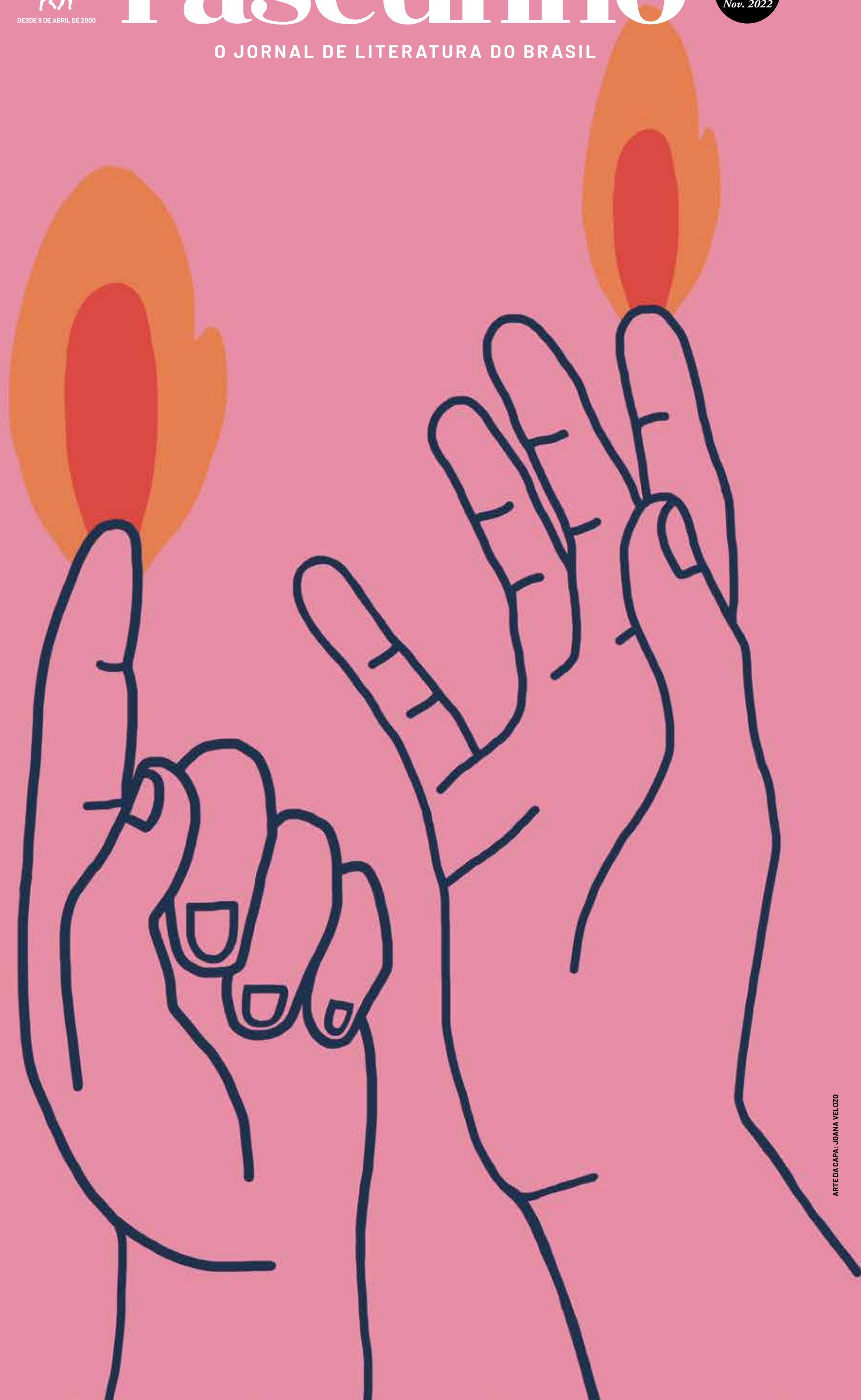


DESDE 9 DE ABRIL DE 2000

# rascunho

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

271  
Nov. 2022



ARTE DA CAPA: JOANA VELOZO

**eduardo ferreira**

TRANSLATO

# ACC E A TRADUÇÃO (2)

Volto ao livro **Crítica e tradução** (2016), coletânea póstuma de textos de Ana Cristina Cesar. Lemos, nessa obra, uma série de reflexões interessantes de ACC sobre o ofício da tradução literária, entremeadas dos veios poéticos que permeiam seu texto.

Começamos com uma definição específica de ACC, mediada por sua rica experiência na área: “tradutora [é] alguém que procura absorver e reproduzir em outra língua a presença literária de um autor”. A autora comentava sua tradução do inglês para o português do conto *Bliss*, de Katherine Mansfield. Essa definição implica um duplo envolvimento estreito: do tradutor com o autor (e não apenas com o texto); e do autor com o original.

Essas relações de próximo envolvimento não são necessariamente “naturais”, em especial se se considera que o primeiro caso exige esforço e estudo intensos por parte do tradutor; e o segundo poderia supor não apenas a relação normal criador/criatura, mas também (como de fato supõe ACC, em sua análise da tradução de *Bliss*) a íntima inserção do autor em seu texto — ou se-

ja, uma relação pessoal de envolvimento emocional.

Interessa reter dessa definição o conceito do tradutor como alguém que não apenas absorve e reproduz o texto, mas também aquilo que ACC chama de “presença literária” do autor. Algo que certamente vai além do texto, pois nele insere aspecto mais amplo, que exige mais estudo e análise mais profunda.

Nesse processo de maior envolvimento e intimidade com o original, o tradutor pode tender a também se projetar com mais intensidade no texto traduzido, como o fez ACC em sua tradução de *Bliss*. A poeta-tradutora comenta que, naqueles trechos em que notava sensibilidade especial da protagonista do conto, lançava mão de mais liberdade e criatividade: “Eu me preocupava mais com o estudo da dicção e do tom do que com uma tradução exata, o que me levou a empregar palavras portuguesas mais ricas e também recursos de natureza poética. Algumas vezes não hesitei em traduzir palavras inglesas de uso comum por termos, em português, de caráter inteiramente literário, desde que o resultado obtido resultasse ‘natural’ e corrente”.

Ana Cristina Cesar, nesses trechos, se mostra mais interessada, de fato, em revelar a substância literária do original e de sua autora — vazada em linguagem mais colorida, permeada de uma visão pessoal da literatura — do que o tecido intelectual da escritura.

Essa estratégia é reforçada em outro comentário da poeta, que aponta aqueles trechos em que a tradutora mais se enreda no original e nos quais sente mais obrigação de esclarecê-lo: “Uma tradução anotada pode ser encarada como tarefa fundamentalmente técnica. No entanto, se nos indagarmos sobre as razões que levam à concentração de notas em determinados momentos da história, concluiremos que o comentário técnico é inconscientemente conduzido por pontos literários centrífugos, isto é, pelo conteúdo. O tradutor se vê mais envolvido (pessoal e profissionalmente) pelos trechos em que a história se intensifica, sentindo, assim, maior necessidade de explicá-la”.

Os comentários de Ana Cristina Cesar nos levam a projetar um texto traduzido que contempla, de um lado, movimentos de maior esforço de tradução e explanação — naqueles trechos de maior carga emocional, que mais seduzem o tradutor — e, de outro, momentos em que a versão tende a se revelar mais estática e fria: mais literal talvez.

O tradutor, afinal, é suscetível aos transportes de inspiração que o texto lhe insufla. Busca nele as ranhuras por onde possa fluir e fulgir seu espírito. Oferece ao leitor, pela sua lente, um dos acessos ao original, entre outras tantas leituras possíveis. **📖**

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

# UM LIVRO NECESSÁRIO

**O avesso da pele** (Companhia das Letras, 2020), de Jeferson Tenório, é um livro que deveria ser adotado nas escolas brasileiras. É um testemunho forte contra o nosso racismo, uma espécie de romance-protesto. É um romance em certos momentos emocionante, em outros reflexivo, em outros ainda agudo no trato de várias questões do racismo. Questões como os relacionamentos amorosos entre negros e brancos, a atuação (e o que nela pode ser relativizado) do movimento negro, as relações de gênero entre indivíduos negros, a indiferença pública (com os olhares que machucam) ao cidadão negro, as abordagens agres-

sivas e os assassinatos de negros pela polícia — tudo é abordado na narrativa. São assuntos, pode-se dizer, que constam da literatura sociológica sobre o racismo. Porém há um grande diferencial: a construção narrativa, o modo como o escritor, nas situações narradas, aborda esses temas todos. Narrado por Pedro, filho do professor Henrique Nunes (a condição do professor de escola pública da periferia é outro tema importante do livro), o romance tem no foco narrativo e na elaboração dos personagens (especialmente na consistente construção dos anseios e atribuições do personagem Henrique) o seu ponto alto. O foco se centra, fundamentalmente, na figura

de Henrique, um indivíduo negro que sofre, entre outras, violências da polícia (o capítulo quatro da terceira parte chega a enumerar sete vezes em que ele, ainda jovem, sofreu abordagens preconceituosas da polícia). É a partir da memória e dos inventos do narrador que a história de Henrique é reconstituída — os seus relacionamentos conturbados, as suas relações familiares, as suas aulas entre “tristes”, “sérias” e “apaixonadas” numa escola pública (é muito delicada a sua relação com os alunos desinteressados e afrontosos), enfim, as suas procuras e descaminhos. Leitor de Dostoiévski e de outros grandes autores, Henrique tem a literatura como um enorme valor e também busca nela um sentido de autoafirmação. **O avesso da pele** tem um desfecho trágico: a tragédia de sempre, que alcança tantos negros abatidos pela polícia nas periferias brasileiras. Livro pungente, um dos melhores acontecimentos literários dos últimos anos. Mais que mereceu ganhar o Jabuti. **📖**

**rascunho**

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.  
CNPJ: 03.797.664/0001-11  
Caixa Postal 18821  
80430-970 | Curitiba - PR

**✉** [rascunho@rascunho.com.br](mailto:rascunho@rascunho.com.br)  
**🌐** [www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)  
**🐦** [twitter.com/@jornalrascunho](https://twitter.com/@jornalrascunho)  
**📘** [facebook.com/jornal.rascunho](https://facebook.com/jornal.rascunho)  
**📷** [instagram.com/jornalrascunho](https://instagram.com/jornalrascunho)  
**📞** [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

**EDITOR**

Rogério Pereira

**EDITOR-ASSISTENTE**

Luiz Rebinski

**EDITOR DE FICÇÃO**

Samarone Dias

**DIRETOR DE ARTE**

Alexandre De Mari

**DESIGN**

Thapcom.com

**IMPRESSÃO**

Press Alternativa

**COLONISTAS**

Alcir Pécora

Eduardo Ferreira

Fabiane Secches

João Cesar de Castro Rocha

José Castello

José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Noemi Jaffe

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

**COLABORADORES DESTA EDIÇÃO**

Ademir Demarchi

André Caramuru Aubert

Arthur Marchetto

Bruno Inácio

Carolina Vigna

Clayton de Souza

David Wheatley

Haron Gamal

Luciana Tiscoski

Luís Henrique Pellanda

Maurício Melo Júnior

Miguel Sanches Neto

Paulo Paniago

Ricardo Azevedo

Valéria Martins

**ILUSTRADORES**

Aline Daka

Carne Levaré

Conde Baltazar

Denise Gonçalves

Eduardo Mussi

Eduardo Souza

Fabio Miraglia

Guilherme Paixão

Joana Velozo

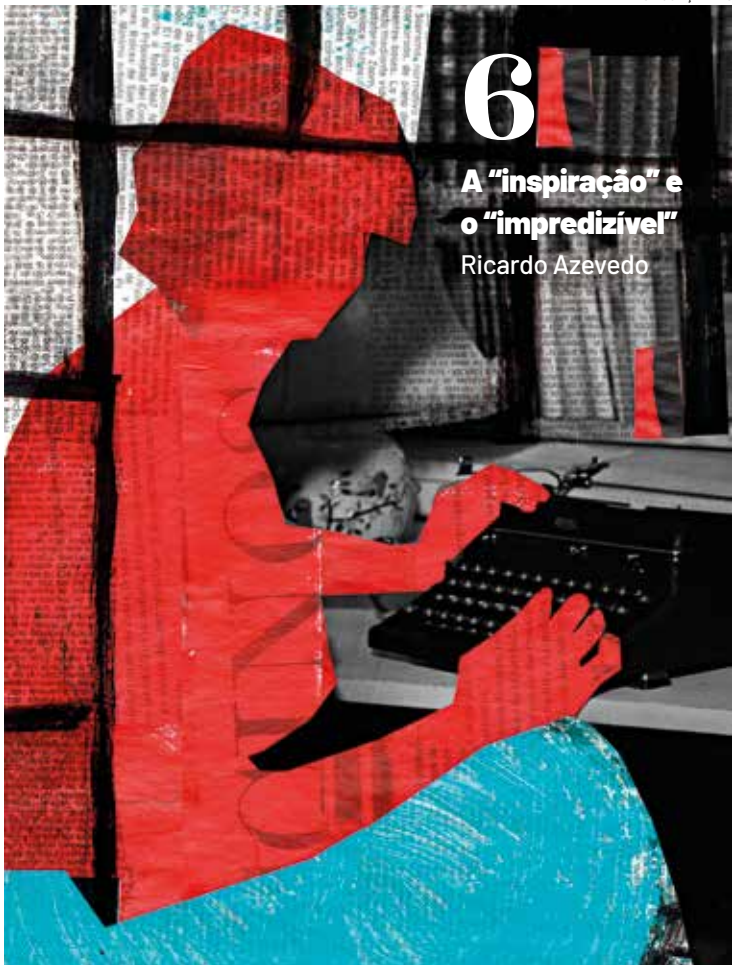
Maira Lacerda

Marcelo Frazão

Tereza Yamashita

Thiago Lucas

DENISE GONÇALVES



**6**

**A "inspiração" e o "impredizível"**  
Ricardo Azevedo

DIVULGAÇÃO



**17**

**Inquérito**  
Carlos Machado

**11**

**Memória de ninguém, de Helena Machado**  
Bruno Inácio

**14**

**Degeneração, de Fernando Bonassi**  
Maurício Melo Júnior

**18**

**Vinco, de Manoela Sawitzki**  
Luciana Tiscoski

**22**

**Nos intestinos da escrita**  
Miguel Sanches Neto



FABIO MIRAGLIA

**26**

**As bicicletas de Powerpaola**  
Carolina Vigna

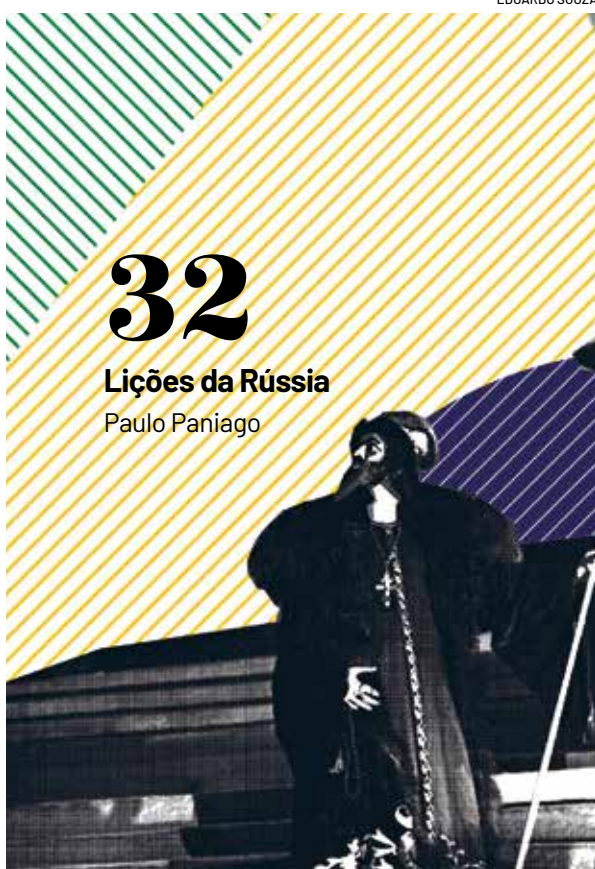
**35**

**Todos os contos de Lu Xun**  
Arthur Marchetto

**40**

**Poemas**  
David Wheatley

EDUARDO SOUZA



**32**

**Lições da Rússia**  
Paulo Paniago

**38**

**Três contos**  
Luís Henrique Pellanda



CONDE BALTAZAR



arte da Capa:  
Joana Velozo

pu  
bli  
que!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão  
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu  
livro/ebook**

  
**thapcom**  
design + ideias

 (41) 99933-4883

[www.thapcom.com](http://www.thapcom.com)



**josé castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

# A NÁUSEA DA BIBLIOTECÁRIA

Ilustração: **Carne Levaré**

A porta está entreaberta. Não há uma campainha. Nenhum aviso. Eu a empurro e entro. No fundo da biblioteca, debruçada sobre o balcão de atendimento, uma mulher faz as unhas. “Perdoe-me por interromper. Onde posso achar os livros de Cristovão Tezza?” A bibliotecária mantém os olhos fixos nas mãos. Com uma pinça, arranca cutículas, que voam sobre a bancada. “Já lhe digo.” E, indiferente, continua a cuidar das unhas.

Só depois, me pergunta: “Quem é esse Cristovão Pezza?”. Corrijo-a: “Não é Pezza, é Tezza, com T. Com T de tatu”. Encapsulada em seu figurino de manicure, a mulher se assemelha a um tatu. Agora, sim, ela me observa. Um olhar de desdém. “Pezza ou Tezza dá no mesmo”, diz. E completa: “Se é Tezza, basta ir até a letra T”. Não agradeço. Tento me esquecer da mulher e percorro as estantes. Encontro, enfim, a letra T. Examinó as prateleiras. Não existem livros de Cristovão Tezza.

Viajo pelo interior do Paraná para fazer palestras sobre a literatura brasileira. Quero falar dos romances de Tezza e ocorreu-me ler um trecho de algum deles. Volto ao balcão. “A senhora poderia, por favor, verificar se eles foram arquivados em outro lugar?” A mulher demora, mais uma vez, a responder.

“Se não está no T, é porque está no C”, ela responde, irritada. Já não me olha. As rugas em torno do nariz indicam sua raiva. Não me conhece. Não lhe fiz nada. Só pode ter raiva de minhas perguntas, que interrompem seu trabalho de manicure. Também nas estantes destinadas à letra C não encontro livros de Cristovão. Devia ter trazido pelo menos um deles em minha mochila.

“Também na letra C eles não estão”, eu reclamo. Sugiro que ela verifique no catálogo se a biblioteca tem mesmo livros de Tezza. Deveria ter, é obrigatório ter, mas não me espantarei se não tiver. “Não posso usar o catálogo agora”, ela me diz. “Ele está escorando uma das estantes que desabou.”

Indiferente aos livros, ela transformou o catálogo em um calço. “Por que vocês não usam um tijolo?” Ela sorri. Um sorriso de medusa, dentes borrados de rosa. Resmungo: “O senhor é mesmo insistente. O catálogo não serve para nada, fica aqui entulhando a mesa. Só assim ele tem alguma utilidade”.

Marlene, a manicure — o nome aparece em seu crachá de bibliotecária — odeia livros. Isso agora está claro. O ódio transborda de suas unhas de gavião. Quando voltar para o hotel, é verdade, posso telefonar para Cristovão e pedir que me passe pelo zap um trecho de algum de seus romances. É o que farei. Um impulso desagradável, porém, me faz ficar. Sinto prazer em desafiar essa bibliotecária que abomina os livros.

Caminho até a estante destinada à letra M e busco os livros de Machado. São poucos e estão em péssimo estado. Retiro, ao acaso, um exemplar de **Brás Cubas** e me instalo em uma mesa bem diante do balcão. Não pretendo reler Machado, ele é só uma desculpa. Uma armadilha. O que me interessa é ler a face arredia de Marlene. Decifrar seu ódio. Passo a tratar a bibliotecária como um livro.

Logo entra, apressado, um rapaz. Joga a mochila no chão e enxuga o suor no rosto. “Tenho que fazer um trabalho sobre Graciliano”, ele diz. “O que a senhora tem dele aí?” A mulher explica que não pode consultar o catálogo, porque ele agora serve como pé para uma estante torta. “Vá na letra G”, ela indica. E acrescenta, esforçando-se para ser gentil: “Qual é o primeiro nome desse Graciliano?”

O rapaz explica que Graciliano é um nome próprio, e que o sobrenome é Ramos. “Por que não disse logo, meu filho?” Enojada, aponta a estante em que

ficam os livros em R. Virando-se para mim, reclama: “Esses garotos não sabem o que querem. E a gente é que tem que saber por eles”.

Logo o menino retorna com meia dúzia de livros de Graciliano. A mulher o olha indignada. “Você vai mesmo ler tudo isso?” O garoto explica que faz uma pesquisa sobre a presença do sol na obra do escritor. “Do sol? Que importância isso tem?”, a mulher resmungo. Seu olhar é hostil. De repulsa. O garoto lava as mãos: “Foi um pedido do professor. Não é só sobre o sol, é sobre a luz”.

Enquanto registra a saída dos livros, a bibliotecária se lamenta: “Sempre digo que livros só enfraquecem as pessoas. Por que ele não vai fazer ginástica, ou lutar judô?”. É gorda e flácida. Tem a pele gosmenta, dos que vivem nas catacumbas. A coluna torta. Apesar disso, conclui: “Perdem a juventude lendo e depois se tornam adultos obesos e preguiçosos”.

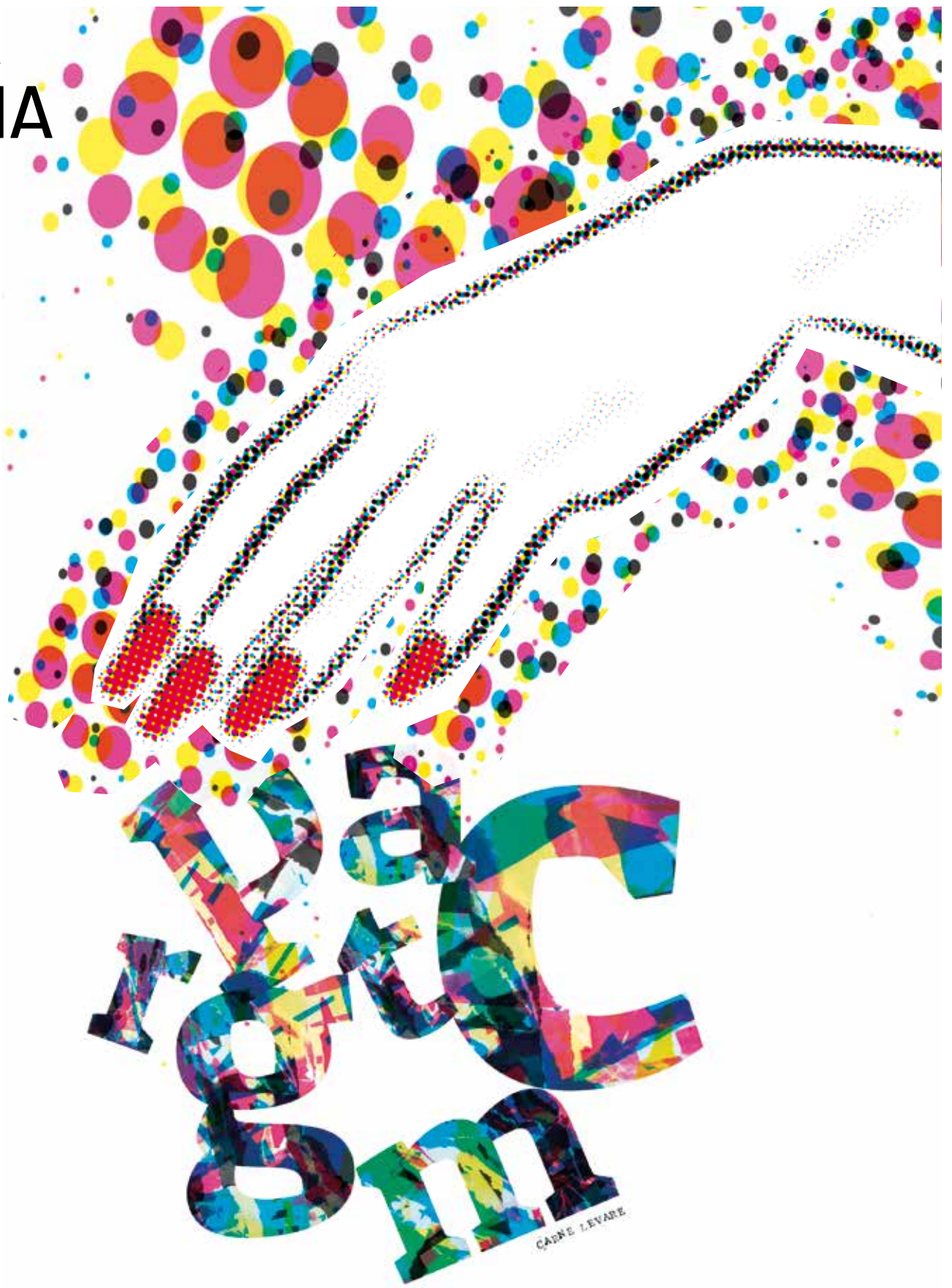
O garoto a ignora, não agradece, e sai com os livros. Não contente, ela ainda diz: “Que desperdício. Mais um efeminado”. Vira-se para mim em busca de cumplicidade, mas fecho a cara. Decepcionada, solitária entre tantos livros odiosos, ela volta às unhas. Também o balcão agora está sujo de rosa. Não me contendo: “A senhora não tem o hábito de ler?”

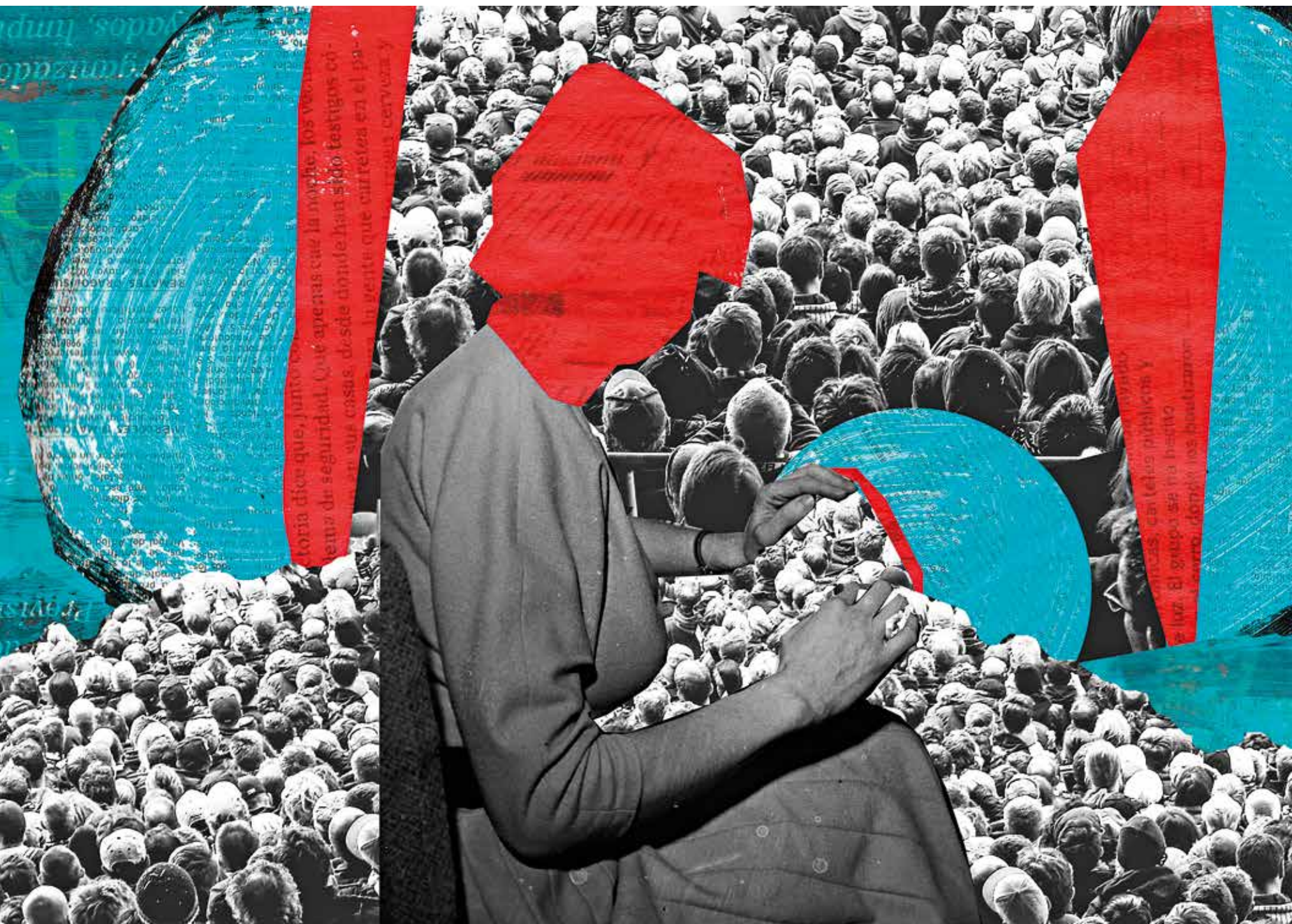
Tem mais o que fazer. Para suportar o tédio da biblioteca, refugia-se no celular. “A gente fofoca e compra brigas. Nele eu me divirto”, me diz. Uma bibliotecária que odeia o que faz. Talvez alérgica a livros. “Não sou uma monja da Idade Média, agarrada a seus cupins. Sou uma mulher moderna”, completa. E dá uma risada obscena.

Talvez seja hora de ir. Sinto-me impotente diante daquela mulher que abomina o que faz. Em um último esforço, pergun-

to por que escolheu essa profissão. “Sempre fui telefonista”, explica. “Mas hoje ninguém usa mais os telefones. Como a antiga bibliotecária faleceu, puseram-me em seu lugar.” Agora eu a olho e constato que não passa de um objeto, que carregam para cá e para lá. Como um cabideiro ou uma cômoda. E ela se deixa levar, indiferente.

“Não seria o caso de pedir uma transferência?” — ainda tento. “Que nada, estou bem aqui. É bom trabalhar com o que a gente despreza. Não me sinto responsável por nada. Não pretendo salvar ninguém.” Já não sei o que dizer. Preparo-me para sair. Ela ainda arremata: “Não tenho ilusões. Nada melhor do que servir a um senhor que não é o meu.” Dá uma gargalhada que se converte em um acesso de tosse. Empurra um livro com o cotovelo e abre espaço para um pacote de lixas. Respira, infeliz, muito infeliz, mas se sentindo feliz. **📖**





# A “inspiração” e o “impredizível”

Deve-se deixar de lado a **ideia nefasta** de genialidade e investir tempo e “muito suor” na criação literária

RICARDO AZEVEDO | SÃO PAULO – SP

*Tolo, disse-me a minha Musa, olha teu coração e escreve.*  
P. Sidney (1554-1586)

Quando tenho a oportunidade e o privilégio de conversar com leitores de meus livros, quase sempre surge uma pergunta: “como você se *inspirou* para fazer tal texto?”. Trabalho há quase trinta anos com livros e se há perguntas recorrentes, esta é uma delas.

Por trás deste “como você se inspirou”, estão escondidos alguns mitos largamente disseminados e naturalizados, comumente relacionados ao ato de criação artística e

considerados “verdades”. Vou enumerar alguns deles:

1) a crença na “inspiração”, algo visto como uma iluminação que surge do nada, de repente, sem mais nem menos, espontânea e involuntariamente, na cabeça de certas pessoas especiais e “inspiradas”. Segundo tal princípio, algo meio místico, num instante mágico, uma força estranha surge no ar, vinda das musas ou sei lá de onde, e entra na cabeça desses seres predestinados, trazendo trabalhos prontos;

2) a crença de que pessoas criativas são, de alguma forma,

diferentes dos outros, “geniais”, “meio loucas”, gente “diferente”. No ambiente individualista que nos cerca, essa ideia ganha contornos que precisam ser melhor discutidos;

3) a crença de que artistas costumam ser mais criativos do que, por exemplo, engenheiros, médicos, economistas etc.

A meu ver, tais crenças são desumanas, equivocadas e nefastas.

Desumanas porque encobrem determinadas características e potencialidades humanas. A “criatividade”, por exemplo, nunca foi um conceito unívoco. Há criatividade, criatividades e criatividades. Por essa razão, de diferentes formas, todos nós podemos ser considerados criativos. Além disso, como ensinou Hannah Arendt, seres humanos são inesperados por princípio. Em **Entre o passado e o futuro**, ela afirma:

*A (...) ação humana (...) está estreitamente ligada à pluralidade (...), uma das condições fundamen-*

*tais de vida humana, na medida em que repousa no fato da natalidade, por meio do qual o mundo (...) é constantemente invadido por estrangeiros, recém-chegados cujas ações e reações não podem ser previstas por aqueles que nelas já se encontram e que dentro em breve irão deixá-lo.*

Para a filósofa, em suma, o ser humano é “impredizível” por definição.

Se isso for verdade — creio que é —, significa que todas as pessoas são capazes, num dado momento, de inovar, improvisar e sair dos padrões previamente estabelecidos. Ou seja, são capazes de ser criativas.

A ideia de “inspiração” é oposta a tudo isso. Sua origem, como sabemos, remete aos gregos e suas Musas. Herbert Read, em seu excelente estudo **As origens da forma na arte** (Zahar, 1981), explica assim o conceito clássico de Musa: “uma divindade que ocasionalmente priva o ser humano de seus sentidos e o utiliza como porta-voz involuntário de uma manifestação divina”. Em outras palavras, neste caso, o artista deixaria de ser sujeito de suas próprias ações e passaria a ser mero objeto de forças desconhecidas exteriores. Suas obras nasceriam, portanto, de forma involuntária. Como levar a sério uma noção assim nos dias de hoje?

## Equívocos nefastos

Continuo. Além de desumanas, creio também que essas crenças são equivocadas. Por não levarem em conta as reais potencialidades humanas, não nos ajudam a compreender nem a vida, nem a nós mesmos, nem os outros.

E são nefastas porque, ao distorcer os fatos, podem, por exemplo, levar um jovem a dizer: “não sou criativo”, “não tenho inspiração”, “sou comum” e coisas do tipo. Ideias que talvez marquem e limitem esse jovem pelo resto da vida.

Não estou sugerindo que qualquer um possa se igualar a Carlos Drummond de Andrade ou, noutro âmbito, a Antonio Carlos Jobim, mas, sim, ressalto que, ao valorizar em demasia a “inspiração”, algo bas-

Ilustração: **Denise Gonçalves**

tante vago e relativo, costuma-se menosprezar o trabalho, algo nítido e palpável.

Acontece que, infelizmente, a associação entre criação e trabalho nem sempre tem sido colocada em pauta. É ela é essencial.

Como sabemos, mas muito mais gente deveria saber, Drummond não criou seus poemas por meio de surtos inspirados, mas, sim, com trabalho árduo. Ele mesmo conta isso no poema *O lutador*:

*Lutar com as palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
Algumas, tão fortes  
como um javali.  
(...)  
Luto corpo a corpo,  
luto todo o tempo,  
sem maior proveito  
que o da caça ao vento.*

Jobim, por outro lado, associou, não poucas vezes, a criação de alguns clássicos da música popular brasileira à luta, todo fim do mês, para pagar o aluguel.

Sim, certamente existem pessoas mais e pessoas menos “criativas”.

Na minha visão, porém, uma pessoa “menos criativa” que acredite em si mesma e trabalhe duro tende a conseguir melhores resultados do que uma pessoa

“mais criativa” que não esteja disposta a trabalhar.

Isso sem entrar no mérito de que dividir pessoas, simploriamente, entre “criativas” e “não criativas” é um engano e uma inutilidade.

Sei que o leitor pode argumentar: “mas entre duas pessoas que trabalham muito, pode haver uma que se destaca e outra que não!”.

É verdade, mas, e daí?

Se o ser humano é “impredizível”, como disse Hannah Arendt, é claro que sempre existirá todo tipo de diferença entre as pessoas. Assim como vai existir todo tipo de semelhança. Este é o ponto. Enquanto as diferenças são singulares e relativas a cada indivíduo, portanto difíceis de avaliar, as semelhanças são concretas e compartilháveis. Por serem capazes de gerar identificação entre todos nós, elas nos ajudam a compreender melhor a ação e as potencialidades humanas. O trabalho é um ponto em comum, um ponto de afinidade e compreensão entre todos os homens. Todos nós sabemos que, em geral, para realizá-lo a contento, é preciso vontade, dedicação, paciência, capacitação, métodos, técnicas e esforço concentrado. Embora importantes, essas características do trabalho nem sempre são lembradas e valorizadas, principalmente entre os jovens. Refiro-me particularmente aos jovens urbanos habituados, cada vez mais, a conviver com trabalhos burocráticos, abstratos e menos visualizáveis (não braçais).

Em outras palavras, creio que uma criança filha de um lenhador ou de alguém que trabalha na roça pode ter uma noção mais exata do trabalho do que a filha de um burocrata.

Naturalmente, as crendices a respeito de “criatividades”, “genialidades” e “inspirações” são alimentadas por certos discursos.

Antes de mais nada, convenhamos, é preciso relativizar a noção de “criação”. Nem sempre lembramos, como o faz Herbert Read, que na verdade “não há nada de novo sob o sol e que nenhum artista (...) tem a faculdade divina de fazer do caos uma nova ordem”. Trata-se, portanto, de pensar em “criação” dentro de muito bem determinadas e restritas circunstâncias culturais.

Considerando isso, vale a pena lembrar certas figuras emblemáticas como Leonardo da Vinci e Albert Einstein, sempre descritos como “gênios” e raramente como pessoas que trabalharam duro e sistematicamente.

Por vezes, tais crenças são reforçadas pelos próprios artistas. Refiro-me, por exemplo, às figuras histriônicas de Salvador Dalí e Andy Warhol, bons artistas e, sabidamente, grandes comerciantes. Ou então à figura de alguns “poptars” com seus comportamentos e imagens idiossincráticos, minuciosamente planejados por departamentos de marketing.

Tal modelo, porém, não é acompanhado por boa parte dos artistas. Para ficar no Brasil, vamos pensar em Portinari, João Câmara, Oscar Niemeyer, Gilvan Sami-

co, João Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, os citados Drummond e Antonio Carlos Jobim, Nelson Freire, Ferreira Gullar, Augusto de Campos, Edu Lobo, Egberto Gismonti e Chico Buarque, entre tantos e tantos outros, de diferentes áreas, todos artistas maiores, todos de alguma forma extraordinariamente “criativos” e, entretanto, figuras humanas com vidas privadas e aparências mais ou menos convencionais.

O diferencial deles sempre foi a arte construída por meio do trabalho concreto. Nada de “aparências”, “poses”, “caras”, “imagens” e “atitudes”. Pensando bem, muita “pose” pode até ser sinal de pouca criatividade.

A criatividade em todo o caso, tirando o marketing e a propaganda, nunca foi algo fácil de definir.

Há séculos, falando de arte, o poeta Schiller (1750-1805) já dizia que: “a criação de algo novo não é realizada pelo intelecto, mas pelo jogo do instinto, partindo de alguma necessidade interior”.

Herbert Read cita Michelangelo e Goethe para concluir: “esses grandes homens são artistas apesar de sua inteligência e não devido a ela”.

Mais uma vez, preciso citar Hannah Arendt. Para ela, nada indica que os mais dotados sejam os melhores. Ditadores sanguinários, políticos e empresários corruptos, juízes desviadores de dinheiro público, banqueiros corruptores, chefes de quadrilhas de todos os tipos e tamanhos estão aí para prová-lo. Esses “talentosos” e “criativos” têm um ponto em comum: o individualismo extremado e irresponsável que coloca de forma agressiva interesses pessoais acima de interesses coletivos.

#### Lugar ao sol

Peço ao leitor/a que pense no ambiente que nos rodeia.

Lembro a enxurrada de super-heróis que, vira e mexe, aparece no cinema de entretenimento, “diferentes” de todos nós, graças a seus extraordinários poderes mágicos.

Lembro dos personagens do cinema comercial que fazem justiça com as próprias mãos, transgredindo as leis, colocando a vida dos outros em risco ou mesmo ferindo e matando gente. Penso aqui, para ficar num exemplo, na cena recorrente da perseguição de automóveis em pleno espaço urbano, desfecho de boa parte dos filmes de ação norte-americanos e similares. Somos levados a acompanhá-la e acabamos nos acostumando com heróis que, diferentemente da maioria das pessoas, dão-se o direito de andar na contra mão a mil por hora, esquecendo-se de que nas calçadas e ruas estão pessoas “normais” — gente como a gente — que não têm nada a ver com o assunto e estão sendo expostas a todo tipo de risco. Abro parênteses: Joseph Campbell, estudioso do mito, define o herói como alguém capaz de colocar os interesses coletivos acima de seus próprios interesses.

Lembro do discurso publi-

citário, com seus modelos solitários e elegantírrimos, paradigmas de pessoas especiais, diferentes, ricas, descoladas e modernas, entrando em automóveis caríssimos acompanhados de mulheres lindíssimas e partindo em alta velocidade para sabe-se lá onde, diante do olhar pasmado dos “comuns”, em outras palavras, nós.

E as fotos de divulgação de grupos de *rock*, *rap* e similares, com artistas fazendo caras de “atitude” e poses “agressivas”, “diferentes”, “descoladas”?

Muitos adultos dão risada diante de tais poses “agressivas”, mas que efeito tudo isso pode ter na formação de crianças e jovens?

Noto que a mídia costuma apresentar todo tipo de “celebridade” em poses, caras e festas mas raramente as vemos trabalhando, de mangas arregaçadas, ensaiando, ralando, dando duro para conquistar seu “lugar ao sol” (para o filósofo Emmanuel Lévinas, vale lembrar, a busca do “lugar ao sol” é “o princípio de toda a iniquidade”).

E o que falar de certas obras de arte (ou produtos comerciais, dá na mesma) apresentadas como “inovações”, de “vanguarda”, a “última palavra”, “diferentes de tudo o que se fez até hoje” quando, na verdade, não passam de simples simulacro?

Separar inovações concretas, algo importante e sempre difícil de realizar, de simulacros de inovação, fica cada vez mais difícil num ambiente onde tudo parece ter se transformado em mero produto de marketing e discurso publicitário.

Fato é que temos sido bombardeados diuturnamente por uma avalanche de gente e produtos que se apresentam e posam como “únicos”, “diferentes” e “melhores”.

Neste contexto, versos como “prefiro ser uma metamorfose ambulante/ do que ter aquelas velha opinião formada sobre tudo” viraram uma espécie de lema.

Em suma, ser “diferente” parece ser uma instituição nos dias atuais. Nem sempre, porém, lembramos o que está na cara.

Vivemos numa cultura essencialmente individualista que valoriza justamente alguém que seja “fantástico”, “super” ou “diferente” (ou que faça justiça com as próprias mãos!). Em outros termos, que valoriza a ação singular, o único, o especial, o novo. Ser diferente, neste modelo, é quase uma ordem, um dever e uma obrigação. Mesmo que a diferença ou inovação sejam mecânica e supérflua, simples simulacro descartável, desprovido de qualquer interesse que não seja o lucro.

Ora, é preciso separar “inovações” que, na verdade, pretendem reforçar o *status quo*, problemático como sabemos, de inovações de fato, de ideias e conceitos que possam contribuir para alterar o modelo cultural e social que aí está e que, entretanto, por vezes, correm o risco de ser considerados “comuns”, “normais”, “fora de moda” ou “tradicionalis”.

Vale lembrar a frase atribuída a T. S. Eliot: “Numa terra de fugitivos, aquele que anda na direção contrária parece estar fugindo”.

Sociólogos, como Christopher Lasch (em **A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio**. Imago, 1983), descrevem algumas características do chamado homem “moderno”: o “isolamento do eu”; a “crença de que a sociedade não tem futuro”, devido a “uma incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história”; o “viver para si, não para os que virão a seguir ou para a posteridade”; a valorização da “popularidade do modo confessional”, que mistura de forma interessada, o público e o privado; a “tentativa de vender a própria imagem” como mercadoria e com valor de mercado e, mais, o “culto da celebridade”. Nas palavras de Lasch “a mídia dá substância e (...) intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar ‘o rebanho’ e torna cada vez mais difícil (...) aceitar a banalidade da existência cotidiana”.

Lasch lembra ainda que, essa autonomia toda, com relação a tudo: o Outro, a sociedade, a família etc., não é tão autônoma assim. Na verdade, ela é funcional. Trata-se de um dos instrumentos da sociedade de consumo. Precisamos ser “livres” e “autônomos”, não tanto para tornar mais civilizada a sociedade em que vivemos (lutando, por exemplo,

por uma melhor distribuição de conhecimento entre os cidadãos), mas, principalmente, para escolher os produtos oferecidos pelas indústrias e anunciados diariamente pelas mídias.

Tal modelo tem muitos efeitos. Por exemplo, pode levar uma criança de sete anos a dizer: “Pai, você nunca vai entender por que eu quero tanto um tênis que acende luzinha. Você está por fora!”.

Não à toa, psicólogos têm relatado a crescente dificuldade de pais que não conseguem fazer seus filhos compreenderem a noção de limite. Como alguém que “está por fora” terá credibilidade para aconselhar, educar ou colocar limites em pessoas que se julgam “descoladas”, “singulares” e “diferentes”?

Aliás, para Lasch, este aspecto da cultura “moderna” tem contribuído diretamente para minar a autoridade paterna e desestruturar as famílias.

Formada em tal ambiente, a criança, na idade adulta, agora uma pessoa individualista descolada e cheia de autonomia, talvez seja capaz de dizer: “e daí que a natureza vai ser devastada pela poluição? Até lá eu já morri!” ou “tanto faz se o produto que fabrico pode dar câncer. Não é problema meu!”.

Vamos torcer para que certas crianças, às vezes estudantes de escolas caras, não tenham acesso, no futuro, a posições de poder.

O assunto é grande e demanda reflexão, pelo menos quando pensamos em educação.

Creio que a associação da noção de “inspiração” e a valorização das pessoas “descoladas” e “diferentes das outras” (em detrimento dos pontos de identificação entre todas as pessoas), e o modelo individualista, largamente disseminado e naturalizado como valor social, mereceriam muita discussão, tanto no âmbito escolar como no familiar. Na verdade, mereceriam ser discutido por toda a sociedade.

### Formação de indivíduos

Obviamente não pretendo ser contra o desenvolvimento de individualidades ou contra a inovação e a criatividade. Mas, sim, discutir a formação de indivíduos tão autocentrados, tão idiossincráticos e exclusivistas, tão “diferentes” que se tornam incapazes de perceber que, não só têm pontos em comum com o Outro, como pertencem e dependem de uma sociedade e, mais, têm deveres e responsabilidades para com ela.

Ressalto um paradoxo: vivemos numa sociedade formada por indivíduos que se sentem “livres” para “fazer o que querem” quando, na verdade, são muitas vezes manipulados, são mera massa de manobra, submetidos aos interesses que governam a sociedade de consumo.

Mas voltemos à famigerada “inspiração”.

Vejamos o que William Faulkner (1897-1962), Prêmio Nobel de Literatura em 1949, autor de **O som e a fúria**, **Luz de agosto** e **Absalão, Absalão** entre outras obras consagradas, sem dúvida uma pessoa “criativa”, disse sobre o assunto numa famosa entrevista, reunida em **Os escritores: As históricas entrevistas da Paris Review** (Companhia das Letras, 2011):

“Pergunta: *O senhor se referiu à experiência, observação e imaginação como sendo importantes para o escritor. Não incluiria a inspiração?*”

Faulkner: *Não sei nada a respeito da inspiração, porque não sei o que é. Ouvi falar a respeito dela, mas nunca a vi.*”

Certamente existem pessoas altamente capazes, criativas e talentosas.

É preciso lembrar, porém, que em geral elas se tornaram conhecidas porque uniram seus dotes à sua grande capacidade de trabalho. A frase “10% de inspiração e 90% de transpiração”, atribuída a um sem número de pessoas, tem tantos autores porque é óbvia e verdadeira. Infelizmente é conhecida, mas pouco levada em conta, principalmente pelos jovens, condicionados por *n* razões a lutar o tempo todo para ser, mecânica e gratuitamente “diferentes”, “únicos” ou “descolados”, e a acreditar que a “inspiração” é algo próprio a poucas pessoas e funciona como uma iluminação que surge de repente, sem maiores esforços.

Tais crenças, repito, alienam e camuflam tanto o trabalho como a vontade consciente, objetiva, or-

ganizada, sistemática e vital de fazer, pensar e criar. Seus resultados têm sido, não poucas vezes, a formação de jovens egocêntricos alienados, incapazes de acessar suas ricas potencialidades.

Quando mencionei a crença de que artistas são mais criativos que outros profissionais, quis dizer que tal mito não faz sentido. Primeiro porque a criatividade é marca presente em todas as atividades desenvolvidas pelo homem e, segundo, porque há os mais variados tipos e graus de criatividade.

Talvez os artistas sejam considerados mais criativos do que, por exemplo, advogados, engenheiros e médicos, por terem suas obras ligadas a expressões marcadamente subjetivas. Num ambiente impregnado de individualismo, é bem possível que seja isso.

Pois bem, vale a pena recordar as palavras do filósofo e educador John Dewey. Dizia ele, faz tempo, no princípio do século 20, que a humanidade dispõe de um método, “o da ciência experimental e cooperativa, o qual constitui o método da inteligência” (em **Liberalismo, liberdade e cultura**. Companhia Editora Nacional, 1970).

Dewey, um democrata, em suma, dava muito mais valor ao modelo de inteligência participativa empregado pela ciência, por meio do qual a criação é feita por muitos pesquisadores, do que ao modelo de inteligência individualista e suas criações realizadas por uma única pessoa.

Além disso, dizia ele, as preocupações e conclusões derivadas da ciência tendem a ser essencialmente democráticas, pois visam problemas amplos que dizem respeito a todos e nada têm a ver com benefício pessoal ou de classe.

Não se trata, repito, de desvalorizar criações individuais mas, sim, de lembrar que a criatividade é uma potencialidade humana, adquire diversas formas e graus e, portanto, a noção de “criação” não necessariamente tem a ver com indivíduos únicos, singulares e iluminados.

Para um jovem inexperiente em fase de formação, essa informação pode ser valiosa. Digo mais: como todos nós de alguma forma estamos em permanente formação, ela pode ser útil para qualquer um. Muitos adultos até hoje acreditam em “inspiração” e, não poucos, talvez justamente por esta razão, sintam-se pouco “inspirados”.

Sim, é possível que alguém um dia tenha uma grande ideia. É preciso lembrar, porém, que, na maioria das vezes, isso não basta. Vai ser preciso trabalho para torná-la algo concreto, relevante e produtivo.

Como o assunto é amplo e dá margem a muita discussão, acho importante reafirmar: sei que no campo das artes podem existir pessoas extraordinariamente criativas. Sei que certos artistas podem, com suas obras, representar vozes fundamentais das culturas humanas. Sei que seus trabalhos, como dizem os estudiosos, podem ser capazes de “alargar nossa percepção” ou “expandir nossa consciência”.

É preciso lembrar, porém, que: 1) tudo isso envolve noções e avaliações bastante imprecisas e inseparáveis da subjetividade; 2) existem as mais variadas formas e graus de “criatividade”; 3) não dá para afirmar que físicos, filósofos, biólogos ou antropólogos, por exemplo, não sejam também capazes, com suas obras, de nos surpreender e “alargar nossa percepção” ou “expandir nossa consciência”. Os fatos dizem o contrário: basta lembrar Aristóteles, Descartes, Hegel, Kant, Marx, Darwin, Freud, Weber, Einstein, Lévi-Strauss e tantos outros, entre eles os citados Hannah Arendt e John Dewey, que, com suas especulações, acabaram por “expandir nossa consciência” a respeito de assuntos importantes como liberdade, autoridade, educação, tradição, modernidade, cultura de massas e democracia.

Em todo caso, sejam poetas, pintores, biólogos, antropólogos ou o que seja, para serem vozes das culturas humanas e conseguirem alterar percepções e consciências, creio, todos tiveram, têm e terão que trabalhar e trabalhar muito. É humano que seja assim. As eventuais exceções são apenas uma praxe sem qualquer relevância.

Insisto: creio que seria muito importante se as crianças e jovens soubessem disso. Na minha visão, a sociedade tem apresentado a eles, cada vez mais, um mundo sem sentido onde tudo se transforma em simulacro e solipsismo.

Minha sensação, em suma, é a de que as escolas, tirando as exceções de praxe, não têm sido ambientes capazes de contribuir para o desenvolvimento da criatividade efetiva e vital de seus alunos.

### Acervo humano

Peço licença ao leitor/a para concluir esse artigo dando um depoimento pessoal.

Lá pela década de 70, antes de publicar meu primeiro livro, decidi começar a recortar notícias de jornal e colar num caderno. Passei também a anotar, no mesmo caderno, ideias, nomes, frases feitas, cenas etc. Achei que fazer isso poderia me ajudar em futuros trabalhos.

Passados mais de 40 anos, as anotações migraram para os arquivos do computador.

Mas continuo, até hoje, a cortar e colar notícias de jornal. Tenho vários cadernos cheios delas. Por causa do espaço, vou dar exemplos apenas de títulos de alguns desses recortes: “Estou vivo, berra o homem dentro do caixão” (*O Estado de S. Paulo*, 8 de setembro de 2004); “Produtor rural vive pelado há 35 anos” (*Folha de S. Paulo*, 21 de agosto de 1994); “Vampiro foge e leva sua namorada” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Menino de 9 diz que matou menina de 8” (*Folha de S. Paulo*, 22 de março de 2000); “Homem é preso por comer pássaros de gaiolas na PB” (acho que *O Estado de S. Paulo*, sem data); “Cachorro é enterrado com honras em MG” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Troquei a virgindade por vodka” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Taturana assassina faz 3ª vítima” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Mendigo

vai para hospital depois de comer cachorro” (*O Estado de S. Paulo*, 2 de agosto de 2005); “Aposentada guarda seu caixão na sala de casa” (*Folha de S. Paulo*, 17 de junho de 1995); “Mulher entala em janela ao tentar roubar vizinho” (*O Estado de S. Paulo*, 30 de maio de 1998); “Evangélico corta o pênis para não pecar” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Escola tem quatro professoras e dois burros” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Após beber, diretor solta presos na PB” (*Folha de S. Paulo*, sem data); “Após 16 anos, chimpanzé larga o vício de fumar” (*O Estado de S. Paulo*, 4 de outubro de 2005); “Igreja receita urina para tratar câncer e até aids” (*Folha de S. Paulo*, 11 de novembro de 1995); “A primeira do dia é a mais salgada, diz balconista” (reportagem na mesma matéria); “Jardinópolis aposenta cavalo” (*O Estado de S. Paulo*, 22 de fevereiro de 1999); “Menino que furtou ônibus quer achar o pai” (*Folha de S. Paulo*, 12 de agosto de 2001); “Leilão vende vírus de McCartney” (acho que *O Estado de S. Paulo*, sem data); “Na Bahia agricultor enterra filho e o reencontra em casa” (*O Estado de S. Paulo*, 11 de outubro de 2003); “Aposentada se irrita e tira a roupa em banco” (*O Estado de S. Paulo*, 27 de abril de 2005); “Mulher tem útero operado em vez do tornozelo” (*O Estado de S. Paulo*, 22 de setembro de 2006); “Famílias tomam sopa de barro em MG” (*Folha de S. Paulo*, 15 de novembro de 1992); “Policial diz fazer ‘bico’ como dançarina” (*O Estado de S. Paulo*, sem data); “Ladrão invade casas em Osasco só para ‘assaltar’ geladeiras” (*Folha de S. Paulo*, 8 de fevereiro de 2008); “Mulher deixa o marido e freira paga o pato” (*O Estado de S. Paulo*, 9 de agosto de 2004); “Esquecimento: mulher está há 25 anos com tesoura no corpo” (*Folha de S. Paulo*, 9 de maio de 2008); “Papagaio grita e é salvo de ladrões” (acho que *O Estado de S. Paulo*, sem data.).

O leitor há de concordar: a vida comum, banal e cotidiana pode ser vista como um acervo humano acessível e, ao mesmo tempo, extraordinariamente rico e criativo.

Preciso dizer que embora continue cortando e colando notícias, nunca utilizei nenhuma delas em meus textos. Aproveito esses cadernos de outra forma: quando estou trabalhando e me dá um branco, não consigo entender para onde a história vai ou algo assim, pego um dos meus cadernos de recortes e dou uma folheada. Eles sempre me surpreendem. Parecem ter o dom de me fazer tirar os olhos do meu próprio umbigo e me mostrar a riqueza da vida e do mundo a minha volta. Saber que o homem é, de fato, “impredizível” tem algo de utópico e me enche de energia e de esperança. Desta maneira, esses recortes me abrem para a vida e têm ajudado a construir meu trabalho [preciso dizer que Hannah Arendt de ingênua não tinha nada. Sabia claramente do perigo representado por governos individualistas, sem Educação, sem Cultura, toscos, autoritários e impredizíveis, com armas de destruição em massa nas mãos.] **U**

### NOTA

Este texto foi publicado originalmente na revista *Leitura: Teoria e Prática*, da Associação de Leitura do Brasil, ano 27, novembro de 2009, número 53. E reescrito para publicação no **Rascunho**.





# WERTHER

Ilustração: Tereza Yamashita



1.

À época do surgimento de **Os sofrimentos do jovem Werther**, a Europa começava a apresentar novidades culturais que rompiam com a lucidez do Iluminismo, tais como algumas sinfonias de Haydn, de Mozart, e no plano literário, com o chamado “romance sensível”, que relatavam amores proibidos entre pessoas de classes diferentes e com desfecho trágico. Não era uma entrega total ao Romantismo, mas já traziam alguns de seus indícios. A forma preferencial para desenvolvimento do enredo era a troca de cartas. Assim, foi, por exemplo, **A nova Heloísa**, um gigantesco livro de Rousseau, que causou certo tremor de terra entre os meios letrados; afinal, não era frequente, na literatura, que uma mocinha se apaixonasse por seu professor, e que esse professor chegasse à conclusão que o melhor era se separarem temporariamente.

2.

Novidade a valer foi o **Werther**, aparecido em Leipzig no ano de 1774, uma novela de poucas páginas e imenso coeficiente sulfuroso. Goethe, na altura, com 25 anos, era um brilhante intelectual, bonito, alegre, esportista, cercado por pessoas que o adoravam. Vinha de uma família rica de Frankfurt, e, desse modo, nada lhe faltava. Apaixonava-se com facilidade, hábito que manteve inclusive na alta idade. O homem certo para escrever uma novela de amor. E escreveu-a, e publicou-a. E foi um estrondoso sucesso e um escândalo. Digamos assim: fosse hoje, nós estaríamos na fila para pegar seu autógrafo e acompanhariamos com interesse tudo o que ele viesse a dizer ou fazer.

3.

O enredo é tão conhecido que já não se fala em spoiler: um jovem apaixonado, não é correspondido e se suicida. Uma história que é contada pelo próprio jovem, Werther, dirigida a seu amigo Wilhelm, através de uma sucessão de cartas. Como não podia contar a própria morte, esta é contada por outros, que o encontraram sem vida e com a pistola na mão. Vestia uma indumentária colorida em tons fortes — isso causou uma moda entre jovens alemães, que não apenas copiaram seu modelo de casaco e calças, como imitaram seu trágico fim, numa onda de suicídios que ainda está por ser estudada em pormenor.

4.

Afirmo que o **Werther** foi uma novidade, mas por que foi uma novidade? Em primeiro lugar, porque havia um ambiente cultural e social propício para o florescer de celebridades, que já permitia paixões coletivas dirigidas à obra, mas, também, ao seu autor. Era portanto normal que as pessoas, especialmente jovens, não tivessem problemas de andar com o livro de Goethe debaixo do braço: eram logo considerados *à la mode*. Sob olhares mais conservadores, poderiam ser vistos como uma ameaça às famílias, excelente propaganda da obra, mas, ao mesmo tempo, poderiam agradecer aos mais audazes, esses que já abandonavam as perucas rococós sobre o crânio e se atreviam a usar seus cabelos naturais.

5.

Em segundo lugar, o **Werther** era uma novidade porque se tratava de uma voz que escrevia em primeira pessoa; isso não era inédito, claro; a personagem era alguém contemporâneo, um burguês habitual, com emprego público na Justiça, que poderia ser encontrado num restaurante, ou discutindo num armazém ou bebendo numa cervejaria. Não era um poeta, a rigor, nem um homem de letras, mas um ser como nós, que, de repente, poderia apaixonar-se de maneira avassaladora e chegar a uma ação fatal. Isso ninguém tinha lido, e acrescenta-se da personagem, era um homem,

e, digo tautologicamente, não era uma mulher, a quem se autorizava tais *fraquezas* e capaz de escrever: “Vou vê-la!, exclamo pela manhã quando desperto e olho com serenidade em direção ao sol nascente! Vou vê-la! E já não tenho outro desejo para todo aquele dia. Tudo, tudo, se afoga nessa perspectiva”. Essa exasperação masculina, inegável, era ousada, quase pecaminosa.

6.

Em terceiro lugar, a personagem, pela idade, pelas circunstâncias sociais e experiências humanas, com facilidade poderia ser confundida com o próprio autor, o que acrescentava um delicioso picante de voyeur ao prestígio da obra. O **Werther**, assim, guardadas as imensas diferenças semânticas, talvez tenha sido um precursor do que viríamos a chamar, pelo tempo que durou, de autoficção. **Os sofrimentos do jovem Werther** é o livro que mais vejo colado à pessoa de seu autor. Fala-se em **Hamlet**, **D. Quixote**, **Madame Bovary**, **O morro dos ventos uivantes**; mas, ao declinarmos o título de que nos ocupa, é sempre: “O Werther, de Goethe”. Sabemos o quanto a heroína, Charlotte, tinha o mesmo nome de uma amada de Goethe, mulher casada com um complacente Kestner. Leia-se: “Como eu me deleitava na contemplação de seus olhos negros durante esta conversa! Como seus lábios vermelhos e suas faces frescas e vivas cativavam minha alma inteira! Como, mergulhado no som esplendoroso de sua fala, às vezes nem sequer ouvia as palavras que ela proferia”. Convenhamos, uma joia de encantamento, que poderia ter sido o mesmo fascínio de Goethe perante sua própria e “real” Charlotte.

7.

A trabalho, numa visita a Weimar, aproveitei um momento de folga e estive no casarão de Goethe, situado na praça central. Caminhei por suas imensas, mal distribuídas e silenciosas salas. Tudo ali respira solenidade e paz. Já era o Goethe velho, consagrado e cheio de medalhas e tí-

tulos. Sim, o ancião caminhava por ali, apoiado em sua bengala, e quando ia à janela para olhar a praça, decerto lembrava de Werther e seus amores, mas não com nostalgia. Decerto, e com malícia, lembrava das palavras de Cícero: “Incapazes que somos de resistir a todas as tentações, temos que ceder, aqui e ali, ao prazer”. Saí sorrindo, e mais ainda quando entraram três ruidosos turistas brasileiros que, ao lerem no capacho da porta principal a palavra “Salve!” admiravam-se de que Goethe sabia português. Não tive o descaramento de explicar a eles que se trata de uma palavra latina.

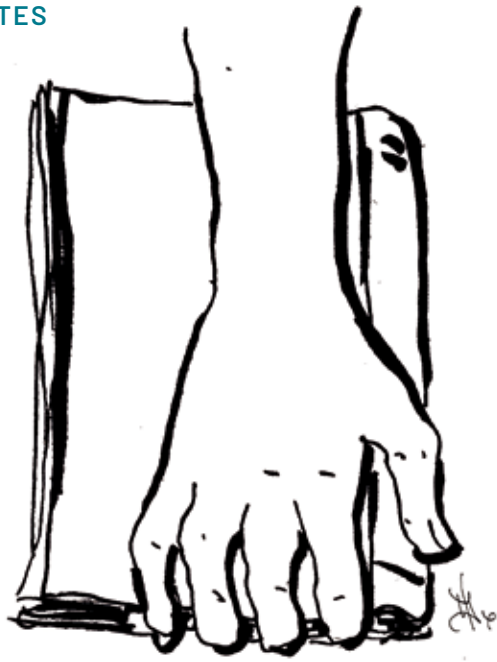
8.

A importância do **Werther** foi tão avassaladora — e transformadora — que autoriza evocar a metáfora do surgimento da explosão seminal do universo, ocorrido há mais de 13 bilhões de anos: apesar do tempo e da distância, suas ondas cósmicas chegam até nós. Foi lido por sucessivas gerações. Não sei se posso falar em sua atualidade; é possível que esta não possa ser encontrada no plano das indagações sociológicas ou teórico-literárias; mas sua ideia persiste, e sempre nova. Hoje, o amor foi relegado à irrelevância num mundo cada vez mais cínico e brutal, mas sempre que lemos essa obra acreditamos nele, tanto para lembrarmos a extrema juventude, quanto para reconhecê-lo, latente, dentro de nós. Vai para a mochila. 🎒



## olyveira daemon

SIMETRIAS DISSONANTES



# NADA A VER, TUDO HAVER

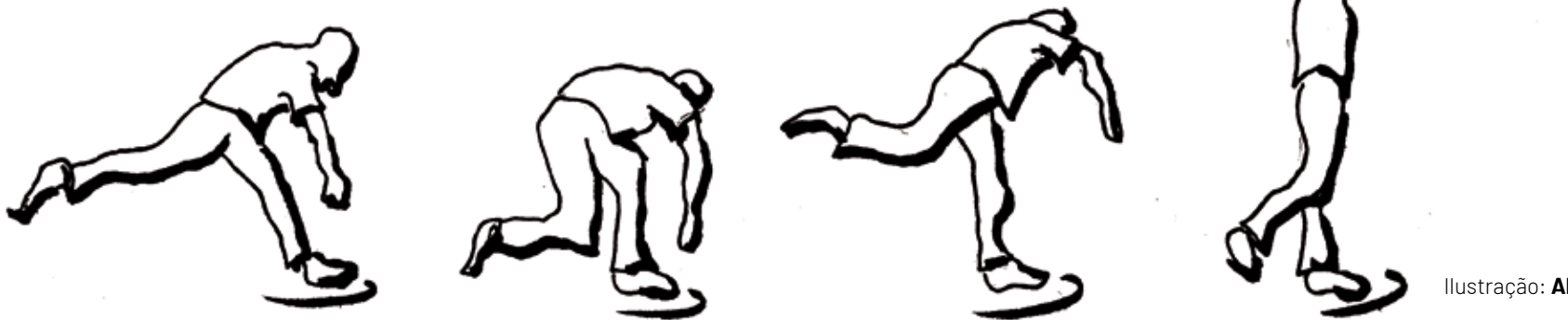


Ilustração: **Aline Daka**

>>>Uma sugestão: “Aos dezesseis anos matei meu professor de lógica. Invocando a legítima defesa — e qual defesa seria mais legítima? — logrei ser absolvido por cinco votos contra dois, e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris”. (Primeiro parágrafo do romance **A lua vem da Ásia**, de Campos de Carvalho.)

Nas próximas edições, sugiro trocarem “embora nunca tenha estado em Paris” por “embora nunca tenha estado na França”, para preservar o chiste absurdista que, suspeito eu, era a intenção do autor. O comprimento do rio Sena é de 777 quilômetros. Então, é possível morar sob uma ponte do Sena, sem nunca ter estado em Paris. Estou vendo no mapa que a Pont Gustave Flaubert, em Rouen, também é boa pra morar. Mais abaixo, a Pont de Courcelles, em Courcelles-sur-Seine, também é uma opção. Minhas economias estão chegando ao fim. Então, se for pra morar embaixo da ponte, que seja ao menos na antiga República Mundial das Letras.

>>>Ontem bateu uma tristeza profunda, ao ficar sabendo que o talentosíssimo Alberto Caeiro morreu aos vinte e seis anos... (Vejam o poder da literatura. Estou profundamente triste com a morte de um PERSONAGEM!?)

>>>A arte é parte da vida, é seu coração, sua parte mais constante e suportável. Mas a parte e o todo um dia se invertem, se a evolução escolher o melhor caminho. Um dia a vida será parte da arte.

>>>Recentemente recebi uns convites para umas situações presenciais, aos quais eu respondi prontamente: “I would prefer not to”. Aos cinquenta e seis do segundo tempo, Bartleby está me mostrando a maravilhosa estrada dos tijolos amarelos para a paz e a tranquilidade.

>>>Primeiro, o susto. Depois, o prolongado estranhamento. É o que acontece quando algo bastante concreto e familiar de repente se revela uma miragem. Alguém observou, em algum lugar da web, que nenhuma pessoa conhece o próprio rosto, a não ser de maneira indireta. Cada um de nós conhece o reflexo do próprio rosto nos espelhos, ou seu registro em fotografias e filmes, mas jamais olhou para o próprio rosto do jeito que as outras pessoas fazem. Vira e mexe, como se lembrasse de uma delicada joia de família furta da recentemente, eu me pego pensando nisso.

>>>O Brasil é um abismo que nunca chega. (**Favelost**, de Fausto Fawcett)

>>>Sem querer, escrevendo um tuíte sobre o filme *Não, não olhe*, do Jordan Peele, encontrei meu bordão existencial: “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...” A partir de agora, usarei pra tudo: o que achou do filme tal? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...” O que achou do livro tal? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...” O que achou do debate presidencial? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...” O que achou desse vinho italiano? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...”

ta...” O que achou do filé com fritas? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...” O que achou do resultado do exame de sangue? “Sempre a mesma infantilidade patacoada narcisista...”

>>>Encontro existencial: os livros certos sempre encontram as janelas certas.

>>>Personagem: quanto pior, melhor.

>>>Autores, aceitem a verdade: talento, disciplina, persistência, muitas obras de inegável valor, nada disso salvará a maioria de chegar ao final da vida com menos de cinquenta leitores. Então, meu conselho é: tenham sorte. Esse é o único ingrediente infalível na receita do sucesso.

>>>O google vive citando Santo Agostinho como especialista em livre-arbítrio... Não e **NÃO**. Santo Agostinho não tinha um telescópio com vários metros de diâmetro operando a um milhão e meio de quilômetros da Terra nem um colisor de partículas com um túnel de trinta quilômetros de diâmetro a duzentos metros de profundidade.

>>>Escritor com síndrome do impostor ou com síndrome *dunning-kruger* não me interessam muito. Eu aprecio mesmo é o escritor com ambas: o impostor e o sofomaníaco brigando o tempo todo dentro do crânio do pobrezinho.

>>>Fazemos coisas muito erradas. O tempo todo. Mas desenvolvemos uma inteligência espetacular que justifica e disfarça brilhantemente qualquer caga-

da moral, propondo rapidamente uma interpretação virtuosa. Foi pra isso que o cérebro evoluiu? Foi.

>>>Na história do pensamento, mentes inteligentes são as únicas merecedoras de um privilégio que somente a grande inteligência autoriza: o privilégio de plagiar.

>>>“O romance, ou o filme, ou a peça de fulano pretende ser uma interpretação do Brasil.” Sempre que eu leio esse tipo de bobagem (praticamente dia sim dia não, há meio século) meu cerebelo trava. De *boas intenções e interpretações do Brasil* o inferno já está cheio. Como responder à soberba dos que pretenderam *uma interpretação do Brasil* em seu romance, ou filme, ou peça... Meus anjos, existem tantos brasis, mas TANTOS, que seria mais fácil recolher o Atlântico num balde de plástico.

>>>Eu sou um sintoma. Não sou a doença nem a cura. Eu sou um sintoma, palerma! Que sei eu sobre a vida? Que chorar demais sempre termina em riso, que rir demais sempre termina em choro.

>>>Por mais que vivamos numa realidade fluida, algumas coisas são intrinsecamente sólidas. Dois tipos radicais de escritor: o Discreto, que não se mexe, apenas espera pacientemente que os leitores vençam a inércia e corram atrás de seus livros e dos elementos de compreensão, e o Missionário, que se mexe o tempo todo, fazendo propaganda de seus livros e oferecendo aos leitores tudo o que eles precisam saber mas têm preguiça de procurar sozinhos.

>>>Nos últimos meses, a taxa Frank Norris em meu sangue (don't like to write, but like having written) atingiu níveis alarmantes.

>>>A senilidade tem suas vantagens. Ler e esquecer, por exemplo... Comecei a revisar um breve romance delirado um ano atrás e bateu forte a surpresa. Não me lembrava de quase nada. E senti o prazer genuíno de estar lendo páginas sensacionais, de um encanto absoluto. Até pensei, isso é mesmo meu?!

>>>O teatro da psicanálise é o mesmo do teste de Turing. Duas pessoas conversam, tentando desvendar e se possível afetar o interlocutor. Ambas tentam descobrir se o interlocutor — analista ou analisando — é uma pessoa saudável se comportando como uma pessoa saudável, ou uma pessoa doente se comportando como uma pessoa doente, ou uma pessoa doente se comportando como uma pessoa saudável.

>>>Compartilhamos o tempo e o espaço há tantas décadas que já estava ficando ridículo não saber ao menos seu nome. Mas ela se negava a confessar. Então, tomei uma atitude drástica — eu mesmo forcei um nome. A voz na minha cabeça a partir de agora se chama Asas Lusco-Fusco. Ou... Asas Arco-Íris. Ou... Asas Tutti-Frutti. Não sei ainda...

>>>Uma só coisa me maravilha mais do que a estupidez com que a maioria dos homens vive a sua vida: é a inteligência que há nessa estupidez. (Fernando Pessoa) **📌**

Para além da tristeza e do desamparo, o luto é capaz de proporcionar, em muitas das vezes, um olhar mais aguçado e provavelmente mais crítico a respeito da pessoa que se foi. A angústia dá lugar a novas percepções e as origens de traumas podem, enfim, ser encaradas de maneira crua, embora não menos dolorosa.

É esse olhar corajoso para o passado que **Memória de ninguém**, romance de estreia de Helena Machado, proporciona com bastante maturidade, em uma narrativa envolvente e bem estruturada.

Na história, a protagonista enfrenta uma crise existencial após a morte do pai, quando se dá conta de todo o vazio que a cerca. Seus fracassos amorosos, traumas de infância, sonhos não realizados e relações familiares desgastadas parecem se impor de uma hora para a outra, rumo a uma combustão já anunciada.

Memórias “esquecidas” voltam à tona e exigem da personagem um acerto de contas, tanto com o passado quanto com o presente. Ela se vê em um ponto sem retorno após perceber que cada memória desbloqueada vem acompanhada de outra e outra, numa espiral que ainda parece longe do fim.

Nesse cenário, sua mãe e suas irmãs mais novas — as gêmeas Maria Júlia e Maria Juliana — não são exatamente uma referência de apoio, mas também não se aproximam da crueldade ou da indiferença. Esse, aliás, é um dos muitos pontos altos do romance, que foge de dicotomias banais como “bem x mal” e apresenta personagens complexos, bem construídos e com motivações próprias.

As gêmeas demonstram isso muito bem, pois cada uma tem sua própria dinâmica com a família e ocupa um papel relevante para a narrativa. Maria Juliana, por exemplo, é uma espécie de alvo para o desprezo e a frustração de seu pai ao longo de toda a vida, tudo porque nasceu alguns segundos depois de Maria Júlia e, assim, frustrou as expectativas de quem esperava o tão sonhado filho homem. Maria Júlia, por outro lado, é o maior orgulho do pai, a filha doutora.

Moacir e Juan, homens com quem a protagonista se envolve ao longo do romance, também são bons exemplos, embora revelem mais sobre a personagem central do que sobre si mesmos, graças a um processo transferencial muito bem elaborado pela autora.

O primeiro é um homem mais velho, com quem a personagem tem uma relação duradoura, em meio a idas e vindas. Moacir é inseguro, bastante ciumento e deposita em seu par a responsabilidade de fazê-lo feliz e jamais abandoná-lo.

O segundo é um argentino, com quem a protagonista se envolve durante uma viagem, numa paixão avassaladora e um tanto quanto adolescente. Juan se contrapõe a Moacir em muitos aspectos (inclusive físicos) e, talvez por isso, tenha despertado o interesse da personagem, em sua busca inconsciente por uma nova identidade.



# A dor de olhar para trás

**Memória de ninguém**, romance de estreia de Helena Machado, aborda os muitos traumas potencializados pelo luto

BRUNO INÁCIO | UBERLÂNDIA - MG

## A AUTORA

### HELENA MACHADO

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), é bacharel em Comunicação Social pela UFRJ, atriz, roteirista e dramaturga. **Memória de ninguém** é seu romance de estreia.



### Memória de ninguém

HELENA MACHADO  
Nós  
272 págs.

## TRECHO

### Memória de ninguém

*Com o ar entrando e saindo e puramente entrando e saindo, abriu-se uma brecha na minha tentativa de entendimento que foi uma faísca de liberdade e, por instantes, me senti retornar à grandeza da coisa anterior às coisas que se sabem coisas. O êxtase se escondia ali, no vazio cheio de tudo.*

### Passado e presente entrelaçados

Em uma narrativa não linear sem pontas soltas, Helena Machado mostra que já tem uma voz literária bem definida nesse romance de estreia. A experiência como roteirista e dramaturga (inclusive premiada pelas peças *Sexton* e *Aos peixes*) contribui com os diálogos marcantes e as descrições de cenários.

Porém, o que mais chama a atenção é a rara habilidade de fazer com que passado e presente se entrelacem, numa fluidez que torna a interrupção da leitura um grande desafio. O fluxo de consciência faz com que confissões surjam em meio a relatos banais do cotidiano, o que obriga a protagonista a lidar com as lembranças que tentava, a todo custo, esconder de si mesma.

Helena Machado ainda demonstra criatividade ao “criar” novos adjetivos e ao explorar a linguagem de maneira profunda, a ponto de construir uma atmosfera poética mesmo quando aborda os acontecimentos mais dolorosos da trama.

Também merecem atenção os momentos em que a autora brinca com as palavras ao colocá-las como elementos gráficos do texto, o que reforça a ideia de movimento e ainda faz alusão à poesia concretista.

Outro ponto que se destaca é a maneira com que a escritora consegue intercalar longos períodos a frases curtas, sem que isso coloque em risco a fluidez da narrativa, uma vez que as sentenças menores funcionam como um respiro em meio a uma prosa bastante intensa. Respiro aqui, vale dizer, não significa alívio. Não é isso que o romance propõe. Sua preocupação é explorar silêncios, desenterrar lembranças e remexer no “deixa pra lá, isso já passou”.

### Relações familiares e machismo

A narrativa foge de idealizações, toca nas feridas e evidencia sentimentos contrastantes tão comuns aos núcleos familiares. A protagonista percebe que é possível se preocupar, amar e, ao mesmo tempo, reconhecer os danos causados pelos pais. No seu caso, a ambivalência é mais perceptível na relação com a mãe, que não a protegeu em momentos de desespero e a deixou exposta à malícia de alguns homens.

Os abusos que sofreu de ex-namorados da mãe se somam a outras violências comuns às mulheres, como a pressão para perder peso, algo que a protagonista e suas irmãs vivenciaram desde a infância, graças aos comentários maldosos da própria mãe.

A personagem central também se envolve com homens que a enxergavam como uma figura materna, responsável por protegê-los de todo o mal e amá-los incondicionalmente.

Ao incorporar esses temas ao romance, a autora demonstra que a violência acompanha as mulheres desde a infância e, muitas vezes, vem de quem deveria protegê-las. Mostra também que uma situação financeira confortável não é capaz de evitar abusos físicos e psicológicos e que mesmo membros de uma família aparentemente funcional podem colocar numa criança a responsabilidade dos atos de adultos mal-intencionados.

### Ponto de virada

**Memória de ninguém** é bastante original — e até mesmo ousado — ao abordar o luto sem que a trama fique presa exclusivamente à melancolia. Na obra de Helena Machado os mais diversos sentimentos ganham espaço e se confundem, mesmo quando opostos.

A morte do pai não é o que dá origem à crise existencial, mas sim o que permite que a protagonista enxergue com clareza sua situação de desamparo e insatisfação. Aqui o sofrimento possibilita tanto um olhar atento e demorado para dentro de si quanto o início da vivência do luto de tantas coisas mortas já há muito tempo.

De certa forma, a morte do pai é o que traz à tona muitos outros traumas, ao mesmo tempo em que faz com que a personagem finalmente se perceba como uma mulher de quase 40 anos cercada de dúvidas, questões mal resolvidas e gritos presos na garganta.

É a partir disso que compreende para onde foram todos os seus silêncios e busca entender o que fazer com cada um deles. Percebe que a memória de ninguém pertence a tudo e a todos e que pessoa alguma parte por inteiro, afinal, “os fantasmas podem até envelhecer, mas não morrem jamais”. **U**

**alcir pécora**  
CONVERSA, ESCUTA

# DUAS NOTAS SOBRE AS HUMANIDADES

Ilustração: **Marcelo Frazão**

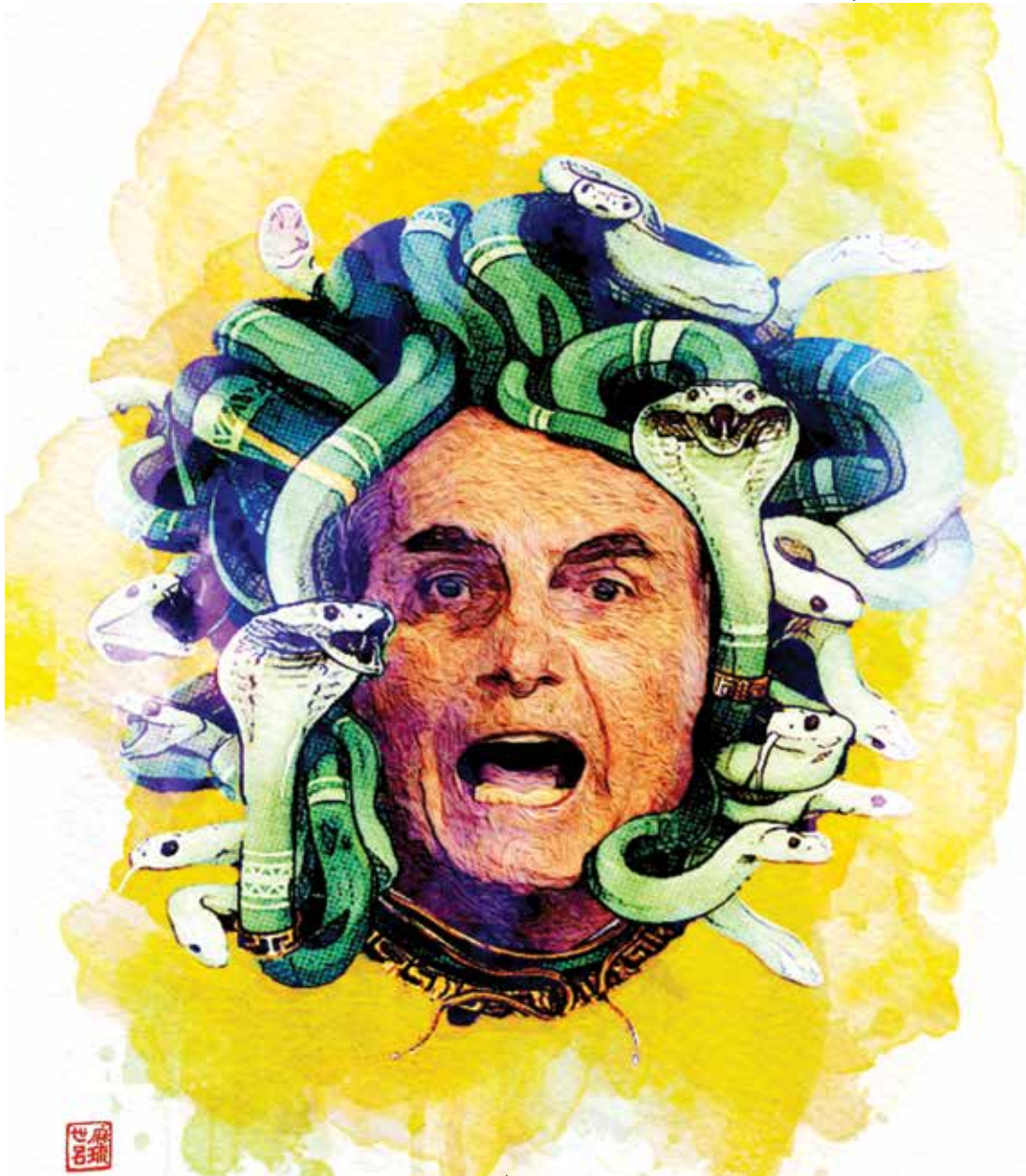
## Uma.

No Brasil, a situação do ensino superior de qualidade está sob ameaça constante — e não apenas a área das Humanidades, a qual, desde que o flagelo bolsonarista se abateu sobre o país, tornou-se alvo habitual do governo federal. Essa constatação emite sinais alarmantes para todas as regiões do Brasil, pois, infelizmente, em nenhuma delas a Universidade tem um lugar institucionalmente estável, isto é, juridicamente bem defendido contra os ataques sistemáticos vindos das instâncias de poder e de focos reacionários da sociedade, que vão do mercado ao neopentecostalismo. O fenômeno foi estupidamente evidenciado naquela famigerada Comissão Parlamentar de Inquérito das Universidades paulistas, criada pelo ex-grande gestor antipolítica, o Bolsodoria — hoje expelido da política pelos próprios sequazes.

O principal pretexto para esses ataques são as preocupações com a suposta má gestão, profissional e financeira, das Universidades. O que, por sua vez, tem levado à ideia predominante de que a saúde financeira delas depende da capacidade de captação de recursos externos à própria Universidade. De preferência, da sua capacidade de captar recursos do setor privado. E até — por que não avançar logo à raiz dos problemas? — de deixar de ser Universidade pública para se tornar mais um caça-níquel privado.

No entanto, até o final do século passado não havia essa necessidade de “captação” privada para gerir a universidade: o que ela recebia como dotação anual do Estado dava conta razoavelmente do que se gastava tanto com pessoal, como com infraestrutura e contratação de novos docentes e funcionários. Hoje, entretanto, a maioria das universidades tem os seus recursos internos reduzidos ao necessário para pagamento de pessoal, sem reajuste. Nas federais, a situação é ainda pior: falta dinheiro não apenas para investimentos e contratações, mas para pagamento de energia, água e até serviços de limpeza e de retirada de lixo. Agora mesmo, enquanto escrevo, os jornais noticiam um novo corte no MEC de 2,6 bilhões de reais [o governo voltou atrás após forte pressão de vários setores da sociedade].

Nesse quadro de desmonte das Universidades públicas, do qual frequentemente são cúmplices os governos estaduais, tornou-se comum a crítica da “gestão amadora” e a exigência de uma “gestão eficaz”. Aliás, nos dias que correm, os candidatos do Novo (sic) — partido que nun-



ca passou de linha auxiliar do bolsonarismo — arregalam os olhos e salivam quando pronunciam a palavra mágica: “Gestão!”. Como se o negócio, e não o ensino, fosse a melhor representação da universidade.

Nós éramos professores e, agora, temos de ser também microempresários. E pensar que antigamente vínhamos ser professores para não ser empresários!

## Doas.

Em 1973, ingressei no curso então chamado de Ciências Humanas, da Unicamp (naquela época, UEC). Era regido por um modelo anglo-germânico no qual os alunos, durante os dois primeiros anos da Graduação, liam autores e questões decisivas das várias áreas das Humanidades, a saber: Antropologia, Política, Economia, e ainda Sociologia, Filosofia e Linguística, conjunto ao qual se reuniu, um pouco mais tarde, a Teoria Literária. Após dois anos cursando em tempo integral um conjunto obrigatório de disciplinas dessas diferentes áreas, o aluno optava por uma delas como terminalidade, recebendo então, após mais dois anos de estudos, o diploma do bacharelado.

A ideia do básico comum estava assentada na importância

da “formação”, entendida como um acúmulo de experiência intelectual fornecida por diferentes perspectivas científicas e culturais que mantinham constantes remissões internas entre si. Escolher uma ou outra terminalidade não mudava muito o repertório do saber adquirido pelos alunos. Podia-se falar, de fato, de um Curso de Ciências Humanas, cujo núcleo residia no confronto das ideias dos principais nomes dos diferentes campos das Humanidades: de Platão e Aristóteles a Heidegger e Wittgenstein; de Lévi-Strauss a Margaret Mead; de Weber a Durkheim; de Saussure a Chomsky, de Marx a Keynes etc. etc. Os macacos pulavam em todos os galhos.

Quase cinquenta anos depois, a Universidade mudou, como era natural que mudasse. No caso das Humanidades, entretanto, grande parte das mudanças foi para pior. A segmentação dos campos de saber a que assistimos desde então não fez bem a nenhuma de suas áreas. E isto porque as Humanidades se alimentam dos debates entre as várias abordagens das suas questões de longa duração e perdem densidade quando reduzidas a operações técnicas de uma única especialidade.

Outro ponto a observar é que também não lhe fez bem a in-

clusão nos sistemas de financiamentos, sejam os privados, sejam os das agências estatais de fomento à pesquisa. A razão é que os modelos dominantes nessas agências são sempre os das Ciências Exatas, e, a fim de obter os recursos, os docentes das Humanidades tiveram de aceitar a submissão artificial do estudo e da leitura, que são o único fundamento pétreo das suas áreas, ao esquema de “projetos de pesquisas”, com “metodologia” alegadamente objetiva, e cuja produtividade medida em *papers* rápidos, nunca deveria ocupar o tempo empregado em livros e debates.

Dou um exemplo pessoal.

Quando me aprofundei nos estudos de Retórica para falar dos sermões do padre Antônio Vieira, o meu propósito era lê-los melhor e de maneira mais abrangente: considerar a sua obra de maneira histórica, política, teológica, linguística e letrada — vale dizer, articular os vários campos de saber imbricados no século 17. Hoje, entretanto, o processo de especialização parece tão irresistível que até uma disciplina como a Retórica — que, por definição, não pode ser restrita a qualquer campo disciplinar — passou a ser entendida como aplicação de categorias técnicas, quase misteriosas, que só especialistas podem decifrar.

O estudo de argumentos que deveria ser abertura para um grande repertório de textos e para a significação complexa da obra vai sendo revertido para um vocabulário final restritivo, que subjugava o pensamento ao academicismo. Nessa nova roupagem, a Retórica parece mais apta a justificar a contratação de especialistas para um departamento universitário, ou a dar nascimento a “sociedades” acadêmicas, do que a interpretar uma prática letrada imersa em história e cultura.

O exemplo que dei nasce de minha própria experiência, mas a questão pode ser generalizada para outros saberes das Humanidades que começam como empenho intelectual e acabam como senha de um clube ou de um posto na fila do emprego. Enfim, para ser claro: a especialização virou condição de pertença das Humanidades à Universidade. Ocorre que dessa mesma especialização decorre a decadência lenta, gradual e segura das Humanidades.

Em suma: as Humanidades não estão sendo afetadas apenas por inimigos externos da Universidade, embora eles nunca tenham faltado. Basta imaginar o pesadelo de um governo bolsonarista-raiz no Estado de São Paulo com as quatro patas metidas no cofre da Fapesp e na chave de repasse das verbas do ICMS. **■**

# Mágico e equilibrado

Romance histórico-fantástico de **Rosa Amanda Strausz** é rico em descrições e na criação de personagens

HARON GAMAL | RIO DE JANEIRO - RJ

THAI ARAÚJO



## A AUTORA

### ROSA AMANDA STRAUZ

Nasceu em Niterói (RJ). É formada em jornalismo pela escola de Comunicação Social da UFRJ. Jornalista, escritora e editora, estreou na literatura em 1991 com os contos de **Minimo múltiplo comum** (José Olympio), ganhador do prêmio Jabuti. Publicou mais de trinta livros — entre ensaios biográficos, contos e títulos infantojuvenis — pelas principais editoras do país. Alguns desses títulos foram traduzidos e publicados na França, no Chile e em Portugal.

## TRECHO

### A cabeça cortada de Dona Justa

*Está vendo esta mulher segurando uma carta, parada no meio de um apartamento conjugado de 30 m<sup>2</sup> em Copacabana? Também estou. Ela, no entanto, não me vê. Nem você. Estou morta. Quer dizer, não exatamente morta — ainda. Por enquanto. Vamos aceitar que não me pareço com um ser vivo.*

Toda literatura dialoga com o seu tempo, mas o atual é o das cotações das bolsas, das cifras impiedosas, do valor do dinheiro que oscila proporcionando riqueza a poucos e pobreza à maior parte das pessoas. Vivemos sob o domínio da especulação. Livros que tratam do gênero fantasia, ou do universo mágico, são bem-vindos. Já que não vemos saída na realidade contundente, que tal encontrarmos numa via se não expressa, ao menos pouco turbulenta do universo da fantasia ou da magia? Talvez o realismo mágico tenha surgido e tomado impulso no continente latino-americano devido à violência imposta pelas colonizações, como a portuguesa e a espanhola. Quem venceria esses colonizadores implacáveis, destrutivos, egoístas, que caçavam tesouros por todo lado?

Sobre o Brasil, a questão merece ainda ser mais aprofundada. A escravidão aqui foi devastadora. O resgate merecido pelas populações afrodescendentes foi muito discutido, mas não pago. O direito à propriedade, que lhe seria devida, jamais foi discutido, e quanto às demarcações das terras dos habitantes brasileiros que já se encontravam aqui antes da chegada dos portugueses são cada vez mais violadas.

**A cabeça cortada de Dona Justa**, novo livro de Rosa Amanda Strausz, trata destas questões, mas tenta resolvê-las pelo viés fantástico. Num continente complicado em termos de colonização, de política, com vasta tradição no extermínio de tribos indígenas e no suplício impostos a negros africanos escravizados, o gênero encaixa-se, embora não responda de todo. O que não se pode resolver pela racionalidade, que na verdade não nos serve, porque faz parte dos instrumentos de dominação utilizados pelo colonizador e pela elite que de uma forma ou de outra não se eximem do poder, a magia, ou o universo mágico, cai como uma luva.

O romance é dividido em três partes. Na primeira, ambientada em 1982, Margarete Dias, moradora de um apartamento conjugado em Copacabana, após voltar de sua caminhada matinal no calçadão da praia, recebe do porteiro um estranho envelope. Quando abre e examina seu conteúdo, descobre que se trata da escritura de uma fazenda localizada no norte do estado, cuja herdeira é ela. Sem perder tempo, apronta-se e ruma para o local. Depois de dirigir durante algumas horas, a mulher chega à localidade e percebe a presença de algo estranho no solo e no ar.

A segunda parte apresenta o cirurgião barbeiro francês Armand Maurois, que chegou ao Brasil em 1797, fugindo de seu país por causa de uma conquista amorosa malsucedida. Recolhido do anonimato e salvo por Justiniana Silvério, Dona Justa, rezadeira que operava verdadei-

ros milagres pela cidade, os dois vão cair nos favores dos administradores portugueses locais, após uma cura conseguida por Dona Justa a um alto dignitário da coroa portuguesa no Brasil. O francês, através dos relacionamentos que estabelece a partir de então, consegue a cessão de uma sesmaria, que vai dar origem à Fazenda Francesa, conhecida também como Fazenda Policarpo.

A terceira parte compreende um empreendimento para desfazer um feitiço que já dura cento e cinquenta anos e perturba várias gerações que se sucederam à Dona Justa. Tal ação envolve desde pessoas chegada no início da exploração local, até a herdeira, Margarete Dias, a moradora de Copacabana.

O romance é rico em descrições e na criação de personagens, embora muitos deles sejam estereótipos. O realismo mágico, ao estilo García Márquez, faz o enredo avançar e desperta muito interesse no leitor, que em determinados momentos, tenho certeza, não conseguirá abandonar a leitura.

### O estrangeiro

A narradora, mãe Justa, ou Justiniana Silvério, a primeira proprietária da fazenda (o trato era de que o francês colocaria a propriedade no nome dela, o que ele não deixou de fazer), já está morta quando conta a história, sua voz aparece em letras menores no começo dos capítulos. Ela explica sobre o local e sobre os personagens. Tal fato ajuda muito no entendimento da trama e contribui para criar a sugestão mágica da narrativa.

Além de acompanhar as peripécias locais, ocorridas tanto na fazenda como na cidade vizinha, de nos inteirarmos sobre a origem das maldições que precisam ser desfeitas, podemos levantar questões sugeridas pela narrativa. A primeira delas é o papel do personagem estrangeiro na literatura brasileira. Este não é apenas o francês, mas envolve Policarpo, o feitor — porque ele também é estranho ao local —, os escravos recém-chegados (muitos não falam o português), incluindo uma sacerdotisa negra que faz parte da trama. Poderíamos perguntar: qual o papel do estrangeiro na formação do Brasil? Qual o papel do estrangeiro na literatura brasileira? Qual o comprometimento dos negros, também estrangeiros, na formação da nossa cultura, já que perderam sua língua de origem, sua pátria e vieram escravizados? Uma nova cultura está em fermentação, mas ela surge em meio a melancolia e a muito sofrimento.

Talvez possamos perguntar se procede a opção pelo fantástico num momento em que ele já se encontra por demais utilizado e quase esgotado. A primeira hipótese é que o autor é dono de sua narrativa e pode escolher o modo como deseja contá-la. Lê o livro aquele que se sente bem



### A cabeça cortada de Dona Justa

ROSA AMANDA STRAUZ

Rocco

253 págs.

com esse tipo de conceito de romance. Outra questão se impõe: num momento de preocupação com o aquecimento global, com o desmatamento e com o desregramento climático, um livro que opta pela solução dos problemas por meio de encantos e desencantos não estaria contribuindo para a alienação de seus leitores? Não sei, mas o que se pode afirmar é que a narrativa pode pender para ambos os lados, o da crítica social e o da magia, além disso, o Brasil é um país onde crenças místicas prosperaram.

Mas há a crítica social sim, como à escravidão e à crueldade a que os negros foram submetidos. Outra crítica, embora menor, é a respeito da habitação urbana, quando a narradora relata o caráter exíguo do apartamento em que mora Margarete, em Copacabana. Um último argumento, que ajuda na escolha da autora, é de que nos dias de hoje escritores se distanciaram das questões sociais e optaram pela busca de uma “boa história para contar”. O livro de Rosa Amanda não deixa de apresentar este feitiço. E, por último, como estamos no universo das cifras econômicas, esse tipo de literatura traz bons resultados. Para editores e para autores.

Outro ponto que vem à tona, quando se fala da autora de **A cabeça cortada de Dona Justa** é que ela optou durante muitos anos em escrever livros de literatura infantojuvenil. Isso é uma grande bobagem. Ninguém opta escrever livros para crianças, para jovens ou para adultos. Opta-se, sim, por contar uma história, e se apegue a ela aquele que se interessar.

A crítica literária tem sempre dificuldade de lidar com o tipo de literatura que escapa a seu tempo. O romance de Amanda Strausz mergulha nesta seara, pois não tem interlocutores diretos na atual literatura brasileira, que não produz com frequência histórias desse tipo, um gênero histórico-fantástico. Mas, quanto a isso, também não vejo problema. Um livro sempre está a estabelecer novos diálogos, mesmo fora do universo a que se propõe. No fundo, no fundo, todos gostaríamos de resolver as coisas com um pouco de magia. **📖**

# Nossas mortes cotidianas

Com o romance **Degeneração**, Fernando Bonassi leva o realismo à sua essência mais concreta

MAURÍCIO MELO JÚNIOR | BRASÍLIA - DF

Um escritor que escrevesse como ficção a história política brasileira a partir de 1945 seria acusado de inverossímil.

Saindo de uma ditadura, o país elege um presidente conservador e legalista, depois o ditador volta como líder populista, se mata e abre caminho para um presidente desenvolvimentista que passa a faixa presidencial a um arrivista que renuncia e cria as bases para uma ditadura militar. Vinte anos de torturas e opressão, o Congresso elege um presidente que não toma posse, deixando o poder para o líder de um partido conservador, que sai da Presidência desgastado, favorecendo outro arrivista. Depois de anos de democracia e liberdade uma crise política gestada no Congresso, aliada a mecanismos jurídicos, leva ao poder um deputado que por trinta anos nada fez além de desafiar os preceitos democráticos.

Isso de fato aconteceu.

**Degeneração**, o novo romance de Fernando Bonassi, embora não tenha a política como foco principal, reflete toda essa instabilidade institucional, afinal não é vão o alerta de Luiz Ruffato: “quem quiser compreender, em profundidade, o Brasil pós-ditadura militar tem que ler a obra, coerente e fecunda, de Fernando Bonassi”.

O enredo do novo romance apresenta um homem tentando liberar o corpo do pai, um ex-policia (ou apenas um ex-informante?), morto em um hospital de São Paulo na véspera do segundo turno da eleição presidencial de 2018. O drama do protagonista se confunde com a estrutura política do país, permanentemente presa a um universo de chantagens e favores nem sempre republicanos.

Na esteira de apenas dois dias, tempo ficcional do romance, é reavivado o conflito entre pai e filho, que se agrava com o surgimento de doloridas verdades, como metáfora da história brasileira. Este desvelamento vai construindo uma ampla temporada de traições e tramas irreversíveis. E quando, enfim, chega o

confronto inevitável, tudo é tarde, já não há espaços nem tempo para conciliações.

Na destilação desses sentimentos pobres está a desestruturação familiar. Não é apenas o protagonista que vê descer a máscara heroica do pai. Todos veem e se assustam com o monstro que surge no lastro das ações daquela ditadura nascida numa atabalhoada renúncia e que ameaça voltar, pelo menos em espírito, no dia seguinte à morte do velho informante.

Há uma cena bem representativa desse clima tétrico.

Num cemitério, ao visitar a tumba da avó, o protagonista se encanta com a miséria de uma cova, com uma cruz caída onde se lê: *Sepultura 1106 – Carlos Marighella, 5/12/1911 – 4/11/1969*. O pai o recrimina pelo gesto de compaixão. Era um tempo em que ainda a polícia impunha medo, um tempo que ganhava outros contornos sociais:

*Lembra que nessa época os seus amigos fardados já não se exibiam de uniforme pelo bairro — soldados encagaçados com as reviravoltas no estado de coisas, abandonavam as carcaças das fardas nas esquinas em que colaboravam e voltavam para casa como paisanos.*

Embora não deixe isso explícito ou escancarado, Bonassi põe o dedo na ferida sempre aberta do conservadorismo, político ou não. É sempre o novo tentando, quase inutilmente, inutilizar a barreira que atravança avanços progressistas.

*É preciso conceder que a minha irmã caçula, a sua princesa, ela foi mais bem-sucedida em envergonhá-lo do que todos nós juntos. Como nenhum de nós, irmãos de sangue, ou mesmo minha mãe, pobre coitada, como nenhum outro membro da sua família, a minha irmã o envergonhou bastante, é preciso dizer. Ela lhe criou imensos problemas, o fez passar por inúmeros dissabores, o aborreceu em diversas ocasiões, e ainda precisou de seus favores e que você pedisse favores em nome seu e dela a quem*



O AUTOR

FERNANDO BONASSI

Nasceu em São Paulo (SP), em 1962. É roteirista de cinema e TV, dramaturgo e escritor de mais de vinte obras, entre elas os romances **Subúrbio** e **Luxúria**. É corroteirista de filmes como *Estação Carandiru* e *Cazuza – O tempo não para*. No teatro, destacam-se as montagens de *Apocalipse 1,11* e de *Arena contra Danton*. É coautor dos seriados *Força-Tarefa*, *O caçador*, *Supermax* e *Carcereiros*.



**Degeneração**

FERNANDO BONASSI

Record  
287 págs.

TRECHO

**Degeneração**

*Retorno pela avenida de minhas putas conhecidas, as putas de minha miséria, da miséria da nossa sexualidade oferecida, tabelada no açougue da esquina. O prédio envidralhado do hospital dos italianos, agredido pelo sol da manhã, chega a ser um alento: ele se destaca no platô do velho bairro, por cima das casas que se precipitam na baixada, escondidas elas, as casas, umas nas outras, como se tivessem vergonha do que são, ou do que abrigam.*

*lhe desprezava, constrangia nos cartórios de protesto, na décima oitava delegacia, nos quartéis da força... Isso nunca lhe fez bem à saúde... E precipitou sua queda...*

Agora era ele, o protagonista, quem botava a vergonha num saco e saía à cata dos antigos amigos do pai morto, gente que tanto desprezava, para pedir favores e liberações. Como sempre o conservadorismo precisa de bodes expiatórios para sobreviver em sua má dinâmica, sobretudo nos subúrbios, espaço tão presente na prosa de Bonassi, onde uma classe média baixa se equilibra, na medida do possível, entre a violência e a desesperança.

A síntese da sociedade, ou pelo menos de seus sentimentos mais caros, marca essa família não tão estranha quanto parece. O velho ia às delegacias assistir às sessões de espancamento. O filho narrador tenta fugir da condição de espelho, mas se afunda no sentimento mesquinho da xenofobia, do desprezo pela impossibilidade que carrega e que não o deixa dar um passo além do subúrbio. Ou seja, como num processo permanente de recorrência, a roda da vida gira para voltar ao lugar de origem. É mais ou menos como nosso ciclo histórico. Desgraçadamente estamos sempre de volta àquilo que mais nos fere e marca.

O que mais assusta nisso tudo é que Fernando Bonassi está inserido numa escola literária que podemos chamar de novo realismo, a mesma vertente de autores como Marçal Aquino e Luiz Ruffato. Como nos ensinam no ensino médio, escudados num texto de Massaud Moisés, “genericamente, o vocábulo (realismo) designa toda tendência estética centrada no ‘real’, entendido como soma dos objetos e seres que compõem o mundo concreto e social. Neste caso, é possível entrever a existência de escritores realistas desde sempre”. Destarte, se no passado a escola fez a festa de Machado de Assis e Raul Pompéia, recentemente encantou autores como Antônio Torres e Sérgio Sant’Anna e, enfim, chega revitalizada na prosa de Ferréz e Maria Valéria Rezende.

Bonassi com sua obra, sobretudo com este novo **Degeneração**, leva o realismo à sua essência mais concreta. A descrição do subúrbio, das pessoas atônitas, da violência gratuita, da desumanidade dos hospitais, da necessidade de favores e proteções antirrepublicanos, tudo enfim, descreve uma sociedade ferida e doente. No entanto, uma sociedade mais real do que sonha todas as nossas esperanças.

**Degeneração** é um livro dolorido por expor nossa impossibilidade de reação às mazelas contemporâneas. E nos deixa com saudades de Monteiro Lobato cuja maior dúvida era saber se o Jeca teria capacidade de reagir à pobreza. Como a saúva não acabou com o Brasil, chegamos aonde chegamos, infelizmente.

Bonassi nos conta isso com uma linguagem gélida, mas viva, real.

*Reclamo do tempo de espera e da inutilidade de tudo isso, já que estamos falando de quem e do que morreu, mas, para minha surpresa, o funcionário técnico de laboratório e folguista de necrotério, ele defende com veemência o suposto rigor da papelada, a burrice da burocracia, as vias coloridas acumuladas, estatísticas desperdiçadas e a perda de tempo generalizada como necessária à verdadeira prática da justiça, já que nos matamos muito uns aos outros, de fato.*

Bonassi trabalha com metáforas, e assim nos diz o quanto estamos mortos e que a queixa, mesmo ao bispo, é inútil. **U**

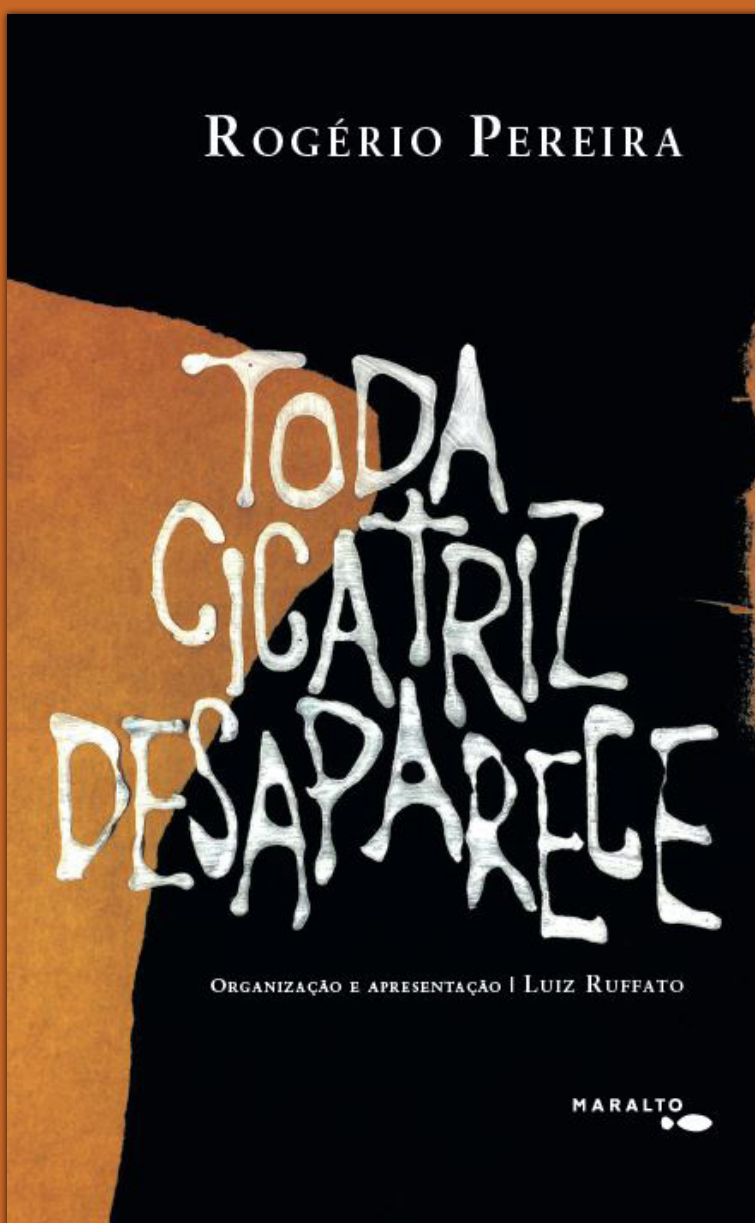
# LANÇAMENTO

MARALTO

EDIÇÕES 

“Rogério Pereira é da família dos escritores que estão sempre remexendo suas próprias feridas, que, singulares em sua manifestação, transformam-se, por conta da linguagem, em experiências comuns a um enorme contingente de pessoas. Pereira nos fornece um texto único, profundo, lírico, atemporal, que nos arrebata e comove, sem nunca ser piegas.”

Luiz Ruffato – organizador



“Carregamos todos várias marcas. Tenho uma cicatriz enorme na perna direita. O pai ostenta algumas pelo corpo — um pedaço de lenha a voar do machado, um coice de um cavalo vingativo. A mãe tinha um corte que se estendia pela sola do pé esquerdo. Meu irmão já despencou algumas vezes do telhado onde tenta ganhar a vida. Mas não há com que se preocupar: nenhuma cicatriz resiste à morte.”



**wilberth salgueiro**

SOB A PELE DAS PALAVRAS

# [QUANDO EU ERA CRIANÇA], DE BRUNA MITRANO

*quando eu era criança  
o meu pai esfregava o pau  
na minha bunda  
e depois chorava  
ele sempre chorava  
pedindo desculpas  
quando eu era criança  
o meu pai cuidava de mim  
me ensinava a ler  
a andar de bicicleta  
porque a minha mãe  
estava muito ocupada  
sendo deprimida  
o meu pai nunca deprimia  
mesmo cansado do bife  
trabalhar dezoito horas  
como motorista de ônibus  
chamava bife  
o meu pai toda noite  
ia no meu quarto  
e dizia te amo filha  
lambendo a minha orelha  
uma vez mordeu  
tão forte que sangrou  
ele chorou e pediu desculpas  
eu disse não dói pai não fica triste  
e meu pai chorou mais  
depois que eu disse não chora  
eu não entendi  
eu não entendo  
por que estou quebrando  
linhas se isso não é um poema  
é uma denúncia inútil  
agora que meu pai é velho  
e não cuida mais de mim.*

Os primeiros versos do primeiro livro — **Não** (Patuá), de 2016 — de Bruna Mitrano dizem: “abro minha guerra./ estou na sua frente./ me olha”. O terceto sintetiza com precisão o que Nina Rizzi afirma no prefácio de **Não**: “Não são — oxalá! — palavras bem-arranjadas na estante, mas palavras-potências que nascem, vivem, morrem e estão prontas a ressuscitar a cada leitura”. Assim, os poemas e as ilustrações (da própria poeta) configuram um mundo, e nele um Brasil, bem problemático, mesquinho, cruel, violento. Entre tantos temas e aspectos, o corpo, e sobretudo o corpo feminino e infantil, é objeto frequente de abordagem: abordagem no poema porque abordada na vida a menina-criança, futura mulher que deverá lidar com os traumas oriundos da arrogância e insensibilidade dos homens. Tudo isso retorna no poema [*quando eu era criança*], publicado na **Antologia Poética n. 1 – poemas para ler antes das notícias**, da Cult, com organização de Alberto Pucheu.

O poema, com estrofe única de 35 versos, conta uma história perversa e criminosa: a de um pai pedófilo. Embora a “narradora” do poema seja, no momento da enunciação, uma pessoa adulta, ela usa uma sintaxe e mesmo um vocabulário similares aos de uma criança. Tal similaridade, na verdade, se entrecruza com a perspectiva (sintaxe e vocabulário) de uma mulher madura, e desse entrecruzamento se constituem a dicção e a estrutura do poema, que começa e termina com marcações temporais: “quando eu era criança/(...)/ agora que meu pai é velho”. A filha, incessantemente assediada (“ele sempre chorava”; “o meu pai toda noite”), busca elaborar um relato que é tanto *poema* quanto *denúncia*. Feito um conto, os personagens desse poema — filha narradora, pai pedófilo, mãe

deprimida — transitam basicamente pelo espaço da casa, sobretudo o “meu quarto”, quarto da filha. O testemunho se faz de forma descritiva, deixando o leitor como se fora um psicanalista, na escuta da memória do outro.

Tal qual em **Não**, os versos de abertura impactam: “quando eu era criança/ o meu pai esfregava o pau/ na minha bunda/ e depois chorava”. A reminiscência vem de imediato, completa, categórica, sem ponderação ou eufemismo nas palavras: criança, pai, esfregava, pau, bunda, chorava. A cena (lida, ouvida) constrange, pois aciona a lembrança de que tal nefasto acontecimento é corriqueiro, diário, conhecido, a despeito da imensa subnotificação de casos. Se a pedofilia já é algo hediondo, a pedofilia cometida pelo próprio pai ainda mais hediondo é. A semelhança morfossonora entre “pau” e “pai” se confirma no campo semântico: o mundo patriarcal, falocêntrico, quer se impor à base da força, e assédios e estupros e violências de toda ordem *contra* o corpo alheio se multiplicam. O verbo “esfregar” — “roçar(-se), procurando contato voluptuosos” — comprova o gesto despudoradamente libidinoso, tocando região erógena, a “bunda”, de uma pequena criança. A informação de que o pai “depois chorava”, reiterada mais duas vezes ao longo do poema, espanta, porque provoca mal-estar, asco e dúvida: chorava, arrependido do delito (ao qual retorna)? Ou chorava porque acometido de disforia pós-coito?

Os versos seguintes desenhavam um pai “normal”, que “cuidava de mim/ me ensinava a ler/ a andar de bicicleta”, ou seja, aos olhos da opinião pública, nada de criminoso há a suspeitar. A mãe, como também se sabe tantas vezes acontecer, mesmo tendo conhecimento do que ocorre em casa, não toma uma atitude para impedir. No caso do poema, essa mãe “estava muito ocupada/ sendo deprimida”. A locução verbal “sendo deprimida” expressa ambivalência, pois indica simultaneamente que a mãe se encontra em permanente estado de depressão, assim como se vê submetida a humilhação, desprezo, silenciamento, decerto pelo marido. A criança, agora adulta, resgata da memória que o pai era trabalhador, explorado, com trampo de “dezoito horas/ como motorista de ônibus”, talvez insinuando alguma motivação para seu modo criminoso de agir, como se tivesse de “descontar” em alguém mais “fraco” (a própria filha) a opressão que sofria do modo capitalista de apropriação do trabalho. No termo “bife”, tipicamente carioca, signifi-

cando “comissão que o motorista de coletivo recebe sobre a fêria do dia”, não deixa de ecoar o sentido comum de “fatia de carne”, provocando novo mal-estar com a associação entre bife-trabalho-comissão e bife-corpo-bunda.

As cenas de assédio, violência e possível estupro se repetem, chegando a provocar ferida e sangramento (“uma vez mordeu/ tão forte que sangrou”). Sem que o poema explicita, talvez aqui se queira, metaforicamente, sugerir a perda da virgindade. O pai, sempre culpado e choroso (mas somente após o ato), é confortado pela filha, que não alcança, em sua puerilidade, a gravidade do que acontece. Se a criança não entende, tempos depois o adulto entenderá. Theodor Adorno, no aforismo 104, *Golden Gate*, de **Mínima moralia**, dirá: “Ao ofendido, preterido, uma coisa fica clara, de uma maneira tão penetrante como quando as dores agudas iluminam o nosso corpo. Ele compreende que no íntimo do amor obcecado, que disso nada sabe e nada deve saber, vive a exigência de quem não está obcecado. Ele sofreu uma injustiça; daí ele deriva a reivindicação do direito e, ao mesmo tempo, tem que rejeitá-la, pois o que ele deseja só pode vir da liberdade”. Tal movimento que traz o aforismo, com as devidas mediações, o poema realiza ao final, quando o trauma se elabora.

Se um trauma se elabora, na vida real, ao longo de um bom tempo de reflexões acerca do “passado que não passa”, no poema de Bruna Mitrano a elaboração do trauma se evidencia nos contundentes versos finais:

*eu não entendi  
eu não entendo  
por que estou quebrando  
linhas se isso não é um poema  
é uma denúncia inútil  
agora que meu pai é velho  
e não cuida mais de mim.*

A mudança do verbo no pretérito para o presente — entendi, entendo — demonstra que o lugar e tempo de que fala a criança é aqui-e-agora, ou seja, não mais infante, mas falante. A consciência do que ocorreu ganha isomorfia na consciência do fazer poético e de seu estado existencial: em “por que estou quebrando/ linhas”, o *enjambement* embaralha o sentido de quebrar como “fragmentar(-se), despedaçar(-se), romper(-se)”, em virtude do que sofreu a criança, e de quebrar como “passar para a linha seguinte”, em gesto metalinguístico, que pensa a palavra em seus modos de justiça e justiça. Porque, sendo também uma denúncia — “ato verbal ou escrito

pelo qual alguém leva ao conhecimento da autoridade competente um fato contrário à lei, à ordem pública ou a algum regulamento e suscetível de punição” —, o poema incorpora em sua forma o conflito entre o jurídico e o estético: como tratar num poema (do qual se extrai prazer) de questão tão abominável (da qual emana horror)?

A sensação que permanece, contudo, é de inutilidade (“uma denúncia inútil”), pois o tempo transcorreu, e só “agora”, com o pai envelhecido, o trauma ganhou forma de poema, “quebrando/ linhas” e quebrando bloqueios e dispositivos que prendiam a criança à autoridade e ao jugo paterno. A estrofe única e a ausência de pontuação (“eu disse não dói pai não fica triste”) procuram encenar o jorro da memória em tensão com o esforço de organizar o difuso. A situação da menina no poema recorda algo da situação da menina de **O caderno rosa de Lori Lamb**, de Hilda Hilst, com cenas de pedofilia com tio Abel, contudo a Lori de Hilst defende o pai, escritor frustrado porque vende pouco, enquanto a menina de Mitrano, resiliente, cordeira, vê o pai “lambendo minha orelha”. (O poema e o romance têm inúmeros pontos de diferença, mas não cabe aqui comentá-los.)

Na antologia **As 29 poetas hoje**, de Heloisa Buarque de Hollanda, Bruna Mitrano participa com cinco poemas, e logo o primeiro já diz: “semente de abóbora cura solitária/ quem não é/ que tem estômago pra lembrar de ser menina”. Noutros poemas, o tema da família se manifesta: “coisa de família nunca entendi/ o que é essa coisa de família”; ou em “quando você chega à idade/ de recolher as toalhas usadas/ vê o encardido nas pontas/ e percebe/ esfregando as toalhas/ (parecem de pelúcia)/ no rosto/ (parece de criança)/ que sua mãe está velha/ pra satisfazer os desejos dos donos/ da casa e que logo será você/ a satisfazer os donos/ da casa (...)”. A opressão, o assédio vêm de todos os lugares, começando pela própria casa — o próprio pai abusa da filha, criança cuja sexualidade ainda está em início de configuração e vê o corpo invadido por quem deveria protegê-la.

Retomando a reflexão de Adorno, a perversão do pai, que não consegue controlar seu desejo e fetiche, produz uma criatura, a filha, que, ofendida pela obsessão alheia (do pai), cresce e “descobre” a injustiça sofrida. A reparação da ofensa, física e psicológica, vem na forma de poema-denúncia, que, para o filósofo, pode se chamar “liberdade”, quando o trauma — sem desaparecer — se atenua, e o pai (o dono da casa, o opressor, o pedófilo, o estupra-dor) se torna algo “velho”, gagá, decrépito, coisa, mero nada. Os poemas de Bruna Mitrano são intensos e “ressuscitam a cada leitura” (Nina Rizzi), ao contrário de pais como estes que, fracos e covardes, desprezíveis feito um dois de paus, morrem a cada vez que molestam uma criança. 🗨



# inquérito

CARLOS MACHADO

## A DIREÇÃO CERTA DO VENTO

Com apenas 45 anos, Carlos Machado é um veterano da literatura curitibana. Há pelo menos duas décadas ele vem alternando entre a publicação periódica de narrativas longas (que chama de novelas) e breves, em livros como **Poeira fria** e o recente **Flor de alumínio**.

Com uma literatura calcada na autoficção, ele herdou de autores como Cristovão Tezza e Dalton Trevisan a visão mordaz, mas também generosa, sobre Curitiba e seus personagens.

Machado é daqueles autores que se alimenta, em grande parte, da própria literatura. Tem fama de ser um ótimo leitor. Mas em sua ficção a velha observação da vida comezinha é também um elemento fundamental.

E assim, entre a corrida de uma maratona, um café no centro de Curitiba e o olhar atento para as contradições da cidade fria, Carlos Machado constrói uma interessante trajetória de escritor e leitor.

### • Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Antes de ser escritor, sou leitor. Os primeiros contatos com a ficção vieram com os livros da coleção *Série Vagalume* (uma influência geracional, por certo), depois disso, os caminhos ficaram expostos. Bastava escolher por qual porta atravessar: a *Sociedade dos poetas mortos*, “o beijo, amigo, é a véspera do escarro”, **Jovem Werther** e o **Vampiro de Curitiba**. Então, no dia em que terminei a leitura de **Trapo**, de Cristovão Tezza, caminhei até a praça Osório, em Curitiba, sentei-me em um banco e comeci a inventar as vidas de quem passava por mim.

### • Quais são suas manias e obsessões literárias?

Sempre anoto as ideias que vão aparecendo no meio do caminho. Quer sejam frases, palavras soltas, imagens, possíveis enredos, cores, espaços, cheiros etc. Porém, essas informações só se tornam parte da minha ficção, se ao escrever um texto, elas ressurgem sem que eu as procure, portanto, sem ler as anotações feitas. Ou seja, se elas não caem em minha memória, é porque não eram relevantes como eu havia imaginado.

### • Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Um de meus professores na faculdade, o escritor Paulo Venturelli, dizia: leiam de tudo, a todo momento, de bula de remédio à literatura russa. Bem, digamos, imprescindíveis são todas as leituras possíveis.

### • Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

Esse livro não existe.

### • Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

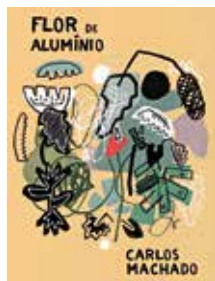
Passo muito tempo com as histórias, frases ou imagens circulando em minha cabeça, memória e tato. Nesse momento, as circunstâncias são muitas, e é isso que faz com que nasçam possibilidades. Porém, para transformar essas ideias em textos escritos, é necessário esperar por aquele momento em que não exista outra opção, a não ser escrever, nem que isso custe noites em claro, dores nas costas, e olhos cansados.

### • Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Qualquer momento em que se possa voltar para o silêncio, mesmo que esteja no meio de uma multidão ou sentado em um café ao lado de outras pessoas conversando pode ser uma circunstância ideal. Portanto, esse *ideal* é muito mais um espaço psicológico, do que físico.



DIVULGAÇÃO



### Flor de alumínio

CARLOS MACHADO  
Arte e Letra  
140 págs.

### • O que considera um dia de trabalho produtivo?

A criação literária tem diversos momentos, e todos têm importância no resultado. Entretanto, captar a percepção de uma experiência é fundamental. E quando essa (re)invenção da realidade acontece, por menor que seja, considero produtivo. Importante é ficar sempre atento e identificar a direção do vento.

### • O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Quando o narrador assume o controle do texto e dispensa o autor, joga-o de lado e o deixa como coadjuvante. Nesse ponto, sei que o conto ou a novela vão acontecer.

### • Qual o maior inimigo de um escritor?

A sua imaginação. Pode parecer estranho, mas quando escrevemos, sempre pensamos no leitor ideal. Esse leitor, não existe necessariamente na vida real, mas se o escritor deixar, é ele quem impõe o que (e como) deve ser escrito.

### • O que mais lhe incomoda no meio literário?

As pessoas que se esquecem que literatura se faz com livros e leitores.

### • Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Marcio Renato dos Santos.

### • Um livro imprescindível e um descartável.

Imprescindível: **Cemitério de elefantes**, de Dalton Trevisan. Descartável: **O nome da rosa**, de Umberto Eco.

### • Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Linguagem hermética, pomposa, cheia de nove horas... Mas o contrário também, o descuido, o marasmo, a falta de originalidade.

### • Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Caso houvesse assuntos que não entrassem em minha literatura, isso já seria um assunto. Portanto, não há limites.

### • Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

No quilômetro 41 da minha primeira maratona. O problema é que eu não me lembro qual foi a ideia...

### • Quando a inspiração não vem...

A inspiração é um impulso que deve ser alimentado (é trabalho), e se assim o for, ela volta, mais cedo ou mais tarde.

### • Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Em junho de 1959, estive na casa de Boris Vian. Sentamos em uma das diversas mesas que ele mantinha no terraço de seu apartamento em Montmartre, exatamente em cima da boate *Moulin Rouge*, e tomamos um café *crème* com croissants. Como ainda era cedo, a cidade estava silenciosa, dessa forma, foi um convite para que ele puxasse seu trompete e mostrasse uma de suas canções de jazz. O barulho do instrumento e a empolgação com que ele tocou a melodia chamou a atenção de seu vizinho, Jacques Prévert, que se juntou a nós. Isso foi há poucos dias antes de sua morte, aos 39 anos de idade.

### • O que é um bom leitor?

É aquele que não lê apenas com os olhos, mas entende as nuances que existem por trás de cada palavra, cada ideia. É preciso aceitar que as percepções são múltiplas e necessárias e, dessa forma, se deixar envolver por elas. Um bom leitor nunca termina a leitura de um livro da mesma forma que começou.

### • O que te dá medo?

De ficar parado no mesmo lugar, como um punhado de poeira fria estacionada por cima dos móveis de uma casa. Importante é deixar alguém bater no sofá ou passar o espanador para que o pó se movimente, nem que depois caia no mesmo lugar. Será sempre diferente. Caso contrário, acaba.

### • O que te faz feliz?

Podar sair do meu apartamento, dar voltas pelas ruas, subir em um ônibus, embarcar em um avião, caminhar por outras cidades, tomar um café, correr uma maratona, observar e inventar vidas e depois desse tempo, voltar para o mesmo lugar de onde saí, mas nunca o mesmo.

### • Qual dúvida ou certeza guia seu trabalho?

A certeza de que apenas com dúvidas é que se pode escrever.

### • Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Quando um atleta está correndo uma maratona, existe um determinado momento — que varia de pessoa a pessoa — em que ele atinge “um muro”. De uma hora para outra, a energia fica extremamente escassa... Fazendo uma comparação com a escrita, quando atinjo esse muro, é que cheguei ao meu limite, usei praticamente toda a energia que tinha para escrever o texto. Mas é preciso seguir até cruzar a linha final (seja ela qual for).

### • A literatura tem alguma obrigação?

Se a literatura tem uma obrigação, é a de não ter obrigação. A arte deve ser livre, sempre. O autor de ficção tem um leque infinito nas mãos, sem limites.

### • Qual o limite da ficção?

A literatura nos permite e nos possibilita que olhemos para a imagem do outro lado do espelho, e que também possamos revelar os negativos preto e branco de uma fotografia. Assim, sentimos as cores, pensamos passarinhos, ficamos árvores (citando Manoel de Barros), cheiramos o barulho, respiramos o silêncio.

### • Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Eu o levaria na esquina entre as ruas Ubaldo do Amaral e Amintas de Barros, no Alto da XV. Na casa do Vampiro de Curitiba.

### • O que você espera da eternidade?

A eternidade pode me levar inteiro. Sem mais. Só não pode me tirar as lembranças, ainda que incertas. Nem que, para isso, eu tenha que ressonhar tudo outra vez. Pedra por pedra. Palavra por palavra. E não faria diferente. **●**

# Épico de almas

**Vinco**, de Manoela Sawitzki, desliza a linguagem por diferentes ritmos, entonações e traumas

LUCIANA TISCOSKI | FLORIANÓPOLIS - SC

A personagem Manu, narradora de **Vinco**, terceiro romance de Manoela Sawitzki, sugere em determinado momento que a busca pela origem etimológica das palavras lhe soa acadêmica e inútil. Essa impressão que Manu deixa escapar em seu pensamento surge de uma conversa com outra personagem instigante e enigmática, “uma usina furiosa de vitalidade”, Giorgos, o grego imigrante que pesquisa Jean Genet numa Paris odiosa e paradoxal. O diálogo entre os dois é deliciosamente conduzido pela escrita lúcida e espontânea da autora, num trecho que percorre o drama familiar e repete o trauma fundante de Manu. A frase de Giorgos é sintomática e certa: “a família é a primeira célula criminal”.

Mas voltando à questão da etimologia das palavras, gostaria de comentar a escolha, nunca aleatória, do título. Buscando pela origem de **Vinco**, que pode ser do latim ou “obscura”, há uma clara alusão a vestígios ou traços no corpo pela ação de algo externo, “qualquer marca, ranhura ou vergão deixado na pele ou sobre uma superfície pela ação de um objeto contundente”; “marca profunda e permanente”. O título é prenúncio desse trauma persistente no corpo de Manu e de outras personagens — especialmente as estigmatizadas pelas violências de gênero — carregadas de bestialidades e ausências desde a infância, e que incorporam matizes e profundezas no decorrer da vida, das relações, dos encontros com outras pessoas, outros lugares, outras injustiças e angústias, adensadas

pelos dores do não pertencimento. E apesar da repetição do real, de todas as agressões sofridas por silenciamentos e pela ação contundente da rejeição ou do abuso sexual, Manu não guarda apenas dores, sua história é de resistência, de amor, de enfrentamento.

O narrador — transmutado em Ela, em Ewa, em Giorgos, que pode incorporar a avó libertária, o pai reprimido, a mãe ausente, as três putas chinesas nos becos parisienses — seduz quando se olha no espelho. E malgrado a alopecia que vinca sua vaidade mais feminina, veste-se com as cores das ruas, das *crossdressers* que fascinaram Manoela Sawitzki em sua pesquisa para o livro. Como a própria autora relata, são experiências na linguagem e no corpo, certamente colhidas com cuidado e seriedade, com o afeto necessário a uma pesquisadora que tece um mosaico de memórias preciosas demais para serem expostas sem a linguagem exata, na medida do merecimento dessas personagens e histórias, um mosaico tecido na pele das palavras.

## Pessoas comuns

Do Rio de Janeiro, passando por Paris e adentrando Pernambuco até a distante Tacaratu, **Vinco** é também um romance de pessoas comuns, de diálogos que fagam as palavras como se fossem feitas de carne, deslizando a linguagem por diferentes ritmos, entonações e traumas. Com a mesma fluidez com que Manoela nos apresenta uma “novela familiar” no Rio de Janeiro, somos levados a sentir a hostilidade repelente de Paris aos estrangeiros *d’origine* outra

## A AUTORA

### MANOELA SAWITZKI

Nasceu em Santo Ângelo (RS), em 1978. É escritora, dramaturga e doutora em literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio. É autora dos romances **Nuvens de Magalhães** (2002) e **Suíte dama da noite** (2009) — também lançado em Portugal e na França — e de contos publicados em antologias no Brasil, na Argentina e na França.



### Vinco

MANOELA SAWITZKI  
Companhia das Letras  
256 págs.

## TRECHO

### Vinco

*Além de se confundir com meus traumas, o Rio não podia ser separado da minha primeira impostura. Quem eu fui e o lugar que ocupei naquela cidade, o que sobrou do meu clã degradado depois que o melhor e o pior se extinguíram, o namoro que tinha se tornado “confortável demais” (e por que alguém em sã consciência fugiria disso?), um punhado de amigos com a validade vencida, um país que cambaleava, mal acordado do coma, uma língua que se oferecia como uma vitrine de doces a um diabético.*

que não seja a francesa. Marcadamente, é claro, direcionada àqueles oriundos de países que não fazem parte dos escolhidos pelo IDH capitalista exploratório, discriminatório, imperialista, enriquecidos desde os primórdios pelas desposições de todos os tipos.

O retorno do real no/na narrador/narradora Manu é prisma de muitas imagens, rostos de muitas pessoas LGBTQIA+ também vincadas, que procuram com insistência uma existência possível para o erotismo de seus corpos. Falo do erótico aqui como evocou Audre Lorde, como um recurso enraizado no interior de sentimentos ainda não pronunciados ou reconhecidos, um poder “profundamente feminino e espiritual”. Lembrando que, para se perpetuar, “toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança”.

O poder evocado por Manoela Sawitzki em **Vinco** é justamente o de expor a necessidade humana, com seus componentes psíquicos e emocionais, acima da lógica do lucro e da exclusão. Pois, ainda com Audre Lorde, “o maior horror desse sistema é que priva de nosso trabalho seu valor erótico, seu poder erótico, e rouba da vida seu interesse e plenitude”.

Por fim, tomo emprestada a declaração “deslumbrada” de Laerte na contracapa de **Vinco**. Trata-se muito mais do que uma narrativa que toca às pessoas trans, “é uma cena enorme, com países, continentes, universos e tempos. É um épico das nossas almas”. **📖**

 **noemi jaffe**  
GARUPA

# JOGAR CONVERSA FORA

**D**igressões são desvios da rota principal, movidas por lembranças, associações, surpresas e acasos, que levam o leitor a passear gratuitamente por caminhos vicinais. Acho bonito esse adjetivo “vicinal”, que representa a qualidade de ser vizinho. Pois então, as digressões são as vizinhas do fio central da narração e, como toda vizinha, elas gostam de fofocar, ir além do estritamente pragmático começo-meio-fim, sentar na varanda do texto e jogar conversa fora.

“Jogar conversa fora”, aliás, é uma das atividades mais saudáveis do convívio humano, já que as conversas úteis são, quase sempre, desinteressantes, por portarem apenas um único objetivo, obrigadas a usarem uma venda lateral para não se distraírem. Esse é o caso, por exemplo, dos livros cujo maior interesse é levar o leitor a um desfecho surpreendente. Diante do utilitarismo que tem tomado conta de tudo, do comércio aos amores, “jogar conversa fora” é um ato revolucionário por sua inutilidade. E, aliás, é da inutilidade que surgem descobertas científicas, inventos tecnológicos, a arte e o sexo.

Como com tudo na vida, a parte mais atraente é o processo e não a chegada, já que esta última pode sempre mudar em função da maneira como o processo é conduzido. O melhor da escrita é ser surpreendido pelas narrativas vicinais e, por causa delas, ir constantemente transformando as ideias que tínhamos.

Outros termos utilizados em português para se referir ao processo digressivo cotidiano é “falar abobrinhas” ou “encher linguiça”, expressões que sintetizam, pejorativamente, essa atividade fundamental da espécie. Falar abobrinhas remete à ideia de tratar de assuntos menores e desconectados, como o cabeleireiro, o último filme, o último caso, misturando receitas de comida com receitas de médico, insatisfações conjugais, medos e a cor do esmalte. Já encher linguiça se refere mais à prática de recheiar uma conversa ou um texto com coisas consideradas desnecessárias.

Mas quem determina o que é necessário e o que não é? O hábito.



Ilustração: **Eduardo Mussi**

Somos determinados pelo hábito, desde a mesa no centro da sala de visitas com livros de capa dura, até a composição das frases que dizemos e escrevemos, passando pelo sonho de um emprego estável e uma família com dois filhos, uma menina e um menino. Esperamos que as frases de um livro sigam determinada rota, que cumpram sua função de nos levar à frase seguinte, dando continuidade à frase anterior e achamos (sem saber por quê) que essa é natureza das frases, que elas já nasceram assim. Por isso, quando lemos li-

vro de Gertrude Stein ou Oswald de Andrade, por exemplo, a reação sintomática é rejeitá-los por estranhos. É compreensível: “estranho” significa “de fora” ou “não pertencente” e o instinto pede que cada um se proteja daquilo que não pertence ao grupo. Acontece que nós, como humanos esclarecidos, deveríamos observar essa reação primária e pensar: “mas por que rejeito o estranho?”, “não é preconceito da minha parte?”, “será que esse estranho não está a me trazer algo novo, surpreendente, algo que poderia me renovar?”.

Saio para ir ao trabalho: tenho um horário e, por isso, meus gestos são todos cronometrados. Preciso sair de casa às 8h para chegar lá às 9h30. Na rua, no caminho para o ônibus, encontro um cachorro abandonado, aparentando estar doente e faminto. Se der atenção a ele, perco o horário. Decido levá-lo a um veterinário próximo dali, o cachorro melhora, eu o adoto, tenho um companheiro que está comigo há oito anos. Mas faltei ao trabalho e corri o risco de perdê-lo. É assim com as frases também.

No dia 7 de setembro de 1876, os leitores de Machado de Assis são convidados, pelo autor, a comemorarem mais um aniversário do grito do Ipiranga.

“Grito do Ipiranga? Isso era bom antes de um nobre amigo, que veio reclamar pela *Gazeta de Notícias* contra essa lenda de meio século.” E Machado prossegue versando sobre a História Romana, a insignificância de um nome como Numa Pompílio para a civilização moderna, Lucrecia, Tarquínio, tudo para concluir que lendas são melhores do que histórias autênticas. Por que ele propõe esse desvio, um dos traços mais comuns em sua literatura?

Tim Ingold, antropólogo inglês, fala sobre dois tipos de caminhada: a “caminhada labirinto” e a “caminhada dédalo”. Na primeira, quando perdidos, vamos em busca de uma saída, calculando a mais rápida e prática. Já no segundo tipo de caminhada, estamos perdidos, mas, distraídos de uma saída, começamos a prestar atenção aos becos, às ruas de mão dupla, às pichações, às caçambas, às pessoas que passam, às coisas jogadas no chão: Tarquínio, Lucrecia, Roma Antiga. Caminhada com resultado ou caminhada em nome de si mesma.

Ao optar pela segunda, o escritor se permite passear pelos bosques da ficção, capazes de revelar a si mesmo e ao leitor inutilidades revolucionárias, como lapsos, dúvidas, conexões inesperadas, palavras há muito esquecidas, personagens novos. Quando Guimarães Rosa, amante do inútil, descreve Nhinhinha como alguém “inábil como uma flor”, adjetivo pouco usado para se referir às flores, ele tece o elogio da inabilidade e atribui a ele, inclusive, a razão para o poder de Nhinhinha de fazer seus desejos se realizarem. Tudo o que ela deseja é inútil e, caso adquira alguma utilidade (como fazer chover para fertilizar o solo), o desejo não se realiza. O poder de Nhinhinha se deve a sua distração: ela só quer o que não serve para nada.

Abastecer a literatura de nada, distrair-se (sair dos trilhos) do trajeto previsto e jogar conversa fora é matéria literária.

Que pelo menos a literatura nos liberte da conspiração triangular: rápido, prático e útil. **📖**

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

# O ATO DA ESPERA

Os prazos editoriais quase sempre enlouquecem os que neles estão enredados e, o que é o cotidiano deste meio, torna-se superlativo quando o tema do columnista é política pública em um país que somente conhecerá seu destino vinte dias após essas linhas terem sido escritas.

Nesse contexto é inevitável rabiscar os desenhos das possibilidades tendo como bases reais a história presente e passada, imaginando o que poderemos evitar e o que provavelmente iremos enfrentar se a votação popular consagrar a pior opção do ponto de vista da democracia, da inclusão social e do desenvolvimento sustentável.

Tudo estaria quase perfeito nessa formulação de hipóteses futuras se não estivéssemos no Brasil após seis anos de um golpe antidemocrático e regressivo que trouxe às claras as estruturas mais perversas de nossa história, como o autoritarismo, o escravismo, o racismo, a xenofobia e o engodo como prática política. Soma-se ao difícil Brasil o nosso planeta, que vive uma profunda crise econômica, social e de valores que ainda requer um entendimento das ciências políticas, sociais e filosóficas.

Para quem já viveu e estudou algumas décadas, retornam agora à mente as muitas análises de várias correntes à esquerda ou conservadoras, pensadores que refletiram sobre o nosso mundo pós Segunda Guerra Mundial que arquitetou uma sociedade que parece se consolidar para alguns, mas, que para outros, parece estar a um passo de sua derrocada fatal.

Pressionados pela liquidez imediatista das respostas curtas e rápidas, os cidadãos comuns, principalmente aqueles poucos que são privilegiados pelo acesso e compreensão das diversas leituras, se veem hoje encurralados nas possibilidades mais assustadoras que lhes trazem imagens de um passado recente quando o pior dos seres humanos veio à tona deixando um rastro de ódio, perversidade e morte.

Não é para menos os muitos espantos que nos deparamos cotidianamente. Afinal, como o não especialista em política poderia vislumbrar o renascimento do fascismo e do nazismo como possibilidades de governo, ainda mais apoiados por parcelas consideráveis da população em plena terceira década do século 21? Ou

que, aquilo que o mundo ocidental considerou até há pouco tempo um modelo político reservado apenas a países do oriente, considerados atrasados social e politicamente, como os regimes dos aiatolás e suas teocracias comandando os Estados, estivesse ascendendo tão rapidamente em partes do ocidente, inclusive no Brasil, com as igrejas e seus comandantes impondo seu poder no Estado liberal e laico?

Inúmeros exemplos de regressões de várias ordens, que implicam perda de direitos civis e democráticos, grassam por este mundo e em nosso país justamente no movimento ascendente das tecnologias que desnudam em tempo real o presente e o passado a um toque de dedos, bastando o acesso à virtualidade da internet. Não podemos nem alegar desconhecimento da história porque canais de acesso aberto mostram com profusão todos os fantasmas do passado que voltam a nos atormentar social e individualmente.

Resta-nos perguntar se a maioria compreende essa abundância de informações que recebe e, compreendendo-a, exerce com consciência seu direito à crítica ou à adesão. O tema é vasto, tratado em variadas perspectivas, mas as reflexões sobre o tema do público e do privado e da crise da ideia de política, tem me atraído particularmente e me levado a leituras ou releituras de autores instigantes que formularam raciocínios seminais e que não podemos desconsiderar quando procuramos entender o atual estado da arte das relações humanas. É inevitável pensar em alguns deles nesses dias de espera. E se a espera é angustiante, as possibilidades ou impossibilidades de vários pensadores que leio são igualmente angustiantes ao nos demonstrarem o tamanho de nossos problemas civilizatórios.

De autores liberais clássicos, como Tocqueville e suas reflexões sobre os males do individualismo que afastam os homens das virtudes da esfera pública, chegando a contemporâneos como Richard Sennet, Daniel Innerarity, Zygmunt Bauman, entre outros, várias leituras iluminam aspectos que dialogam entre si ao apontar tanto o fenômeno do repúdio à ideia de coletividade, de comunidade, de polis, quanto a inseparabilidade deste distanciamento do comum com a construção de in-



Se a humanidade e, particularmente, o Brasil conseguirem dar esses passos recuperadores na política, poderemos vislumbrar a perspectiva de uma sociedade do diálogo, da democracia, da inclusão, do reconhecimento das diversidades.

divíduos cada vez mais alienados pela própria dinâmica do desenvolvimento capitalista.

Nesse contexto, e como assinala Sennet em seu famoso livro **O declínio do homem público** (Record, 2014), ao celebrar o gueto, o isolamento, a “experiência humana íntima e local”, o que se perde “é a ideia de que as pessoas só podem crescer através de processos de encontro com o desconhecido. (...) O amor pelo gueto, especialmente o gueto de classe média, tira da pessoa a chance de enriquecer as suas percepções, a sua experiência, e de aprender a mais valiosa de todas as lições humanas: a habilidade para colocar em questão as condições já estabelecidas de sua vida”.

Leio essas reflexões sobre a apologia da crítica à ideia de comunidade, de coletivo, de sociedade que molda as pessoas e rebaixa o cidadão, como a antítese da ideia de política que só é genuína e digna de ser quando sua dinâmica é a revolução da própria política.

Não é à toa que o ódio a pensadores como o educador Paulo Freire está tão disseminado pelo atual governo defensor das meritocracias e da exaltação de governantes “gerentes”. Odiá-lo é eliminar ou tergiversar sobre o lugar e a pertinência necessária do cultivo à única política possível, aquela que existe para questionar, dialogar, conhecer e transformar. Não nos esqueçamos da primeira frase de Freire em seu seminal **Educação como prática da liber-**

**dade** (Paz e Terra, 2021): “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. A revolução educacional e a visão social de Freire têm os pés firmes na verdadeira ideia de política, a que demonstra sólida opção pelo diálogo não autoritário, pelo reconhecimento dos conhecimentos diversos dos homens e pela absoluta adesão à ideia de comunidade de sujeitos: “... na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador.” (**A importância do ato de ler**, Cortez Editora, 2021)

Nada mais distante de Freire do que a dura realidade demonstrada pelo livro de Bruno Paes Manso, **A república das milícias** (Todavia, 2020), que na sua página final dispara: “Bolsonaro venceu a eleição de 2018 porque parte dos brasileiros foi seduzida pela ideia de violência redentora. Diante da crise econômica e da descrença na política, os eleitores escolheram um justiceiro para governá-los”.

Neste entreato de quem espera os resultados de seu destino, penso que recuperar a ideia de política como possibilidade única de viabilizarmos as relações humanas é uma batalha possível e que não podemos perder. Josep Ramoneda, prefaciando o livro de Innerarity (**A política em tempo de indignação**, LeYa, 2017), sintetiza isso em três ideias de uma possível construção: “a política como único poder ao alcance dos que não têm poder”; “não há pior fantasia do que a de uma sociedade sem política e com Estados limitados às funções de controle e vigilância” dando espaço para as máfias, o crime e poderes não democráticos; “o grande desafio da política é manter autonomia em relação aos poderes econômicos, estabelecendo limites...”.

Se a humanidade e, particularmente, o Brasil conseguirem dar esses passos recuperadores na política, poderemos vislumbrar a perspectiva de uma sociedade do diálogo, da democracia, da inclusão, do reconhecimento das diversidades e do desenvolvimento ecologicamente sustentável. Sem isso, será a barbárie estabelecendo o imponderável. **📌**

abertura

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

**paiol**  
LITERÁRIO



palco de grandes ideias

**11<sup>a</sup>**  
temporada

**ANDREA  
DEL FUEGO**

9 de novembro,  
às 19h30, no YouTube



Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário  
e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

[paiolliterario.com.br](http://paiolliterario.com.br)



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



# Nos intestinos da ESCRITA

Miguel Sanches Neto narra em forma de diário a saga para escrever o romance **O último endereço de Eça de Queiroz**

MIGUEL SANCHES NETO  
| PONTA GROSSA - PR



O AUTOR

MIGUEL SANCHES NETO

É doutor em Letras pela Unicamp, professor associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná). Estreou nacionalmente com **Chove sobre minha infância** (2000), um dos primeiros romances de autoficção da literatura brasileira. Autor de dezenas de livros em vários gêneros, destacam-se os romances **Um amor anarquista** (2005), **A máquina de madeira** (2012), **A segunda pátria** (2015). Acaba de lançar **O último endereço de Eça de Queiroz** (Companhia das Letras) e sua poesia reunida **A ninguém** (Patuá). Finalista dos principais prêmios nacionais, recebeu o Prêmio Cruz e Sousa de 2002 e o Binacional de Artes Brasil-Argentina, de 2005.

Ilustração: **Fabio Miraglia**

Um livro em potencial persegue o escritor. Durante sete anos, desde o período sabático que passei em Portugal, imaginei este romance que só consegui escrever quando tinha pouquíssimo tempo disponível, dada minha condição de reitor de uma universidade pública. Como mantenho um diário, é possível acompanhar aqui as alegrias e as agruras do romancista que desempenha em paralelo outra profissão.

## NASCE A IDEIA PARA O ROMANCE

**24 de agosto de 2015**

(Braga, Portugal)  
Projeto de um romance sobre Eça. Um jovem escritor passa um tempo em Portugal.

**27 de agosto de 2015**

À tarde vaguei pelo centro de Braga e fiz fotos dos poemas de um autor que se apresenta como Homem Mudo. Na cidade com tantas placas informativas nos prédios de interesse histórico, seus poemas cumprem uma função crítica.

**4 de setembro de 2015**

Inauguraram em Lisboa uma casa-museu-hospedagem em que o turista pode dormir na cama em que Saramago se encontrava com Isabel da Nóbrega.

**1º de outubro de 2015**

Vou colhendo impressões para o romance sobre Eça. Por enquanto, resta-me apenas uma escrita imaginária, que se desfaz em minha memória.

**13 de outubro de 2015**

(Lisboa)  
Pela manhã, visitei o apartamento em que Saramago viveu anos com Isabel da Nóbrega. Está em estado precário, o que denuncia o aban-

dono afetivo em que sua ex-companheira envelheceu, enquanto via crescer o renome do escritor que ela ajudou a formar. A conta de água ainda vem no nome de Saramago.

**30 de novembro de 2015**

Madrugada de insônia. Foi nesta roleta de pensamentos inquietos que se definiu melhor o projeto do romance sobre Eça, que saiu do imaginário turístico, dando lugar a Saramago.

**27 de maio de 2016**

Voltamos faz pouco tempo de Baião, no Douro. Visitei a casa que guarda móveis e outros pertences de Eça. Não é a casa em que ele viveu. Apenas passou algumas noites nela. Não é também o endereço de um antepassado de sangue.

**30 de maio de 2016**

Sonho com Saramago. Por quê? Não sei, faz tempo que não releio seus livros. Talvez já seja o romance, estou dentro da ficção que ainda vou inventar.

**20 de julho de 2016**

(Baião)  
Ontem foi um de meus melhores momentos em Portugal. Refiz o Caminho de Jacinto, dentro do romance **A cidade e as serras**.

## A ESCRITA DO ROMANCE SE IMPÕE

**18 de março de 2018**

Hoje li uma crônica de convocação de espíritos — prática comum no século 19. Eça também participava destas tentativas de contato com o além. Veio-me a vontade de retomar a ideia do romance.

**15 de julho de 2019**

Desde que li uma matéria de um rapaz que largou o emprego para fazer uma oficina em Paraty, na Flip, e assim se tornar escritor, tive a intuição de que este era o perfil que eu precisava para meu projeto e, na tarde livre — recesso na universidade — escrevi as primeiras páginas do livro.

**16 de julho de 2019**

Já não tenho vida. Todo o tempo destinado ao romance picaresco. O narrador se chama Rodrigo S. M e está se revelando um personagem potente. Hoje, mais um capítulo. Depois do almoço, dormi em um cobertor sob minha mesa de escrita, sonhando o romance. Meu tempo é dele. Minha filha me disse que havia muito não me via tão alegre.

**21 de julho de 2019**

Terminei o terceiro capítulo, começado na quarta à tarde. O narrador, mentiroso compulsivo, se torna ao mesmo tempo risível e comovente. Minha ideia é passar do humor para o drama profundo no final. Mas o livro ainda não tem contornos, apenas uma direção.

**26 de julho de 2019**

Aproveitei para não sair de casa e me dediquei ao novo capítulo. Rodrigo S. M. chega a Lisboa. Eu não sabia por onde começar, ficava dando voltas mentais sem a menor ideia da primeira frase. Sou um escritor que precisa da primeira frase. Mexendo em um papel onde tomei notas sobre diversos assuntos, encontro a continuidade do romance: “Não desci em Lisboa, desci na língua portuguesa”. E a narrativa seguiu estas palavras.

**27 de julho de 2019**

O mais difícil em um romance igual a este é que não tenho a história. Ela se acumula em parcelas.

**28 de julho de 2019**

Levantei às 4h e vim para a biblioteca revisar o capítulo de ontem. São os personagens que jogam para a frente a narrativa. A entrada da catalá Txel na história deu ao romance uma nova dinâmica.

## O RISCO DE ABANDONAR A ESCRITA

**4 de agosto de 2019**

Todo o tempo livre que tenho dedico ao romance. O livro vai na frente, eu o sigo. Enquanto escrevo, a mão alegre sobre o teclado, surgem personagens e cenas.

**17 de agosto de 2019**

Fechei um capítulo iniciado dias atrás. Na hora de recomeçar, o medo de não conseguir. A retomada por isso é lenta. Mexemos no que já está escrito e quando menos percebemos o texto corre solto, levando-nos a lugares desconhecidos.

**31 de agosto de 2019**

Não saí de casa nem para ir ao jardim. O dia todo mergulhado em mim. O que significa mergulhado no romance novo. Em meio a tantas preocupações com a universidade, o romance me convoca a todo momento.

**2 de setembro de 2019**

Convivendo com o novo capítulo. Imagino cenas, escolho lugares, construo mentalmente frases, embora não tenha tempo de escrever durante a semana. Apenas no sábado posso dedicar um dia inteiro à história e, no domingo, meio dia para a revisão.

**21 de setembro de 2019**

Acordei de madrugada e vim para a biblioteca. Tentei retomar o romance no qual não mexo há uns dez dias. Não consegui nem abrir o arquivo. Fiquei fazendo outras tarefas e só às 10h30 entrei na história.

**22 de setembro de 2019**

Stephen King, em suas vinte regras para escrever, diz que a produção de um romance não pode ultrapassar três meses. Um tempo plausível para quem só é escritor. No meu caso, será um ano de trabalho, com as interrupções inevitáveis.

**13 de novembro de 2019**

Dias de muito trabalho na universidade. O escritor mora longe. Sobram para ele as horas mais improváveis, quando não tem mais força.

**19 de novembro de 2019**

Leio o romance **As mãos e as luvas**, de João Gaspar Simões, uma ficção perversa baseada em seu casamento com Isabel da Nóbrega (que depois viveria com José Saramago), e que no livro se chama Albertina, Tininha.

**2 de janeiro de 2020**

Hoje trabalhei a manhã toda na revisão, com muito medo no início. O narrador criminoso e lírico do livro vai causar revolta. Acho que entrei de novo no livro ou ele entrou em mim.

**4 de janeiro de 2020**

Revisei a parte escrita do romance e hoje escrevi um episódio totalmente histriônico. O narrador é um falastrão que mente o tempo todo, ora é burro, ora inteligente. Tenho que manter esta dubiedade até o fim.

**5 de janeiro de 2020**

O livro chegou a um impasse. Como ele tem algo folhetinesco, posso agregar novos episódios à vontade. Tenho apenas que cuidar para definir para onde ele vai crescer. Restam-me cinco dias de férias para tentar concluir.

**6 de janeiro de 2020**

O capítulo escrito ontem — *Carta a Tininha* — me agradou. Deveria estar feliz, mas estou sem vontade para nada. E isso interfere em minha imaginação. Pela primeira vez, não sei para onde conduzir o relato.

**16 de janeiro de 2020**

Achei a continuidade. O narrador vai ser cooptado para uma festa de nazistas por ser um ariano careca. Dia do aniversário de Hitler.

**22 de janeiro de 2020**

Tomei nota do próximo capítulo sem a menor vontade de trabalhar nele. As anotações em uma folha avulsa me olham e me acusam, com uma raiwa que me assusta.

**23 de janeiro de 2020**

Tirei um novo capítulo do buraco negro onde moram as histórias não escritas. E estou novamente em um impasse. Não sei para onde enviar meu personagem cínico. Estes intervalos surgem para que eu tenha tempo de imaginar a continuação.

**22 de fevereiro de 2020**

A história quer ser escrita. Não sou maior do que ela.

**23 de fevereiro de 2020**

Para incluir Braga nos lugares literários, reli **O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor**, de Luiz Pacheco. Saiu um capítulo apimentado para entrar no estilo de Pacheco. Fiz uma abordagem erótica da Nossa Senhora do Leite, imagem que está na Sé, a mais antiga catedral do país.

**24 de fevereiro de 2020**

O romance exige um realismo de estrutura. O leitor lê melhor quando o resultado final tem a mesma ordem da escrita. O segredo de um texto ágil é a produção comandada por um vetor narrativo.

**27 de fevereiro de 2020**

Depois da janta, com o resto de energia que tinha, escrevi 707 palavras do romance. Ele está com as brasas vivas, é só assoprar.

**O ROMANCE ENTRA NA PARTE FINAL****26 de março de 2022**

Em meio à crise da pandemia, dediquei-me à escrita do romance, terminando o primeiro capítulo da parte final. O narrador está se transformando em um alguém mais humano.

**29 de março de 2020**

Noite mal dormida, mente em atividade, expandindo-se. Quando eram 16h30, mais um capítulo estava rascunhado. Parei o trabalho para conviver um pouco com a família.

**1º de abril de 2020**

São 22 horas e começo meu plantão literário. Não sei o que conseguirei escrever neste estado de exaustão. Tomei banho e me troquei para me dedicar ao romance.

**8 de abril de 2020**

Nestes dias de muito trabalho online na universidade, não consegui me dedicar ao romance. Escrevi uma página ontem, mas com uma leveza que mostra que o livro está indo pelo caminho que o capítulos anteriores abriram. Quanto mais fortes estas narrativas já escritas mais tendem a ocorrer encaixes. Há momentos em que percebo os cliques das peças se juntando.

**10 de abril de 2020**

Levantei cedo para trabalhar no capítulo adiado. Havia 500 palavras, fiz mais 1.500. À tarde, revisei o material e organizei mentalmente o próximo capítulo enquanto corria 10 km na esteira aqui da biblioteca.

**26 de abril de 2020**

O livro vai se encaminhando para o final. Fiz a passagem do narrador em contato com o chão fértil do Douro.

**25 de maio de 2020**

No sábado, dia de trabalho intenso no romance. Nem saí da biblioteca. Resultado: um capítulo de duas mil palavras e o próximo pensado em linhas gerais.

**22 de maio de 2020**

Aproveitando uma folga, trabalhei até a hora do almoço no romance. E agora à noite na revisão. Faltam talvez dois capítulos para concluir o copião.

**29 de maio de 2020**

Escrevi uma página e meia do penúltimo capítulo do romance, que está com 79.500 palavras. Por que esta ansia de concluir? Pois estou na fase em que as pessoas mais desaparecem. Por isso escrever, para não morrer. Também por vício. Gosto de concluir as coisas.

**1º de junho de 2020**

Sempre jogo fora o primeiro capítulo do romance. Agora pensei em jogar fora o último antes de o escrever, o que deixaria a narrativa mais misteriosa. Se isso se sustentar, concluí o romance ontem.

**O MEDO DA PRIMEIRA LEITURA DO CONJUNTO****7 de julho de 2020**

Ainda nem mexi no arquivo do romance.

**15 de agosto de 2020**

Temo encontrar não o livro que escrevi e sim o que se escreveu contra meus planos.

**22 de agosto de 2020**

Semana de muitos compromissos e de tensões. Na segunda de madrugada, comecei a revisão. Tive a impressão de que o início é um pouco lento.

**29 de agosto de 2020**

Comecei a gostar deste livro com o qual convivo imaginariamente desde 2015. O narrador criminoso tem força lírica.

**REVISÃO É IGUAL A INSATISFAÇÃO****17 de setembro de 2020**

Concluí a primeira revisão. Não tenho tido tempo de passar as alterações para o arquivo. O romance se deixa ler bem, mas não sei se é por meu apego a ele ou por suas eventuais qualidades.

**27 de setembro de 2020**

Mandei-o a Luciana Villas-Boas. Ele percorre agora o seu caminho, longe de meu domínio. O depois de um livro é menos importante do que o seu durante.

**5 de janeiro de 2021**

Em regime de meio expediente, embora oficialmente em férias, consegui revisar três vezes o primeiro capítulo. Este tem que ser o mais esférico possível, polido como uma bola de aço.

**7 de janeiro de 2021**

Mal imprimo a nova cópia do capítulo longamente pensado e retrabalhado, no mínimo três vezes a cada dia, e surge a necessidade interior de ler mais uma vez e depois outra e outra. Pela extensão, o romance é traiçoeiro, porque muita coisa volta e é preciso eliminar as repetições.

**14 de janeiro de 2021**

O medo do escritor diante da primeira revisão de um romance. A cada capítulo vivo este temor. Escrever é não deixar de incluir nada. Revisar é não deixar sobrar nada.

**16 de janeiro de 2021**

Noite mal dormida, o que me empurrou para a biblioteca às 3 da manhã. Caí direto na revisão do romance. Reescrevi cinco ou seis vezes os parágrafos, em uma luta física com o livro. A cada melhoria de uma frase, sinto-me recompensado. A simples troca de uma palavra é o triunfo da literatura.

**24 de janeiro de 2021**

Meu melhor reservo para o romance.

**6 de fevereiro de 2021**

Avaliando os capítulos impressos antes e depois, vem a sensação de

que as páginas ficaram mais limpas, como se antes houvesse uma poluição de palavras.

**11 de fevereiro de 2021**

Romance em revisão lenta. Problemas da universidade muito intensos, o que me absorve de maneira quase completa. Agora o ritmo é de um capítulo por semana.

**13 de fevereiro de 2021**

Hoje, o dia será do romance. Vou concluir a revisão do capítulo que se arrastou por toda a semana e tentar ler em voz alta, uma única vez, as 40 páginas que faltam. Conceber o capítulo como um soneto em versos livres.

**14 de fevereiro de 2021**

O plano de fazer leituras corridas dos últimos capítulos não deu certo. Permaneci com o método de um por dia. Na revisão, o livro inteiro é questionado a partir de detalhes.

**3 de março de 2021**

Levantei às 3 da manhã e vim trabalhar. Concluí a revisão do penúltimo capítulo. Cortei 25 páginas, de capítulos inteiros a pequenas palavras.

**NOS INTESTINOS DO ROMANCE****22 de janeiro de 2022**

Comecei a trabalhar nas sugestões certeiras de Luiz Schwarcz e Emílio Fraia. São pequenos ajustes de textos até agora — fiz 50 páginas. Nesta fase não releio todo o romance, apenas tento resolver as questões levantadas. É um serviço sujo. Estou agora nos intestinos do romance.

**26 de janeiro de 2022**

Reorganizei os capítulos, tirando as idas e vindas no tempo, e comecei o trabalho de retalhar a narrativa. Vou deixá-la 30% menor para limpar o texto dos excessos de delírio do narrador. Nada que não seja necessário sobreviverá nesta última versão.

**1º de março de 2022**

Carnaval. Concluí a reforma dos últimos capítulos. Um trabalho corrido para não perder o ritmo final da narrativa, que é crescente. Talvez o valor deste livro seja colocar o leitor em um lugar incômodo. O romance padrão do agora pacifica o leitor, dando a ele a certeza de estar do lado certo da humanidade. No meu livro, quero que ele se sintam mal ao acompanhar um narrador criminoso.

**9 de julho de 2022**

Nestas semanas, revisei o texto já preparado pela editora. Foram mais de 400 alterações. Das iniciais 212 páginas no word restaram 38, o que achei bom. Este relato de um narrador mitomaniaco não pode se alongar muito. Assim, o romance ganhou mais velocidade, sem perder a natureza farsesca da primeira fase, em que Rodrigo S. M. mente para si mesmo, passando por uma pequena e precária redenção na segunda fase, em que ele assume o próprio nome e se reencontra com seu eu rural. **📖**

**raimundo carrero**

LUTA VERBAL

# JOSÉ CASTELLO NA LUTA VERBAL

Encontro na coluna de José Castello, deste *Rascunho*, texto que revela elementos dignos e sinceros da luta verbal que empreendemos em substituição à literatura como a arte das belas letras inteiramente desnecessária e inútil neste mundo de miseráveis e pobres cada vez mais humilhados e ofendidos. Chama-se *O homem do cobertor* [edição 269, setembro/22] e surpreende um homem solitário, faminto e desvalido torturado pelo vento da noite em busca de ajuda, tocado pela desgraça de nossa época: a fome.

O narrador e o personagem se mostram imediatamente arrebatados pela dor: “talvez isso seja o que chamam de empatia”, escreve Castello, cujo personagem se vê seduzido pela agonia do outro. E, por isso

mesmo, atormentados. Daí em diante trocam olhares de agonia e mágoa, realizando aquela técnica que chamo de “o olhar do personagem”, construindo de forma contundente e verdadeira os movimentos interiores do texto, dispensando, em muitos casos, a intervenção do narrador.

Uma técnica que traz a sensibilidade de um para com o outro: “Continuo a observá-lo com a sensação bizarra de que me contemplo em um espelho”. Narrador que inventa personagem e personagem que inventa narrador, chegando-se à técnica da criação indireta do personagem. Tudo isso exponho no meu livro **A luta verbal – A preparação do escritor**, que destrói a narrativa tradicional e caduca para criar novas e revolucionárias técnicas que denunciam as agressões humanas.

A narrativa se enche mais de dor e agonia numa pergunta que detona ainda no primeiro parágrafo a luta verbal: “O senhor me arranja um cobertor?”, embora o narrador acrescenta: “Palavras, nessas horas, são puro lixo”. Palavra, sim, palavra — outro problema da luta verbal. Por isso digo sempre aos meus alunos: “Não escrevam só com as palavras, mas com o sentimento das palavras. É isso? É assim? Observem que as palavras humildes e exatas não se revelam com adjetivos ou complementos, sem diminutivos, sossegam na página com a fraqueza de uma mão estendida. Evoluem para a comunhão”.

Na narrativa plana e comum, lírica e feia, onde as palavras são apenas palavras, o narrador escreveria num jogo sen-

timentalóide: “O senhor me arranja um cobertorzinho velho?”. Ruim e maltratado, sem respeito ao sentimento das palavras. Daí em diante, o texto só faz melhorar.

Aparece então uma nova personagem, uma dessas mulheres que mergulham no conservadorismo e na estupidez, enquanto os dois, abraçados, tentam evitar uma queda. Num rasgo de religiosidade enganosa, proclama: “Jesus, proteja os alcoólatras”.

O mais importante, porém, acima de tudo, é a denúncia social. A frieza humana diante da fome, do frio, do desamparo.

É marcante, profundamente marcante, esta cena em que os dois se abraçam para não cair. Um momento definitivo desta luta verbal. Na verdade, nesta nossa luta verbal. **■**

## PRÊMIO CANDANGO DE LITERATURA SUCESSO EM SUA 1ª EDIÇÃO

O PRÊMIO CANDANGO DE LITERATURA DE 2022 RECEBEU 1984 INSCRIÇÕES, DE TODOS OS CONTINENTES E DE TODOS OS ESTADOS BRASILEIROS. FOI ACLAMADO PELO MERCADO EDITORIAL E ESCRITORES E SUCESSO DE CRÍTICAS POR PARTE DA MÍDIA ESPECIALIZADA.

VIDA LONGA AO PRÊMIO CANDANGO DE LITERATURA, MAIS UM ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.



MELHOR P. GRÁFICO  
**BEATRIZ MOM**  
O LIVRO POESIA É UM SACO, DE NICOLAS BEHR



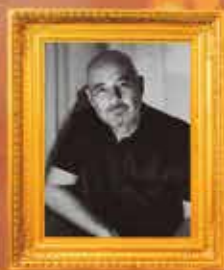
MELHOR CAPA  
**JESICA IANCOSKI  
GUIMARÃES**  
O LIVRO AS LARANJAS DE ALICE MAZELA, DE GÉSSICA MENINO



PRÊMIO BRASÍLIA  
**ALEXANDRE PILATI**  
TANGENTE DO COBRE – POESIA



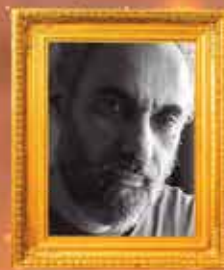
MELHOR PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA  
**GLÁUCIO RAMOS GOMES**  
LEITURA NA ESQUINA



MELHOR ROMANCE  
**MARCÍLIO GODOI**  
ETELVINA



MELHOR LIVRO DE POESIA  
**ALEXEI BUENO**  
O SONO DOS HUMILDES



MELHOR LIVRO DE CONTOS  
**JOÃO ANZANELLO  
CARRASCOZA**  
TRAMAS DE MENINOS



MELHOR PROJETO PCD  
**GISELA MARIA DE CASTRO  
TEIXEIRA**  
O LIVRO DAS CAPITALS

1º PRÊMIO  
**CANDANGO**  
DE LITERATURA

BSB 2022 CAPITAL BRASILEIRA DAS LETRAS

CASA autores

Escritório de Assuntos Internacionais

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

REALIZAÇÃO:



# rascunho recomenda

A jornalista Ilze Scamparini se tornou um rosto conhecido dos brasileiros desde que passou a atuar como correspondente internacional da TV Globo, primeiro em Los Angeles e em Roma, e desde 1999 no Vaticano. Agora ela mostra sua faceta de ficcionista em **Atirem direto no meu coração**, seu primeiro romance, que tem como cenário a guerra do Kosovo, nos anos 1990. Ao se alistar como voluntária, a sérvia Yana Milinic passa a integrar o grupo de milícia Raposa Vermelha. Ela enfrenta não só os inimigos — os guerrilheiros kosovares — na natureza inóspita do Kosovo, mas também o caráter obscuro dos próprios companheiros de luta. Vítima de uma cultura violenta e do nacionalismo de Slobodan Milošević, aos poucos ela começa a sofrer as transformações que, costumeiramente, os conflitos bélicos provocam. Afinal, a guerra atrai almas já devastadas pela dor, pelo sofrimento e pelo abuso. Livremente inspirado em fatos reais, Ilze Scamparini faz um retrato da força e da resiliência de uma mulher que, em meio a granadas de morteiro, lança à sorte sua própria vida.



## Atirem direto no meu coração

ILZE SCAMPARINI  
HarperCollins  
304 págs.



## Dança para cavalos

ANA ESTAREGUI  
Luna Parque | Fósforo  
88 págs.

Depois de **Chá de jasmim** (2014) e **Coração de boi** (2016), a paulista Ana Estaregui lança **Dança para cavalos**, seu terceiro livro de poesia. Em 2018 a obra venceu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. Nos versos, a poeta intensifica o gesto de flagrar o movimento e a metamorfose das formas: o corpo, a casa, a gestação, os bichos, as plantas. Com linguagem objetiva, os poemas de **Dança para cavalos** abarcam desde os movimentos mínimos (o tropismo das plantas), aos movimentos amplos (uma manada de bisões se deslocando). “Fruto de uma observação radical e de uma imaginação assombrosa, o livro estabelece aproximações insuspeitas entre a vida doméstica e a vida selvagem. Nesses poemas, a poeta se questiona sobre o que quer dizer *ser*, *aparentar ser* e *aprender a ser*: não há animal que finja ser o que não é”, diz trecho do texto de orelha assinado pela poeta Alice Sant’Anna. De Sorocaba, Ana Estaregui é graduada em Artes Visuais pela FAAP e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Em 2017, foi finalista do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, na categoria Poesia.



## Diante do fascismo

PAULO ROBERTO PIRES  
Tinta-da-China  
152 págs.

Paulo Roberto Pires, editor da revista de ensaios *serrote*, do Instituto Moreira Salles, vem observando e debatendo a vida e a cultura no Brasil há pelo menos 30 anos. Colunista das revistas *Época* e *Quatro Cinco Um*, ele reuniu 34 crônicas publicadas nos últimos anos sobre a ascensão de Bolsonaro à presidência da República e a implantação de sua política de perseguição às artes, à universidade, ao jornalismo e aos direitos humanos. A partir de episódios do dia a dia do governo, como a nomeação de Regina Duarte (“a noivinha do Brasil fascista”) para a Secretaria Especial de Cultura, Pires mostra como a autoproclamada isenção de intelectuais, jornalistas, políticos e outras figuras do debate público ajudou na instauração de um fascismo à brasileira. Pires oferece ao leitor uma visão sem meias palavras sobre a ameaça do bolsonarismo à cultura, à liberdade de imprensa e à democracia no país.

O fim de um relacionamento e a não aceitação deste fato são o ponto de partida deste romance de Flavio Cafiero. O escritor carioca, radicado em São Paulo, narra a mudança de vida de Tato após romper com o namorado Fabiano. Ele, Tato, muda de bairro e vai viver num prédio no centro de São Paulo, como forma de superar a desilusão. No novo endereço, faz amizades, mas isso não é o suficiente para que esqueça o passado recente, ainda mais com a nova vida de Fabiano parecendo tão feliz nas redes sociais.



## Diga que não me conhece

FLAVIO CAFIERO  
Todavia  
112 págs.

**Vestígios** reúne 11 histórias que tratam das relações humanas e seus percalços, com personagens inseridos em situações cotidianas. A obra discute temas como traição, memórias afetivas e disputas por atenção. Algumas das histórias que compõem o livro começaram a ser elaboradas por Ana Maria Machado há muitos anos. Independentes entre si mas conectadas pelos fios das relações familiares, elas versam sobre as nossas escolhas e memórias afetivas e sobre a passagem do tempo. Aos 80 anos, a autora carioca continua afiada na fabulação, com enredos e personagens que prendem a atenção do leitor.



## Vestígios

ANA MARIA MACHADO  
Alfaguara  
112 págs.

Os contos desta coletânea da maranhense Rai Soares são carregados de elementos memorialísticos, que surgem a partir de lembranças das histórias contadas por sua avó e do desejo consciente de expressar aprendizados. Os contos dão protagonismo a mulheres negras e ameríndias com suas experiências de moradoras de uma cidade do interior do estado do Maranhão, em uma época em que ainda não havia chegado luz elétrica nem água encanada, e o alimento era plantado e colhido no quintal de casa. Entre outros temas, há histórias sobre ancestralidade, memória e coletividade.



## A mulher que pariu um peixe

RAI SOARES  
Jandaira  
96 págs.

Este romance histórico do editor e autor gaúcho se passa no século 18. Em 1762, Portugal recebeu um ultimato: juntar-se à Espanha e França na Guerra dos Sete Anos ou ser invadida por eles. Sem exército e com os cofres vazios, o reino precisa a todo custo manter a amizade com a sua mais poderosa aliada, a Inglaterra. Para isso, o soldado brasileiro Érico Borges é encarregado de seguir os passos da Confraria da Nobreza, uma sociedade aristocrática que, inconformada com a ascensão social da burguesia promovida pelo Marquês de Pombal, está disposta a tudo para manter os seus privilégios. Segundo livro da série iniciada com **Homens elegantes**, **Homens cordiais** traz o mesmo protagonista, mas pode ser lido de maneira independente.



## Homens cordiais

SAMIR MACHADO DE MACHADO  
Rocco  
384 págs.

Tráfico de órgãos, arte renascentista e medicina aplicada em tecnologia de ponta são os temas do romance **Corpos hackeados**, da paraibana radicada no Recife Andrea Nunes. O livro se passa no Nordeste do Brasil em 2023, no mundo pós-pandemia da covid-19. O fio condutor do livro é a produção em laboratório de órgãos humanos artificiais. A morte dos voluntários da nova técnica, de forma misteriosa, conduz o leitor a um redemoinho de emoções, com personagens femininas que dominam a trama.



## Corpos hackeados

ANDREA NUNES  
Cepe  
260 págs.

# Constante movimento

Na HQ **Todas as bicicletas que eu tive**, a equatoriana Powerpaola constrói uma teia de relacionamentos e memórias

CAROLINA VIGNA | SÃO PAULO - SP

Às vezes a gente escreve sobre nós mesmos para falar de outra coisa. Às vezes escrevemos sobre outras coisas para falar sobre a gente. A literatura tem isso de maravilhoso: é moldável. De uma certa maneira, mais “plástica” que as artes visuais.

**Todas as bicicletas que eu tive** é sobre um monte de coisa. Até mesmo sobre bicicletas.

A HQ parece ter sido escrita e desenhada a partir da vivência emocional, real e muito concreta daquela frase do Einstein (ou atribuída a ele, tanto faz nesse caso): “Viver é como andar de bicicleta. É preciso estar em constante movimento para manter o equilíbrio”.

Diz o site da Lote 42, que a autora, Paola Andrea Gaviria, mais conhecida como Power-

paola, é ilustradora, quadrinista e artista plástica. É autora da novela gráfica **Vírus tropical**, que foi transformada em um filme de animação, e ainda dos livros **Por dentro**, **Todo va a estar bien**, **Nos vamos**, entre outros. Powerpaola também é parte do coletivo *Chicks on Comics*, fundado em 2008 com oito quadrinistas da Argentina, Colômbia, Holanda e Nova Zelândia. Em 2010, foi premiada pelo projeto *En Vitri- na*, no qual passou quatorze dias atrás de um vidro, desenhando o que via na rua diante de si. Já expôs desenhos, pinturas e diários de viagem em Bogotá, Buenos Aires, Santiago, Nova York, Sydney, Milão, São Paulo e Paris. Como ilustradora, publicou **La Madremonte** (texto de Enrique Lozano), **Costuras** (texto de Alejandro Martín) e **Sandiliche** (tex-

to de Ronaldo Bressane). Atualmente, vive e trabalha em Buenos Aires, depois de ter morado em muitos outros lugares, como Colômbia, França e Austrália. Sua obra trata de temas como sexualidade, feminismo, família e identidade. Ou seja, uma vida heterotópica, tanto em termos de pertencer a muitos lugares quanto de seu fazer profissional, de seu pensamento poético.

Heterotopia é um conceito criado pelo Foucault, que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não hegemônicas. A palavra vem de *heteros* (grego para o diferente) + *topia* (lugar, espaço). Trago essa referência aqui não (apenas) para dar um polimento-zinho teórico ao texto, mas (principalmente) para contextualizar a HQ **Todas as bicicletas que eu tive**.

A narrativa pensa, justamente, esse espaço que é, também, do outro. Foucault, no texto *Outros espaços*, *heterotopia*, se debruça sobre os espaços onde existem relações de poder claras, como prisões, escolas, corpo, sexualidade, etc. Powerpaola é mais sutil mas não menos forte.

**Todas as bicicletas que eu tive**, assim como Foucault, reflete sobre uma zona de aproximação e de criação no espaço que também pertence ao outro. Aqui, finalmente, a questão da bicicleta se coloca. Se relacionar com o mundo a pé ou de bicicleta implica necessariamente em um outro ritmo, em uma outra fruição de realidade e, portanto, em outro resultado.

Além da Lote 42, estão envolvidas na publicação da HQ as editoras El Fakir (Equador), La Silueta (Colômbia), Musaraña (Argentina) e Sexto Piso (México). Ou seja, o próprio objeto livro é uma metáfora da heterotopia.

A HQ é feita com aguadas de nanquim. Alguns detalhes recebem uma segunda cor, amarelo, à exceção de duas páginas, que trazem um vermelho, citado nos recordatórios:

*Não sei muito bem sobre o que falávamos com esses garotos, mas eu tinha me apaixonado pela primeira vez.*

*Eu me apaixonei pela cor do seu moletom.*

*Ele o usava sempre.*

*Era daquele vermelho que só vemos na roupa europeia, nas batinas dos cardeais, nas pinturas rupestres.*

*Um vermelho Marlboro.*

*O vermelho que Matisse usava, que é tóxico e que também se associa ao amor.*

*Não me lembro de nada além disso.*

## Uma metáfora

Aguadas de nanquim são, assim como andar de bicicleta, uma outra relação com a superfície. O nanquim tem opinião. Não é uma tinta que se deixa domar. A tinta a óleo, por exemplo, desgraçadamente faz exatamente aquilo que a gente pede dela. Ou seja, qualquer erro é do pintor. Aguada — tanto nanquim quanto aquarela — é uma técnica que abraça o movimento e a vontade do material. Então, a forma como a tinta se deita sobre o papel diz respeito ao pintor, à tinta e ao papel. É uma técnica insubmissa. Mais uma metáfora.

A HQ honra o título e conta histórias a partir das bicicletas que a narradora teve. Cada capítulo recebe o nome, a data e a localização das bicicletas. São elas: a chinesa (2003), a Palmirana (1996), a Salvadorena (2008-2013), Giant II (2014, Bogotá-Buenos Aires), Chopper (1977-1989, Quito), BMX (1989-1992, Quito-Cali), Diamant (2001-2003, Medellín), Mountain (1992-1995, Cali), Aurorita (2013-2017, Buenos Aires). E assim, de bicicleta em bicicleta, de cidade em cidade e fora da ordem cronológica, Powerpaola constrói uma teia de relacionamentos. São cadernos de viagens.

Cadernos (ou diários) de viagens são velhos conhecidos dos artistas. Existem, aí, duas questões: o deslocamento e o desenho.

Primeiro, o deslocamento. Artistas, por natureza, exercem um olhar sobre o mundo com um saudável estranhamento. Explico: quando estamos muito familiarizados com o que vemos, tendemos a não perceber certos detalhes. Em texto, por exemplo, chega uma hora que a gente simplesmente não vê o erro. Nosso cérebro, por já conhecer o conteúdo em mãos, corrige automaticamente o que lê. Por esse motivo é sempre bom contratar um revisor, mesmo que você escreva bem. O mesmo mecanismo existe na informação gráfica/plástica. Para ver, é necessário observar. Para observar, é necessário prestar atenção. Aqui entram, então, os artistas viajantes, os sketchbooks, as residências ar-



**Todas as bicicletas que eu tive**

POWERPAOLA

Trad.: Nicolás Llano Linares

Lote 42

112 págs.

tísticas, etc. E, junto com esse grupo, os cadernos de viagens.

Segundo, o desenho. Podemos ter registro de nossas viagens em fotografias. Depois da invenção do smartphone, é raro quem não tenha uma foto para mostrar de qualquer tipo de deslocamento. Os mais compulsivos nos mostram nos instagrans da vida fotos até do almoço. Os menos, da última viagem que fizeram. Há um excesso de publicidade da vida, na minha opinião, mas isso sou eu que sou velha, não liguem. De toda forma, o olhar que cria uma fotografia, por mais pensado e artístico que seja, é diferente do olhar que desenha. Notem que não falei pior, falei diferente. A fotografia vai registrar detalhes que o desenho vai perder. Por outro lado, o desenho é escolha. O desenho registra aquilo que você escolheu registrar e, portanto, é fruto de uma reflexão sobre o que se deseja lembrar. O desenho está para a fotografia como a bicicleta está para o carro. São formas muito diferentes de se relacionar com o mundo que nos cerca.

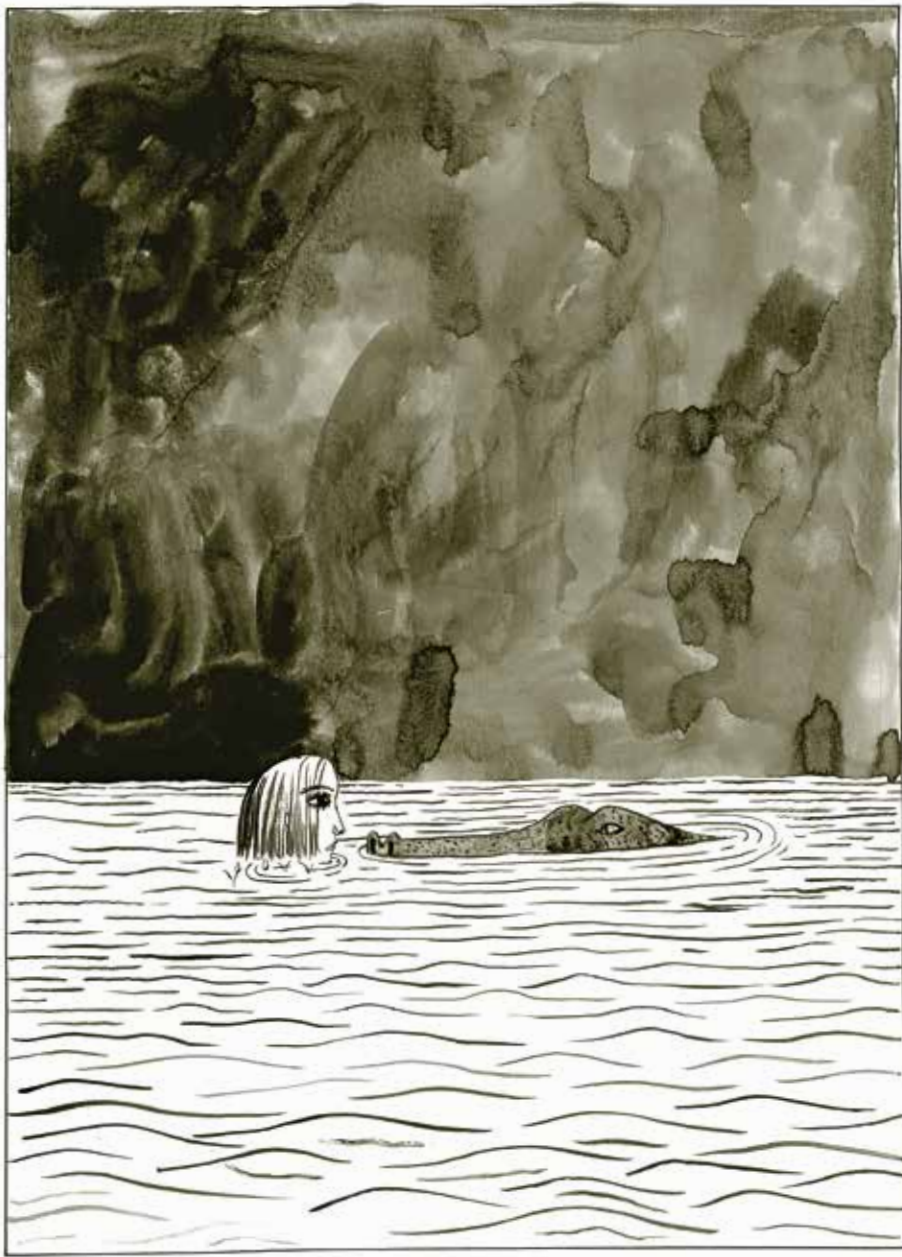
Chegamos, então, na lembrança. Na memória. Nossa memória é construída em camadas, em palimpsestos. Um pensamento híbrido, de texto e imagem, que construa essa memória enquanto vivemos, encontra no caderno de viagem o suporte perfeito. E é isso que Powerpaola faz. É isso que Powerpaola faz, lindamente, de cidade em cidade, de bicicleta em bicicleta. 📖



A AUTORA

POWERPAOLA

Nasceu em Quito (Equador), em 1977. É ilustradora, quadrinista e artista plástica. É autora da novela gráfica **Vírus tropical**, que foi transformada em um filme de animação, e ainda dos livros **Por dentro**, **Todo va a estar bien**, **Nos vamos**, entre outros. Powerpaola também é parte do coletivo *Chicks on Comics*, fundado em 2008 com oito quadrinistas da Argentina, Colômbia, Holanda e Nova Zelândia. Atualmente, vive e trabalha em Buenos Aires.



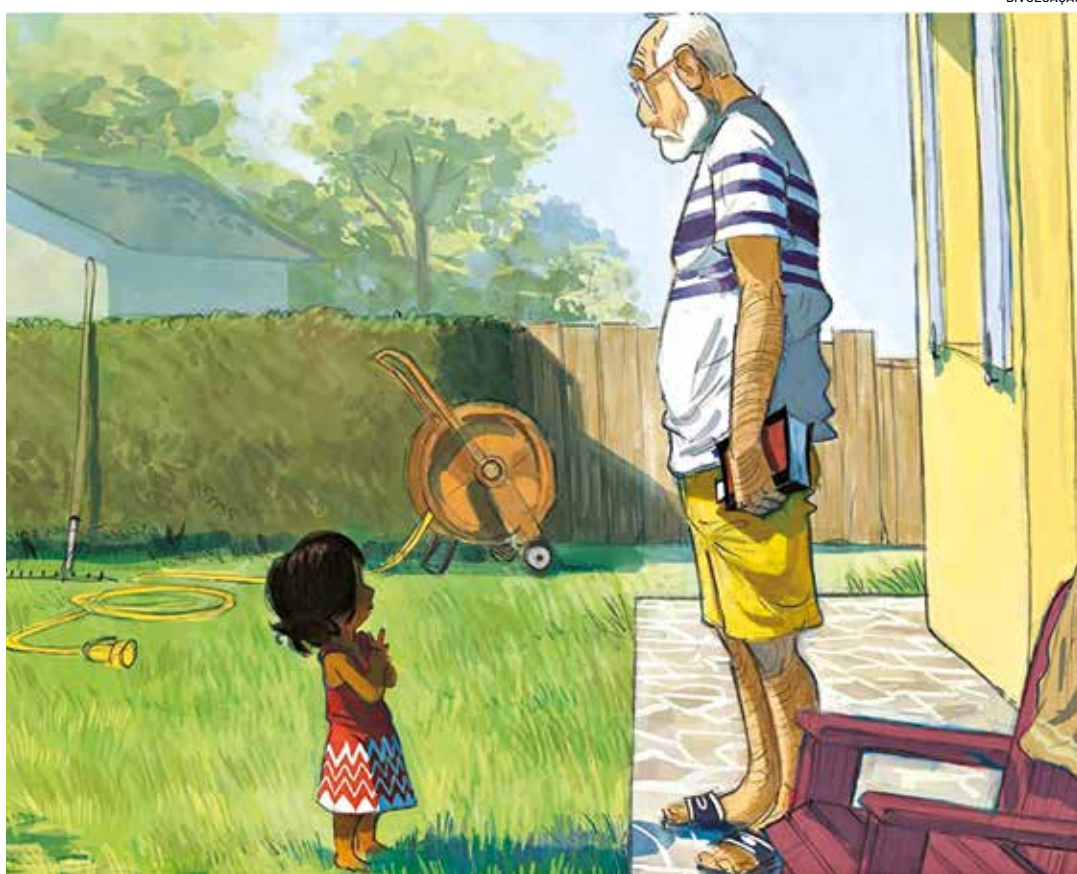
POWERPAOLA

# rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs



**A adoção**  
ZIDROU & ARNO MONIN  
Trad.: Renata Silveira  
Nemo  
136 págs.

Zidrou, cujo nome verdadeiro é Benoît Drousie, é um escritor belga de HQs, autor de várias séries de quadrinhos premiadas, a exemplo de **Les Crannibales**, feita em parceria com Jean-Claude Fournier, que venceu o Festival de Quadrinhos de Angoulême, em 2003. Neste álbum lançado originalmente em 2016, ele se junta ao artista Arno Monin, também consagrado pelos seus trabalhos em HQs. Em **A adoção**, eles contam a história de Qinaya, uma pequena órfã peruana de 4 anos, que é adotada por uma família francesa e tem sua vida e a de todos a sua volta bastante modificada. Para Gabriel, no entanto, isso será ainda mais complicado: ele deverá aprender como ser um avô — ele que jamais teve tempo de ser pai. Dos primeiros contatos, um pouco distantes, a inesquecíveis momentos compartilhados, Gabriel e Qinaya vão, pouco a pouco, criar laços que o velho turrão sequer poderia imaginar. A HQ recebeu excelentes críticas e foi saudada como uma “história sensível sobre um assunto universal”.



DIVULGAÇÃO



**A oficina do Cambeva**  
LIDO LOSCHI  
Ilustrações: Marilda Castanha  
ÔZé  
40 págs.

O personagem-título do livro de Lido Loschi, Cambeva, é um restaurador que, quando o mundo perde o abraço, ele trata de reinventá-lo. Também é um avô que conserta sonhos, coisas esquecidas e emoções perdidas, a quem os buscadores solicitam ajuda para consertar algo. Em um universo mágico, cheio de crianças, netos, histórias e memórias de sua linhagem de restauradores, ao se ver diante desse pedido de restauração, ele abre espaço para trazer de volta uma figura emblemática, que já não consegue mais cantar. O livro é uma mistura de cores e elementos que ressaltam a memória do mundo, em que buscadores de lembranças têm a missão de trazer luz e vida aos objetos encontrados nas viagens de dois outros personagens: Zalém e Calunga. Ator do Grupo Ponto de Partida, Loschi é um artista de múltiplos talentos, sendo também letrista de música. Em 2020, lançou seu primeiro livro infantojuvenil, **O coração de plástico**.



**Amigas que se encontram na história (vol. 1 e 2)**  
ANGÉLICA KALIL  
Ilustrações: Amma  
Seguinte  
184 págs.

Vencedor do Prêmio Jabuti na categoria juvenil em 2021, **Amigas que se encontram na história** traz relatos de amizade entre mulheres que impactaram o mundo em várias épocas. São mulheres negras, indígenas, latinas, brancas, asiáticas. Jovens, adultas e idosas. Uma cadeirante e uma surda. Algumas famosas entre as feministas de hoje, outras que viveram em um tempo em que a palavra “feminismo” nem existia. Mas todas têm algo em comum: a coragem de lutar por seus sonhos — e a admiração por suas amigas. Entre essas amigas retratadas, estão Annie Jump Cannon e Cecília Payne-Gaposchkin, Chavela Vargas e Frida Kahlo, Ivone Lara e Nise da Silveira, Ella Fitzgerald & Marilyn Monroe, além da própria autora e sua parceira no livro, a artista baiana Mariamma, a Amma. Além de escritora, Angélica Kalil é diretora do canal no YouTube *Você é feminista e não sabe*, onde faz entrevistas sobre o tema a partir de diferentes recortes.

Indicado para leitores a partir de nove anos, **Além do desafio** apresenta um trio de adolescentes: Lara, Logan e Davi. Eles vão investigar quem teria participado do desafio que levou Túlio, um de seus colegas de escola, para o hospital em estado grave. Nessa trama policial, o clima de mistério e suspense da narrativa tem como objetivo “prender” a atenção do leitor, para que ele mergulhe na investigação e ajude a desvendar o que de fato aconteceu no desafio da Monstra Lusa — figura bizarra que propõe certas provas “só para os jovens mais corajosos”.



**Além do desafio**  
SEVERINO RODRIGUES  
Ilustrações: Daniel Almeida  
Escarlate  
96 págs.

Rachel de Queiroz dispensa qualquer apresentação. Mas neste breve livro, a autora de clássicos nacionais como o romance **O quinze** revela sua faceta menos conhecida: a de autora infantojuvenil. **O menino mágico** foi o primeiro livro da autora dedicado aos jovens leitores. A trama apresenta as aventuras de Daniel e seu primo Jorge pelo Rio de Janeiro. Um é mágico, o outro é o mais inteligente de todos. As ilustrações são de Mayara Lista, vencedora do Troféu HQMix.



**O menino mágico**  
RACHEL DE QUEIROZ  
Ilustrações: Mayara Lista  
José Olympio  
112 págs.

Nos versos do livro infantil **A melhor mãe do mundo**, Nina Rizzi explora a relação entre uma mãe encarcerada e sua filha. Na história, dedicada a todas as crianças que não podem estar perto de suas mães, a paulista mostra que a distância que separa as duas pode ser preenchida com amor. “Minha mãe é a melhor mãe do mundo!/ Quando eu digo isso assim, de supetão, todo mundo duvida,/ tiram onda comigo, entram em arenga...”, diz um trecho da obra, que marca a estreia da poeta na literatura para crianças.



**A melhor mãe do mundo**  
NINA RIZZI  
Ilustrações: Veridiana  
Scarpelli  
Companhia das Letrinhas  
32 págs.

Laila tem sete anos, mora numa cidade grande, mas adora brincar ao ar livre e conhecer o nome das árvores e de todas as frutas e legumes. Ela olha para o mundo e tudo o que há nele com curiosidade e alegria, e percebe que a felicidade pode estar escondida nas coisas mais simples do dia a dia, como ouvir seu pai contar histórias e sua mãe ler poesia. Escrito pela poeta e educadora novaiorquina Mariahadessa Ekere Tallie, **A felicidade de Laila** foi considerado um dos livros do ano quando foi lançado nos Estados Unidos, em 2020.



**A felicidade de Laila**  
MARIAHADESSA EKERE TALLIE  
Ilustrações: Ashleigh Corrin  
Trad.: Izabel Aleixo  
Pingo de Ouro  
48 págs.

Na sequência de **Manual de assassinato para boas garotas**, sucesso entre os leitores, Holly Jackson constrói mais um *thriller* surpreendente, daqueles difíceis de largar. Agora, um ano após a investigação obsessiva que reescreveu a história de sua pacata cidade, Pip acredita que seus dias de detetive amadora chegaram ao fim. Prometendo nunca mais se envolver no emaranhado de segredos de Little Kilton, a garota planeja lançar um podcast sobre a resolução do caso e voltar a ter uma vida normal. Até que algo terrível acontece e ela precisa quebrar sua promessa.



**Boa garota, segredo mortal**  
HOLLY JACKSON  
Trad.: Caroline Melo  
Intrínseca  
432 págs.

## nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

# “NA ALMA, A GENTE NÃO ENVELHECE”

Criança precisa ser levada a sério. Tal o pensamento ético e a realização estética de Sylvia Orthof, uma das mais importantes autoras brasileiras. Sylvia faria 90 anos em setembro passado, e o momento pedia um projeto de reedição, marcado pela diversidade: teatro, poesia, conto, crônica. Importante tarefa crítica e editorial, zelar para que obras de valor mantenham-se em catálogo, em apresentações para diálogo com novas gerações de leitores, sustenta o vigor de uma cultura. Os primeiros volumes dessa reedição chegam em boa hora.

Mas como íamos dizendo, Sylvia enxergava a criança como um ser-em-si. Considerava primordial esse reconhecimento e reclamava a atenção a ser dada na medida das incompreensões, dos sofrimentos e dos júbilos possíveis nessa etapa da vida humana, não cabendo qualquer perspectiva de infância idealizada. “Dizer que criança é angelical é mentira pura”, afirma em **Se a memória não me falha**, de 1987, obra do gênero memória, de extrema relevância no conjunto de sua produção. A faculdade de armazenar e de evocar fatos vívidos, uma das capacidades que melhor nos define enquanto humanos, é regida pelo afeto e pela seleção; produção subjetiva, portanto, é contestável na pretensa condição de *verdade*. O título do livro vem de expressão empregada amiúde, como ressalva de algum equívoco involuntário. Ao longo das “coisquinhas curtas, com verdades e fantasias, saltos no tempo” que o compõem, a veracidade da memória é posta em questão, de forma saudável e autêntica: “não me lembro ao certo”; “Ficou de tudo isso uma lembrança diferente para cada um”; “Acho que era assim, talvez esteja confundindo”. Criança, jovem, adulto, todos vacinados contra a terrível corrosão de uma certeza inabalável, ao se tratar de reminiscência evocada.

É assim que em meio à vivência familiar, incluindo comemorações da *Heilige Nacht* pelo nascimento de Cristo, e sem que haja oposição dos pais ao ingresso da menina no catolicismo, irrompe súbito a espantosa revelação:

— Mãe, mais que coisa fantástica, me diga: nós somos judeus?

— E você, Sylvia, agora, depois de tanto tempo, vai fingir que não sabia?

E mamãe saiu da sala, indignada [...] Nunca me haviam explicado! Realmente, na minha percepção infantil, algo estava fora dos eixos, mas eu não sabia o que era. Foi assim que, apesar de judia, minha avó chamava-se Clara Golberg, lógico, eu me tornei católica apostólica romana e tive um nó na cabeça, para sempre.

Ninguém perdeu, diríamos. Pois a miscelânea cultural e religiosa resultou não só em uma síntese ecumênica formidável “... resolvi o problema: sou judia católica e pronto”, como em raro volume de poemas. **Pequenas orações para sorrir** traz a poeta em situação bem franciscana, rezando para o que nos rodeia, para o Menino Jesus, para os santos, dentro da mais profunda Fé: “Ninguém me tira/ essa bagagem/ que mora dentro/ da oração”.

A falta de clareza sobre a própria condição, de que a menina foi vítima e é tão comum, revela o *status* da criança, que sofre consequências de condições o mais das vezes desconhecidas e alheias à sua vontade, e de cujo esclarecimento costuma ser alijada. No fundo, o que se dá é a falta de respeito para com a infância, erguida sobre a lógica de que é *inútil explicar, criança não entende*. Tal atitude, manifesta por silêncio, mentira ou meias palavras, gera a lúcida reação infantil: “Pois é, criança conhece mãe. A gente nem sempre pode confiar! Até

hoje, tenho pavor de injeção [...] sei que dói...”. As mães mentem. Dizem que não vai doer, quando sabem que vai. Enganam, por não terem coragem de usar clareza e argumento, ou de reconhecer os paradoxos de que a vida é feita. Para quem faz literatura, essa consciência precisa conduzir à decisão sobre o investimento devido, se na denúncia indignada, se no humor reparador, ou se em rara combinação de um e outro.

Nenhum elemento crítico é mais contundente que o humor, tomado pela autora como eixo estruturante de sua expressão. Sem constrangimento, a judia Sylvia pediria uma mãozinha ao colega Sigmund Freud para atestar ser esta uma das “operações psíquicas mais elevadas”, “um dom raro e precioso”, um “recurso para auferir prazer” diante “dos embates da vida e da trágica inevitabilidade da morte”. Frente ao inexorável poder de pai e mãe e outras autoridades, que resta à criança senão embaralhar-se pela linguagem, nos jogos que garantem uma liberação ainda que momentânea para o prazer? Não uma via de escape, exatamente, mas uma fresta por onde a subversão faça valer a teoria da relatividade.

**A limpeza de Teresa, Pomba Colomba, Um pipi choveu aqui, Os bichos que tive** (memórias zoológicas) são algumas das obras em que o real é subvertido, provocando riso e liberando o indivíduo de situações opressivas. O *nonsense*, a falta de sentido apontada nas ações das personagens, leva o mundo a uma situação de ponta-cabeça, abrindo ângulos de visão inusitados, tal como ocorre em **Mudanças no galinheiro, mudam as coisas por inteiro**. O sol fica resfriado, não pode trabalhar. A lua precisa ficar no céu por dois dias seguidos, o que desorganiza o mundo, produz novos discursos e gera outra ordem, em que as subserviências são abolidas.

A potência da linguagem é um dos aspectos de revolução na obra de Orthof, que explora o *absurdo*, lugar no qual o peso demasiado das circunstâncias pode desaguar no humor, burla ao limite extremado e garantia de sobrevivência psíquica. Na maior parte dos volumes de sua vasta obra (o escritor Luiz Raul Machado atesta serem quase 130 volumes), a capacidade de expor o absurdo das convenções, de identificar o ridículo e quebrá-lo em sua constitui-

ção, soma-se à coragem de seus questionamentos, impondo-se como preciosos legados da autora. Movendo-se entre fada e bruxa, oscilação natural do humano, e na decência de expor uma vida com acertos e desastres: “a gente não é feita só de qualidades”, Sylvia considera que “na alma, a gente não envelhece”, e o olhar fresco para o mundo vem alimentar a poesia, trabalho de Penélope, por ela desvelado em **Ponto de tecer poesia**.

No palco ou na página, Sylvia se equilibrava entre a irreverente consciência do ofício e o cuidado com recepção do fruto do seu trabalho. Com tal clareza, encerra uma discussão importante: “Este livro foi escrito para adolescentes. As editoras andam querendo textos para jovens. Eu acho que isso não existe e, se a memória não me falha, já falei nisso. Livro para jovens, ou livro para adulto, é tudo o mesmo. Vale, se for bom”.

Em tempos de mercado como agente determinante para todos os elementos da vida, de controle extremado de leituras, de pedagogias hipócritas e opressoras, a obra de Sylvia Orthof reafirma-se raro hino à inteligência da criança e total respeito por sua condição. **📖**



Ilustração: **Maíra Lacerda**  
(Colagem a partir de ilustrações de Gê Orthof e Rosana Urbes)

25  
ANOS  
autêntica

Há **25 anos**  
compartilhando  
**boas histórias**

Conheça o catálogo completo do Grupo Autêntica:  
➤ [www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)



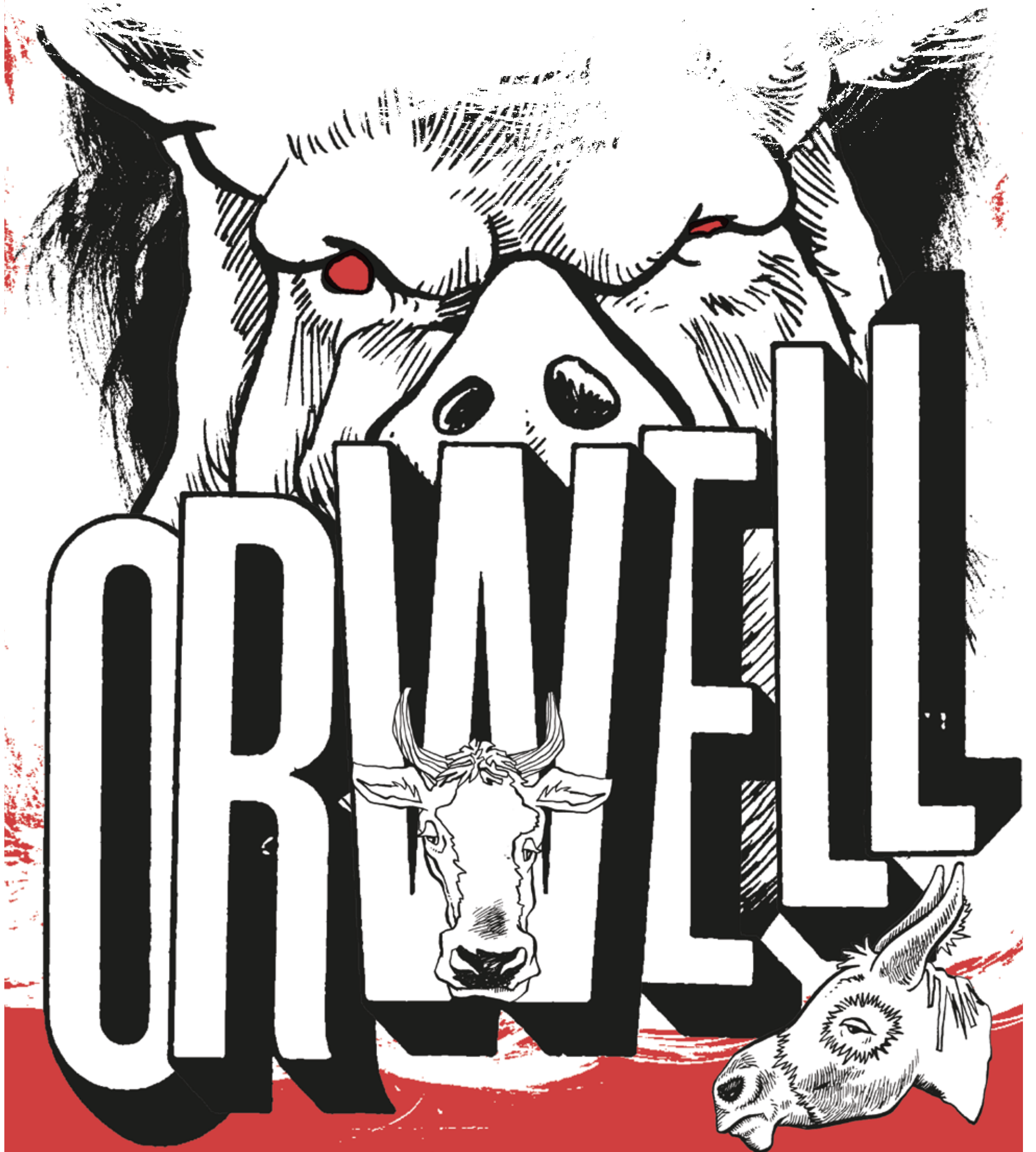
# Revolução dos Bichos

O clássico de Orwell em uma edição exclusiva.

BAIXE  
GRÁTIS



[gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos](http://gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos)



GAZETA DO POVO

**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

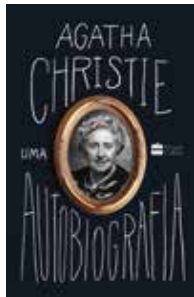
# NÓS, QUE AMAMOS AGATHA

Vibramos com a novidade: uma edição brasileira, pela HarperCollins, trouxe agora em 2022 **Uma autobiografia** para os fãs da “rainha do crime”. Talvez inclusive esta obra seja decisiva para conquistar ainda mais leitores: embora a pesquisadora Janet Morgan já estivesse com **Agatha Christie — uma biografia** (BestSeller) desde 2018 editada no Brasil, os livros têm sabor inteiramente distinto. Quem gosta de minúcias poderá ler ambos, para compará-los, e nesse caso recomenda-se começar pela investigação de Morgan. Aqui temos os fatos e cronologias bem organizados; descobrimos, por exemplo, como surgiu a ideia de Agatha se dedicar à literatura.

Assim como Mary Shelley gerando **Frankenstein** em resposta a um desafio, Agatha Christie também escreveu depois de ser provocada; a irmã Magde a instigou a produzir uma história de detetive, na época em que o trabalho num dispensário farmacêutico, durante a primeira guerra mundial, ficou monótono: “ela decidiu experimentar, adotando o que viraria sua prática-padrão: começar decidindo o crime e definindo um procedimento que o deixasse particularmente difícil de elucidar”.

Antes disso, ela já havia abdicado dos sonhos de ser pianista ou cantora de ópera: “Tenho certeza de que nada pode ser mais destruidor na vida do que persistir em algo que sairá malfeito e de maneira medíocre”. Ao contrário de tanto discurso atual sobre persistência (a tal ponto que falar em talento virou tabu para o nosso tempo), a lucidez de Agatha assinala que, além do esforço, é preciso, sim, que exista um dom criador.

Houve também muita escrita por vingança. Por exemplo, durante uma excursão que ficou conhecida como um “passeio pelo Império” e que durou dez meses, a autora amargou o temperamento da figura central da viagem, o major Belcher: “Belcher trazia à tona o pior das pessoas e da natureza, e o melhor na escrita de Agatha. O relato do passeio na autobiografia é fluente e divertido, mas, em termos de humor, não chega aos pés do diário mantido por ela, a sequência de cartas enviadas para a família e os dois grandes álbuns de fotografias e souvenirs que montou quando ela e Archie finalmente escaparam das garras de Belcher”. Ao longo do tempo, ela iria se inspirar em muitas figuras peculiares, com defeitos patéticos ou traços de personalidade detestáveis — e assim, o estilo sardôni-

**Uma autobiografia**AGATHA CHRISTIE  
Trad.: Stefano Volp  
HarperCollins  
640 págs.**Agatha Christie, autora do clássico O assassinato no expresso do Oriente.**

co de Agatha foi alimentado pelo seu grande espírito de observação. A sua ironia também deslizou pelo pastiche, com inúmeras cenas em que a autora ridiculariza fórmulas da literatura policial, chegando inclusive a fazer piadas à custa de seus “heróis”, como Hercule Poirot.

São muitas as criaturas famosas de Agatha Christie: além de Poirot, Miss Marple ou Ariadne Oliver, seus principais detetives, podemos lembrar Parker Pyne (considerado pela própria autora “mais realista” que Poirot). Não esqueçamos o “misterioso Sr. Quin”, juntamente com o Sr. Satterthwaite, “um cavalheiro idoso que acredita ser simples espectador, mas, quando inspirado pelo Sr. Quin, consegue resolver problemas”. Miss Caroline Sheppard é outra das muitas mulheres perspicazes nos livros de Christie, alguém “cuja onisciência expressa de modo suave é tanto irritante quanto maravilhosa para o círculo de homens condescendentes ao seu redor”.

Há quem aponte falhas nos romances policiais de Christie, sobretudo porque várias histórias atribuem peso factual à declaração dos personagens, sendo quase sempre por meio do testemunho deles que se chega a esclarecer uma trajetória criminal. Ora, na “vida real” as pessoas mentem, distorcem depoimentos por motivos psíquicos sutis ou por simples má-fé. Outro aspecto que talvez soe artificial é a estrutura sintética que os livros de Christie assumem ao fim do enredo, geralmente com uma reunião em que se explanam os detalhes do caso. Essa fórmula de fechamento, com uma apresentação de raciocínio e dedução, é clássica (basta lembrar os livros de Conan Doyle, que Christie tanto admirava); se pode soar um pouco pedante, ao menos reco-

nhecamos o mérito da autora em disfarçar tal estratégia: a solução é alcançada com inúmeras variações, que quebram a monotonia entre um livro e outro — tarefa árdua para alguém que publicou mais de uma centena.

O estilo da escritora tornou-se inconfundível — “romance de forma simples, poucos personagens, capítulos curtos e sem frases longas e complicadas, com ênfase nos fatos e na mecânica das situações, dando considerável importância à psicologia. Os suspenses e as histórias de detetive de Agatha eram despreziosos, em termos de estilo, mas intelectualmente interessantes”.

Uma viagem para Bagdá que inspirou a trama de **O assassinato no expresso do Oriente**, sua mais conhecida obra, serve, conforme Morgan, para ilustrar o processo criativo de Christie: “uma vida que corre nos trilhos convencionais, mas subitamente a leva para um território surpreendente e até assustador, uma forma ordeira e lógica de proceder, interrompida por vislumbres ocasionais da irracionalidade dos seres humanos e da aleatoriedade dos eventos”.

É esse impulso arrebatador do destino que se percebe na **Autobiografia** — e sua dicção, extremamente bem-humorada, certamente conquistará novos leitores. Agatha Christie se revela como alguém plurifacetado: uma aventureira incansável, eterna curiosa, disposta a inventar tramas complexas que tinham como primeira finalidade diverti-la. Assim ela comenta, sobre o percurso necessário para concluir a peça **Testemunha de acusação**:

*(...) li enormes quantidades de julgamentos famosos, fiz perguntas a advogados, e de repente senti*

*que estava me divertindo — aquele momento maravilhoso na escrita que geralmente não dura muito, mas nos empolga com uma espécie de vigor e nos arrasta como a onda ao nos impelir para a praia. “Isto é adorável. Estou conseguindo. Agora para onde sigo?”, pensamos.*

Um pouco antes, de modo mais amplo, ela comentava:

*“É uma sensação estranha, essa de sentir um livro crescendo dentro de nós, por talvez seis ou sete anos, sabendo que um dia iremos escrevê-lo, sabendo que ele não para de se formar esse tempo todo. Sim, já está todo dentro de nós — só falta que se destaque mais nitidamente. Todos os personagens estão ali, prontos, à espreita, prestes a entrar no palco quando escutarem suas deixas — e, de repente, é como se ouvíssemos uma ordem súbita e clara: “Agora!”. Esse “agora” soa quando já estamos preparados para escrever o livro. acontece quando já sabemos tudo a respeito dele. É um verdadeiro milagre quando podemos escrevê-lo logo, quando agora é realmente agora!”*

Ao final de sua **Autobiografia**, Agatha Christie sintetiza: “Reli tudo o que escrevi e estou satisfeita. Fiz o que eu queria fazer. (...) Não fui limitada pelo tempo nem pelo espaço. Demorei-me onde quis, pulei para a frente e para trás, conforme meu desejo. Lembrei-me, suponho, do que queria me lembrar; há muitas coisas ridículas sem razão que fazem sentido. É assim que nós, criaturas humanas, somos feitos”. Aos 75 anos, ela conclui o relato, escrevendo: “O que posso dizer aos 75? Graças a Deus por minha boa vida e por todo o amor que me foi dado”.

Esse amor continua até hoje, Agatha. **📖**



# Lições da Rússia

Com abordagens distintas, romances compõem **painel da complexidade** e das perturbações que sempre estiveram na trajetória do país do Leste europeu

PAULO PANIAGO | BRASÍLIA - DF

A Rússia não é simples. De resto, afirmação que poderia ser feita em relação a qualquer país, mas há complicações e complicações. Dois lançamentos recentes de autores com diferentes abordagens a respeito da Rússia lembram o quanto é possível verificar que são ao mesmo tempo complementares e totalmente distintos. Enquanto em **O dia de um opritchnik**, Vladímir Sorókin cria uma distopia que remete o país a um futuro um tanto complicado, porque retrógrado, em **Um país terrível**, Keith Gessen prefere olhar para o que talvez seja o início do processo de desmoronamento de um país, diante da história recente, tão recente que é também aquela que ainda está em andamento, de certa forma. Em comum, a trajetória de dois escritores contemporâneos, o que é raro de se chegar por aqui em tradução e mais um motivo para celebrar. Gessen, embora russo de nascença, migrou com a família para os

Estados Unidos e de algum modo o seu relato reflete essas andanças. Sorókin mergulha numa radicalidade de visão de mundo que pode chocar estômagos mais sensíveis. Aos pormenores.

## Feudalismo esclarecido

A Rússia de Sorókin é narrada no decurso de 2027, quando os *opritchniks* voltaram à circulação. Explica-se: durante o reinado do tsar Ivã, o Terrível, no século 16, havia uma milícia encarregada de implementar com força e brutalidade as decisões do ditador, chamada *opritchnina*. Para as pessoas que a integravam, os *opritchniks*, a violência foi naturalizada e o ponto de vista escolhido é o de um deles, Andrei Danílovitch, conhecido como Komiága. Se os integrantes originais levavam uma cabeça decapitada de cachorro presa no pescoço dos cavalos e uma vassoura na cintura, agora esses instrumentos vão no para-choque e no porta-malas de uma Mercedes turbinada. É uma mistura clara

do último estágio do capitalismo com o feudalismo mais atroz. Por mais modernidade que tenham à disposição, “mentalmente não se distinguem dos senhores feudais do século 16”, como declarou o autor numa entrevista por ocasião do lançamento do livro, em 2006, referindo-se aos personagens. A conclusão a que ele chega: “Penso que, entre nós, existe um feudalismo esclarecido, amplificado pela alta tecnologia. Os senhores feudais contemporâneos não andam de carruagens, mas de Mercedes 600”.

O lema dos caras é singelo: “Aquele que ergue o machado deve deixá-lo cair”. Estão habituados a seguir ordens sem qualquer traço de dúvida ou sombra de questionamento. Palavra e Dever, dizem-se uns aos outros, ou eia, eia, eia, e é isso. Execute-se. Seja a ordem ou alguém. A primeira missão do dia: abater um fidalgo, que tem uma segurança excepcional em casa, com três guaritas. O sujeito é pendurado pelo pescoço, a mulher é estuprada e tudo isso parece não passar do café do manhã dos campeões. “Somos a matilha da segurança”, diz Komiága a certa altura. “Temos que manter a mente fria e o coração puro.” Claro, nem lhe ocorre se perguntar o que é possível entender por pureza. Komiága trabalha para o Pai e este, para o Soberano, que por mais que seja chamado por um nome genéri-

co, claramente pode ser associado ao dirigente atual, Vladímir Pútín. Vale dizer: Komiága não é o brutamontes convencional, burro e obediente. A certa altura ele diz ter estudado História numa universidade estatal de Moscou, antes de ingressar na *Opritchnina*, ou melhor, ser convocado. A casa do fidalgo poderia ser incorporada ao patrimônio de algum dos envolvidos, mas o Soberano queria um *galo vermelho*, ou seja, um incêndio. É a lei, nessa situação a casa nem sequer pode ser saqueada, antes de posta abaixo. “Todos os bens estão destinados ao *galo vermelho* do Soberano”, diz Komiága.

Nesse cenário desolador, a Rússia está protegida da influência europeia por uma Muralha Ocidental e a aproximação com a China é inevitável, mesmo que conflitos localizados persistam. Komiága repassa a própria agenda: tem três tarefas para o dia. O ataque ao fidalgo foi por incompetência dos colegas e está fora do planejado. Deve se encontrar com bufões para umas festividades, *apagar uma estrela*, e por fim visitar a clarividente Praskóvia de Tobol. Mas uma emergência atrapalha a primeira das tarefas, Komiága e outros, além do Pai, são convocados até o Palácio Vermelho do Soberano, para mostrar que sofreram um ataque, um poema que mancha a reputação, por meio da sátira, não apenas do Soberano, mas de sua família. E sabem que a origem é próxima, o genro do Soberano, o conde Andrei Vladímorovitch Urússov. O poema em questão sugere que Urússov gosta de trepar nas proximidades de incêndios. Questionado pelo Soberano, ele admite, não apenas a tara, mas a iniciativa de provocar o incêndio.

Enfim, na sala de concertos do Kremlin, ele escolhe entre as opções de espetáculo para uma celebração, sugere correções e é solicitado por uma bailarina do Bolshoi a intervir para evitar a deportação de uma amiga. O preço é um valor em dinheiro e um aquário. O grupo de *opritchniks* se encontra numa sauna para usufruir do suborno: os peixes são introduzidos na corrente sanguínea e provocam uma espécie de sonho coletivo. O que fazem não está proibido, o Soberano decretou a liberação de vários tipos de drogas. Quando se prepara a próxima tarefa, Komiága é interrompido e precisa intervir numa situação de fronteira, um dos conflitos com chineses. Viaja de avião, em primeira classe, para outro local, para tratar do assunto. A operação é para convencer os chineses a contratar um seguro e fortalecer a bolsa da gangue. É momento





## OS AUTORES

## VLADÍMIR SORÓKIN

Nascido na cidade de Bykovo, nos arredores de Moscou, em 1955, Sorókin é engenheiro por formação. Trabalhou na revista *Smena* [Mudança], por um ano. Foi ilustrador de livros e desenhista. Em 1985, publicou o primeiro romance, *Fila*. Teve os textos banidos durante o regime soviético e publicou a primeira coletânea de contos em 1989, em uma revista de Riga, na Letônia. Os textos começaram depois a aparecer em revistas russas. Também é autor de peças e o texto de *Dostoiévski-trip* foi publicado no Brasil, pela Editora 34, em 2014. Os romances mais recentes são *Telúria* (2013), *Manaraga* (2017) e *Doutor Garin* (2021). Seus livros estão traduzidos atualmente em mais de vinte idiomas.



## O dia de um opritchnik

VLADÍMIR SORÓKIN  
Trad.: Arlete Cavaliere  
Editora 34  
240 págs.



## KEITH GESSEN

Nasceu na Rússia em 1975. Cresceu nos Estados Unidos, para onde a família se mudou em 1981. Além de *É um país terrível*, transformado em série pela rádio BBC 4, é autor de *All the sad young literary men*, de 2008. Tem ainda um livro de não ficção, *Raising Raffi*, a respeito da criação de seu filho, publicado em 2022. Dá aulas de jornalismo na Universidade Columbia, fundou a revista *n+1* e colabora com outras, como *The New Yorker*, *New York Times Magazine* e *The Atlantic*. É o tradutor para o inglês do livro da vencedora do Nobel Svetlana Aleksievitch *Vozes de Chernóbil*.



## Um país terrível

KEITH GESSEN  
Trad.: Bernardo Ajzenberg e Maria Cecilia Brandi  
Todavia  
416 págs.

peculiar do livro, porque começam a entrar no vocabulário várias expressões chinesas, como ao longo do livro várias expressões em russo ocorrem, com as respectivas notas de rodapé. Em seguida, Komiága se encontra com Praskóvia, a clarividente, que alimenta a lareira com edições de *O idiota* (de Dostoiévski) e *Anna Kariênina* (de Tolstói). “Junto a uma fogueira de livros é sempre, sempre muito quente”, diz Komiága, numa referência indireta ao fato de que em 2002, na Rússia, um grupo de jovens queimou vários livros, entre eles o romance *Gordura azul*, de Sorókin, acusado de apologia à pornografia, às drogas, e de linguagem obscena.

De volta a Moscou, a próxima tarefa é execrar no palco uma estrela do teatro, com a ajuda de um outro grupo de milicianos. É o que ele havia chamado de *apagar uma estrela*. Como precisou viajar e não pôde planejar direito a ação, o tiro sai pela culatra. Os jovens que vão para vaiar e criar tumultos terminam por levar uma surra. Tudo bem, é um revés apenas, entre tantas missões bem-sucedidas. E Komiága escapa ileso. Sua próxima tarefa é se encontrar com a Soberana, para comunicar a ela o que a vidente Praskóvia previu. Em retribuição, a Soberana envia para a lareira da vidente as *Obras completas* de Anton Tchekhov.

Por último, a atividade derradeira da noite, uma orgia, cujos detalhes é importante deixar em aberto para que o leitor possa usufruir de maneira autônoma. E por fim nosso herói (contém ironia, é sempre bom avisar) pode voltar para casa e para sua Anastassia. Sim, porque ele é casado e, como previu a vidente, a esposa está grávida. O que parece uma sombra de esperança em meio a tanta virulência. Na definição da tradutora, que também assina o posfácio, o livro pode ser definido como “retrofuturista”, um neologismo criado por Mark Lipovetsky para ser aplicado justamente à literatura de Sorókin. Muito, muito sombrio e áspero é o futuro e resta ao leitor torcer para que esse tipo de previsão esteja equívocado. O papel de sátira contra os desmandos do poder persiste, no entanto, e tem sua eficácia. Num mundo que se torna a cada dia mais tolo, Sorókin merece ser lido com atenção redobrada.

## Abordagem diferente

Inteira outra é a situação de Gessen, que se volta para o passado recente da Rússia, quando Pútin tinha deixado o poder (ou não, se se pensar que Dmitri Medvedev foi um presidente laranja) para ser “apenas” primeiro-ministro. Em *Um país terrível*, o narrador tem em comum com o do romance anterior apenas o prenome, Andrei. No entanto, como migrou para os Estados Unidos, adota o equivalente local, Andrew. O livro relata o retorno às origens de Andrei Kaplan. Ele deixa Nova York para voltar a Moscou e cuidar da avó

por uns tempos, a pedido do irmão mais velho, Dima. A narrativa é simples e direta, pedestre, e cumpre inteiramente a missão: mostrar um retrato da Rússia, ou melhor, de Moscou, depois do fim da União Soviética e com a ascensão do capitalismo e de líderes que encontram mecanismos para se perpetuar no poder indefinidamente. Andrei tem uma carreira acadêmica frustrada, levou um pé na bunda da namorada, trabalha como professor online para receber salário irrisório, está sem perspectivas e termina por aceitar a incumbência de cuidar da avó materna, Seva Efraímovna Gekhtman, próxima de completar noventa anos. Ela mora no centro de Moscou, hoje região gentrificada. Por ter prestado consultoria, quando era professora de história, para a realização de um filme a respeito de Ivan, o Grande (avó de Ivan, o Terrível, o mesmo que criou a *opríchnina*) que muito agradou aos governantes, Seva recebeu de Stálin um apatamento, como aliás todas as pessoas envolvidas na produção. Mas pouco depois foi expulsa da universidade, por conta de antissemitismo, e sobreviveu com aulas particulares. Entre outros reverses, perdeu a datcha, a casa de campo que parece tão comum aos russos, e onde podem se refugiar nos meses quentes do verão. A avó entra com suavidade na demência, o que é desolador e um tanto pungente. Reclama da solidão, alega que não lhe sobrou qualquer pessoa. Sua agenda, diz, são “só listas de pessoas mortas. Só tem morto, morto, morto”. A única amiga, Emma Abramovna, nem é tão amiga assim e não percebe, ou finge não perceber, as indiretas de Seva para que a convide, pelo menos uma vez antes que morra, para passar uns dias em sua datcha no próximo verão. Com isso, talvez Seva consideraria a existência resolvida em definitivo. Ela está cada vez mais mergulhada em depressão. Tanto que sempre repete ao neto o que consta do título, que este é um país terrível, o que gera certa ambiguidade, porque é como se ela tentasse justificar para si mesma a decisão da filha, ao se exilar tempos antes, mais do que de fato explicitar a situação atual.

Como Andrei deixou o país aos seis anos de idade, a volta tem um tom de olhar à primeira vista. Ele sente todo tipo de diferenças. Precisa frequentar um café para usar o wi-fi e ministrar as aulas, além de manter contato com o velho mundo. Precisa encontrar um local para praticar seu esporte favorito, o hóquei. Precisa dar alguma atenção à avó. O irmão, que é o bem-sucedido, está foragido na Inglaterra, envolvido talvez com negociações escusas. Ele sublocou o apartamento que tem ao lado da avó e Andrei portanto mora com ela, o que termina por ser o melhor arranjo. Mais tarde, o irmão quer aproveitar para vender os dois apartamentos, mas Andrei, emocionalmente envolvido com a avó, se recusa. Está cada vez mais entusiasmado com as

## TRECHO

## O dia de um opritchnik

*Poiárok levanta a tampa, nossos homens pegam tenazes e aticadores e com eles tiram o fidalgo e sua esposa do forno, trazendo-os para a luz de Deus. Cobertos de fuligem, eles tentam resistir. Imediatamente amarramos as mãos do fidalgo e o amordaçamos, arrastamos até o pátio pelos braços. Já a mulher... bem, a mulher temos que tratar com alegria.*

dificuldades de sobrevivência no país. Era difícil nos Estados Unidos? Pois é ainda mais na Rússia. Mesmo que na pátria adotada o sistema financeiro tenha entrado em colapso. Andrei aos poucos vai cavando espaços, encontra onde jogar hóquei, paquera, conhece pessoas, se junta a um grupo político que faz pequenas manifestações. E cuida da avó. Sem ter perdido de todo a esperança de entrar no ambiente acadêmico norte-americano, ele mantém contatos e exala ressentimento em relação aos colegas que se mostraram bem-sucedidos. Mas tem consciência da própria postura, o que não deixa de ter certa vantagem (auto)crítica.

Quando a crise chega ao rublo, a avó pergunta a Andrei quanto dinheiro ela tem no banco. Vão verificar e não é muito, é na verdade bem pouco, o equivalente a quinhentos dólares (que corresponde ao salário, aliás, que Andrei recebe por mês). Depois a avó quer comprar chinelos, mas não quaisquer chinelos, uns específicos, da Bielorrússia. Anda que anda, não encontram. Depois, em outra situação, aparecem os tais chinelos bielorrussos. “Um célebre historiador certa vez definiu o povo russo — *Homo sovieticus* — como ‘uma espécie cujas mais elevadas capacidades englobam a caça e a obtenção de bens escassos em um ambiente urbano’”, anota o narrador. E assim, entre o cotidiano trivial e a luta aguerrida pela sobrevivência, Andrei vai se russificando cada vez mais. Tratado pelos novos amigos do hóquei com certa polidez, daí a pouco ele já consegue participar das trocas de xingamentos recíprocos. Por fim, começa um namoro com Iulia e aí o engate está definido.

Ele frequenta um grupo político, o Outubro, e ao lado de Iulia faz protestos e traduz para o inglês os textos para um site. Termina preso, por uma bobagem, mas o que faz a partir daí mina não só seu relacionamento com o restante do grupo, como compromete a permanência no país. Não importa, toda a aventura parecia mesmo um passeio para acúmulo de experiência, à espera da oportunidade para se engajar no sistema acadêmico norte-americano. E o sabor agridoce do fim do livro é talvez o grande senão, porque sai um pouco da coerência. O texto, no entanto, continua a deslizar por tudo como se uma escrita fluente justificasse quaisquer escolhas. São Rússias distintas nos dois romances, mas ambas estão no centro das crises que são os humanos em briga com a existência, os poderes constituídos, regras estabelecidas, comportamentos inadequados. Viver não é brincadeira. ①

## TRECHO

## Um país terrível

*Ela [Iulia] também me mostrou outra coisa, que não tinha exatamente a ver com o comunismo. A cidade que eu conhecia era a cidade de avenidas e ruas transversais. As avenidas eram enormes rodovias; as transversais eram silenciosas e labirínticas. Mas entre essas ruas havia os pátios. Você podia entrar, se sentar em um banco, beber uma cerveja. Eu tinha visto pessoas fazerem isso no nosso próprio pátio e achado, quase sempre, irritante.*

# Lótus em meio às chamas

O erotismo, a solidão e o remorso por escolhas tomadas estão no centro de **Beleza e tristeza**, de Yasunari Kawabata

CLAYTON DE SOUZA | SÃO PAULO - SP

A geração de escritores nipônicos pós-Segunda Guerra notabilizou-se por um enfoque mais intimista no ser humano, especialmente no que diz respeito à descoberta de si e do próprio erotismo. É o caminho trilhado já de início por Yukio Mishima cujas **Confissões de uma máscara** tratam justamente da dualidade sexual tortuosa de seu protagonista.

Sintomático inclusive nelas uma citação à **Sodoma e Gomorra**, do francês Marcel Proust, obra que, a seu modo particular, trata das mesmas questões, com estética literária semelhante (guardadas as individualidades criativas). Sente-se assim que a literatura ocidental de cunho intimista exerceu relevante influência nos escritores japoneses, de Mishima a Yasunari Kawabata, cujo romance **Beleza e tristeza** é objeto da presente análise.

Não que ambos, e outros mais, limitassem-se a esse enfoque. Kawabata mesmo, em seu **A gangue escarlate de Asakusa**, tece uma narrativa de olhar mais voltado ao social, nas estratificações presentes na sociedade japonesa em franco desenvolvimento e ocidentalização após as chagas da guerra. Contudo, a tendência estética oposta a essa literatura parece dar o tom preponderante a essa geração de escritores, os celebrizando, sendo o auge desse processo a premiação do Nobel de Literatura justamente a Kawabata.

**Beleza e tristeza** não deixa de seguir o caminho aludido inicialmente, contudo façam-se as devidas distinções: o tema do erotismo, mais especificamente o homoerotismo, se na literatura proustiana e em grande parte da ocidental é tratado de forma um tanto velada, como que sufocada pela moral católico-cristã que prepondera na parte de cá do mundo, não obstante a explosão de cenas em que o sadismo e voyeurismo dão o tom, na literatura oriental, por motivos obviamente culturais, as coisas se dão de forma diversa.

Tanto o erotismo como o homoerotismo são elementos de destaque na literatura nipônica sem prejuízo da ideia de recato, que é senso-comum da visão ocidental quanto à sociedade japonesa. Geralmente trabalhados com expressividade e ornamentação visual, seja com discrição ou com as tintas fortes do sadismo e voyeurismo, tais elementos são desenvolvidos de forma distinta do que se costuma ver na literatura ocidental, e não deixam de ser o eixo central de **Beleza e tristeza**.

## Muitas camadas

A narrativa propõe uma história simples na superfície, mas que oculta muitas camadas. Oki é um escritor de meia idade cujo maior sucesso ficcional trata justamente de sua aventura extraconjugal passada com uma jovem de dezesseis anos, quando ele era mais jovem. Sua amante, Otoko, com o passar dos anos tornou-se uma estoica pintora de 40 anos, ainda bela, mas longe da jovem que um dia foi deflorada por seu ex-amante por



O AUTOR

## YASUNARI KAWABATA

Nasceu em 1899, em Osaka. Notabilizou-se não apenas por ser um exímio prosador japonês, atento ao social e ao introspectivo, mas também por ser laureado pelo Nobel em 1968. De sua infância solitária e infeliz à formação em literatura na Universidade Imperial de Tóquio, soube aproveitar bem as experiências para constituir uma prosa reflexiva e introspectiva. Suicidou-se em 1972.



## Beleza e tristeza

YASUNARI KAWABATA  
Trad.: Lídia Ivasa  
Estação Liberdade  
282 págs.

TRECHO

## Beleza e tristeza

*Na época em que se deitava com ele, Otoko não se preocupava com pelos nas axilas nem com a existência de tais coisas. Teria perdido o senso de realidade? Hoje, com Keiko, sentia-se mais livre, tendo criado um ousado erotismo para uma mulher de meia-idade.*

quem ainda resguarda uma paixão pungente. Mas os destinos de ambos já estão traçados, e não podem tornar a se cruzar. Descrito assim, o foco da obra parece ser a narrativa de um amor impossível que recalitra no tempo e espaço, tendo como testemunha o leitor expectante, torcendo pelo desfecho feliz desse enlace amoroso. Mas é um equívoco. Um terceiro elemento se junta a essa equação, complicando-a, complexificando os rumos desses dois destinos, fadados a não mais se encontrarem: Keiko, a jovem e fascinante discípula de Otoko.

As peças assim organizadas trazem à obra alguns temas que são trabalhados com esmero: a solidão, o remorso por escolhas tomadas, a arte e sua presença na vida das pessoas, além da capacidade dela de cristalizar momentos da existência e suas sensações etc.

Oki é um homem marcado por suas escolhas e realizações. Sua obra *Uma garota de dezesseis anos* logrou não apenas traduzir artisticamente e compactar o momento da relação mais importante de sua existência, como também lhe trouxe um sucesso inesperado, sucesso esse que lhe deixa um gosto amargo: sendo essa uma obra de início de carreira, é como se tudo que fizera posteriormente não se nivelasse com ela, ou alcançasse a mesma relevância. Tem-se aqui uma nuance artisticamente trabalhada, pois é como se o ápice da existência do vívido escritor estivesse aprisionado naquela relação de outrora.

Esse marco de sua vida é a pedra incontornável não só para ele, mas para aqueles ao seu redor. Isso é verdade especialmente no que toca à Fumiko, sua sofrida esposa, que é também a datilógrafa por quem todos seus manuscritos passam. Especialmente doloroso para ela é ter transcrito o original, conhecendo assim as entranhas daquela relação e, mais tarde, ironicamente, usufruir financeiramente dos frutos de seu sucesso, não sendo exagero dizer que a vida de sua família é sustentada pelo êxito daquela realização.

Otoko, por sua vez, vive às voltas com as escolhas que fez, e a maneira como elas elidiram as que recusou: casar-se e constituir uma família. Embora pintora reconhecida, a maior parte de sua notoriedade vem do fato de ser o modelo para a personagem do livro de Oki, o que a manietta ainda mais a seu passado. Também sua arte está consideravelmente comprometida com ele: o grande projeto que nutre é compor um quadro que eternize não apenas a memória de seu filho natimorto, mas todo o pesar sentido por sua perda.

Sua solidão advém também da perda de sua mãe, única testemunha da paixão insensata que nutriria quando jovem impetuosa. Contudo, acaba por constituir uma família substituta com uma misteriosa jovem que, em certo sentido, é um duplo de seu eu passado, e vem a ser a personagem mais impressionante do livro: Keiko.

Muito e pouco é dito sobre essa jovem de dezenove anos, as-

pirante à pintora: sem pais, praticamente expulsa do convívio de seus tios por “mimar muito” seu pequeno primo, Keiko toma contato com a figura e obra de Otoko, e implora para ser por ela aceita como discípula.

O mútuo convívio ganha cores ambíguas. A ligação ora assume tons maternos, ora homoe-róticos, em sutis alusões:

— *Mestra! Mestra!* — *Keiko estava sentada e procurava acordá-la. — Estava tendo um pesadelo? Parecia atormentada...*

— *Sim...* — *Otoko arfava: Keiko se inclinou e lhe afagou o peito (...)*

— *Foi um sonho bom. Mestra, estou certa que sim. Keiko cobriu-lhe os olhos com uma das mãos. Com a outra, pegou um dos dedos de Otoko, colocou na boca e mordeu.*

Mas há muito mais em torno dessa figura com inclinações masoquistas, que declara querer “vingar sua mestra”. Não à toa, o estilo que Keiko adota em sua arte pictórica é o abstracionismo: é próprio dessa arte suscitar as mais diversas impressões e interpretações, resguardando em si algo que sempre permanece a certa distância do espectador.

Esse drama se desenrola num Japão pós-Segunda Guerra em franco processo de modernização, aberto à influência e ao povo do Ocidente, e sendo por ele transformado:

*Arashiyama, que costumava ser tumultuado com os grupos de turistas que visitam o local da primavera ao outono, tinha uma atmosfera completamente diferente (...)* *Estava agora em sua forma original, silenciosa.*

É, contudo, o Japão que se mostra ainda hoje ao ocidental, exótico em seus costumes e sua vegetação nativa cheia de flores de beleza inigualável que, nessa obra, assumem papel essencial por conta da pintura, mas também pelo que revelam do interior dos personagens. Perceba-se inclusive a presença de tais elementos até nos títulos dos capítulos: *Jardim de pedras*, *Lótus em meio às chamas* etc.

## Estilo sereno

Kawabata é dono de um estilo sereno, de grande apuro imagético, descritivo, mas sobretudo fluente e de uma singeleza enganadora. Como seu enfoque é o interior dos personagens, é preciso ler sua prosa com atenção, atentando-se às relações estabelecidas entre os mais diversos elementos.

O ritmo de sua escrita vai revelando aos poucos, às vezes de súbito, novos elementos constitutivos da trama, dando uma nova perspectiva ao leitor. A tradução tem o cuidado de preservar tais pontos, e a edição traz cuidadosas notas de rodapé para familiarizar o leitor a uma cultura tão singular.

**Beleza e tristeza**, no fim, traz doses generosas de ambos os elementos, e constitui leitura profunda e agradável. **📖**

# Contra a antropofagia e o imperialismo

Contos de **Lu Xun**, pai da literatura chinesa moderna, são repletos de melancolia, desencanto e de ambições vazias

ARTHUR MARCHETTO | SANTO ANDRÉ - SP

Em 1918, Zhou Shuren revolucionou a literatura chinesa com *O diário de um louco*, o primeiro de seus contos publicados. O pseudônimo escolhido pelo autor levava o sobrenome da mãe: Lu Xun. A narrativa foi pioneira. Não só por adotar a linguagem vista no cotidiano da população, ao invés do tradicional uso do chinês clássico, mas porque propunha uma literatura que estivesse em sintonia com o resto do mundo, sem fórmulas herdadas. Visto como o pai da literatura chinesa moderna, Lu Xun estava intensamente envolvido com movimentos de renovação cultural, política e social na China.

Lu Xun foi um dos principais líderes do Movimento Quatro de Maio, de 1919. O movimento anti-imperialista protestava contra a resposta do governo chinês à ocupação dos territórios em Shandong, envolvido no Tratado de Versalhes, pelos japoneses. O protesto, que começou como um movimento estudantil, passou a abarcar diversas outras questões, como a defesa da ciência, da democracia e a libertação das mulheres — temas discutidos nas obras de Lu Xun.

No Brasil, o contato com a obra era parcial e incompleto, com algumas iniciativas individuais. Serve de exemplo a edição de *Novelas escolhidas* (1988), lançado pela Imago utilizando a grafia de Lu Sin. Foi só com a publicação de *O diário de um louco: contos completos de Lu Xun* (2022) que o leitor brasileiro teve acesso às obras do escritor chinês.

O volume reúne as três coletâneas organizadas pelo escritor, *O grito* (1923), *Hesitação* (1926) e *Histórias antigas recontadas* (1926), e contou com a tradução de Beatriz Henriques, Cesar Matiusso, Marcelo Medeiros, Marina Silva e Pedro Cabral. A coordenação e revisão técnica das traduções ficou a cargo de Ho Yeh Chia, professora de Língua e Literatura Chinesa na Universidade de São Paulo.

Ho Yeh Chia também é responsável pelo posfácio do livro, que contextualiza a luta e obra de Lu Xun. Ali, a professora explica que o contista chinês “dizia que a pena era o seu instrumento de luta, e a sua luta era contra uma sociedade vista por ele como doentia e uma cultura cheia de superstições e preconceitos”.

Lu Xun descrevia a sociedade chinesa como *antropofágica*, uma devoradora de pessoas e personalidades. Queria, com sua literatura, despertar os indivíduos para essa situação macabra e inspirar cidadãos a tomarem o controle das próprias vidas. Por isso, seus contos são repletos de melancolia, desencanto e de ambições vazias.

## Entre passado e futuro

Sua obra é um retrato do momento de transformações na sociedade chinesa. Apresenta os conflitos entre passado e futuro, arcaísmos e modernizações, diálogo com os pensamentos taoístas e confucionistas, discute e ideologias e, talvez o mais importante, mostra a luta pela sobrevivência e as opressões sofridas pelos cidadãos comuns — seja em um salário atrasado, na superstição de um pão que pode salvar a vida de um filho ou das mulheres que foram entregues para as ruínas.

Em sua trajetória, Lu Xun tentou ser médico. Não conseguiu. Ao longo de suas experiências, con-



## O AUTOR

### LUX XUN

Nascido em Shaoxing, na China, em 1881, Lu Xun foi considerado o principal representante da literatura moderna na China. As três coletâneas que reúnem sua obra são *O grito* (1923), *Hesitação* (1926) e *Histórias antigas recontadas* (1936) e todas compõem a coletânea *O diário de um louco* (2022). Lu Xun morreu em 1936, em Shanghai.

## TRECHO

### O diário de um louco

*Eu sabia que eles eram um bando, que comiam carne humana. Mas também sabia que eles estavam divididos: uns pensavam que o canibalismo sempre tinha existido e que não havia razão para não comer gente; outros sabiam que era errado, mas comiam do mesmo jeito, ao mesmo tempo que tinham medo de serem descobertos. Foi por isso que, ao ouvirem minhas palavras, ficaram furiosos, mas disfarçavam a raiva com um sorriso amarelo.*

cluiu que a medicina não poderia curar as almas doentes. Só as palavras tratariam dessas chagas. Por isso, sua literatura se tornou um tipo de missão, mas uma missão independente.

No entanto, não é difícil encontrar o autor alinhado aos ideais do Partido Comunista da China (PCCh). Apesar da afinidade que teve com o programa do PCCh no começo da sua vida, o autor nunca foi filiado e, gradualmente, foi perdendo a fé na revolução e no partido. Sua associação surgiu por dois grandes motivos. O primeiro deles era a paixão de Mao Tsé-Tung pela obra de Lu Xun.

Ao conhecer a obra do escritor em um momento de crise pessoal, o líder chinês ficou arrebatado. Levava sempre os livros do escritor consigo, encorajava discussões e afirmava que ele conhecia os camponeses e a opressão dos pobres pelos ricos e poderosos como ninguém. Mao cultuava Lu Xun, considerava-o mais sábio que ele mesmo e que Confúcio — por isso, sua imagem foi fortemente associada ao maoísmo.

Soma-se a isso o segundo fator. Quando passou a mudar de ideia sobre o partido, Lu Xun foi visto como uma *persona non grata*, principalmente porque não queria escrever uma literatura de combate ou filiar sua obra. Mas, depois de sua morte, foi fácil a instrumentalização dos contos pelo programa partidário, já que não enfrentariam resistências.

Por isso, a obra do escritor foi revista com o falecimento de Mao Tse-Tung. Com a morte do líder chinês, diversos ideais supremos foram rebaixados ou esquecidos. O culto a Lu Xun foi um desses fatores. Visto como uma entidade ou ente sagrado, perder o status divino beneficiou o contista. Ho Yeh Chia sintetiza esse movimento:

*Lu Xun se tornou um literato entre muitos outros, e não mais um semideus contemporâneo. (...) Isso teve um efeito saudável sobre a obra do escritor. Se em seu próprio país ele foi se tornando apenas mais um entre outros autores, no exterior Lu Xun começou a ser analisado com outros olhos. Desvinculado do papel de “porta-voz do maoísmo”, ele passou a ser estudado e reconhecido como o grande escritor que sempre foi. Sem o véu ideológico que lhe fora imposto pelo partido, sua imaginação vertiginosa, sua capacidade de construir metáforas fortes e inesperadas, sua ousadia, seu amor pelo indivíduo e pela liberdade humana aparecem em plena luz.*

## Opressão

Ao tomar conhecimento das linhas de Lu Xun, é possível que o leitor reconheça algumas similaridades com a literatura. Os mujiques de Tchekkhov, por exemplo, podem ecoar nos camponeses chineses e a batalha cotidiana pela sobrevivência. Os personagens de Lu Xun estão permeados pela derrota, fome e miséria.

No conto que dá nome ao livro, o escritor chinês coloca a antropofagia social de forma concreta. Em *O diário de um louco*,



## O diário de um louco

LU XUN

Trad.: Beatriz Henriques, Cesar Matiusso, Marcelo Medeiros, Marina Silva e Pedro Cabral  
Carambaia  
568 págs.

acompanhamos anotações escritas durante um surto psicótico. A cada dia que passa, o paciente tem mais certeza de que todos ao seu redor querem devorá-lo. O próprio médico, por exemplo, está ali para se certificar de que ele engorde e se torne mais saboroso. Utilizando o canibalismo como figura de linguagem, Lu Xun apresenta um canibalismo que permeia toda a estrutura social, ainda que uns a abracem com dor e vergonha e, outros, repletos de prazer.

Já em *A verdadeira história de Ah Q*, um de seus contos mais célebres, vemos a tentativa de registro da história de um trabalhador miserável e inescrupuloso, esquecido pela cidade e tido como um pobre qualquer. Apesar disso, Ah Q se vê como uma pessoa extraordinária e tenta tirar vantagens de qualquer situação. Narrada em um momento de declínio imperial e de efervescência revolucionária na China, Ah Q é deixado de lado e desconsiderado de qualquer movimentação política.

Lu Xun também apresentava a opressão em outras frentes, como o machismo opressor da sociedade chinesa. Não só na apresentação das mulheres de pés-amarrados, ou pés-de-lótus, tradição que amarrava e deformava pés femininos para adequá-los a um padrão de tamanhos pequenos, mas também na apresentação das dificuldades do estudo, do divórcio e nas complexidades do trabalho doméstico e a remuneração. Contos como *Uma tempestade passageira*, *O divórcio*, *O sacrifício de ano-novo* e *in memoriam diário de Juan Sheng* deixam em evidência tais questionamentos.

Por fim, é importante ressaltar que Lu Xun não defendia um progressismo desenfreado. Depois do ceticismo com o movimento revolucionário, Lu Xun aprofundou os diálogos com pensadores e filósofos. Ao estruturar *Histórias antigas recontadas*, o escritor retomou textos antigos, lendas e histórias míticas, para atualizá-las e colocá-las aos dias de hoje. Como explica Ho Yeh Chia, “Lu Xun buscou nessas histórias transformar a tradição por dentro, recuperando personagens e narrativas, mas subvertendo muitas vezes seu sentido original. Mais do que em qualquer outra obra sua, é possível sentir nessas histórias o quanto a literatura de Lu Xun é refratária a qualquer tipo de instrumentalização política”. 🗨

# Sátira, censura, pobreza

Para investigar a vida de **Bocage** em suas minúcias, Adeldo Gonçalves percorreu todas as biografias e estudos importantes sobre o autor

ADEMIR DEMARCHI | SANTOS - SP

“**B**ocage, alistado na Marinha, cursou a respectiva Academia, embarcou para a Índia, foi boêmio no Rio de Janeiro, passou três anos em Goa e Damão, desertou fugindo para Macau, regressou a Lisboa, onde a vida livre e as sátiras o atiraram para a prisão e o hospício. Morreu doente e pobre, traduzindo nos seus versos a sua vida e o seu tempo.”

Essa síntese da vida de Bocage, feita no prefácio de **Bocage – O perfil perdido** por Fernando Cristóvão, professor catedrático de Literatura da Universidade de Lisboa, bem caberia em similaridade àquela feita por Nabokov sobre um personagem no início de seu romance **Gargalhada na escuridão**, em relação à qual o escritor russo acrescenta: “Eis aí toda a história, e bem poderíamos abandoná-la neste ponto, se não houvesse vantagem e prazer em contá-la. Embora haja espaço mais do que suficiente numa pedra tumular para conter, encadernada em musgo, a versão resumida da vida de um homem, os pormenores são sempre bem recebidos”.

É o que faz o professor e escritor Adeldo Gonçalves ao investigar a vida de Bocage em suas minúcias, percorrendo todas as biografias e estudos importantes sobre o autor, cotejando e contrapondo-os às suas novas descobertas e correções oriundas de exaustivas pesquisas em arquivos e fontes primárias como trabalho de pós-doutoramento na USP, que teve sua primeira edição em 2003, em Portugal, pela Caminho, de Lisboa, e que agora sai em nova edição, com excelente projeto gráfico e ilustrações, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A vida do poeta português, propagandeada pelo senso comum como “agitada e de boemia” em geral para promover seleções mais vendáveis de sua poética, se decompõe nessa biografia quando a acompanhamos inserida em detalhes na sociedade da sua época histórica e cultural que, agitada e contraditória, se expressa na obra de Bocage transitando do neoclassicismo das Arcádias aos primeiros momentos do romantismo.

Pode-se dizer que, mais que boemia, o que fez Bocage foi sobreviver em miserabilidade, passando por punições, prisões e fugas em meio ao período histórico em que viveu, marcado pela morte do rei d. José, pelo reinado de d. Maria I, pela onipresença e em seguida queda e afastamento do poderoso marquês de Pombal, bem como pelo jugo sofrido sob a intendência repressiva e policiaesca do Intendente-Geral da Polícia Pina Manique, durante o reinado de d. Maria I. No contexto da Campanha do Rossilhão, também denominada Guerra dos Pirenéus ou Guerra da Convenção, campanha militar em que Portugal participou ao lado da Espanha e do Reino Unido contra a França revolucionária, Pina Manique agiu visando à repressão das ideias oriundas da Revolução Francesa, proibindo a circulação



O poeta Bocage morreu pobre e doente

de livros e publicações e fazendo perseguição a diversos intelectuais, especialmente maçons, que ele culpava de terem conspirado a favor da revolução, e atingindo diretamente a vida de Bocage, defensor do ideário revolucionário.

Nesse contexto, já na corte, as publicações feitas por Bocage, além de negociadas nas minúcias das trocas de palavras para serem aprovadas, demandava o recurso habitual humilhante a que se submetia, de escrita de poemas laudatórios aos poderosos, tanto para facilitar a publicação de livros quanto para garantir migalhas de sinecuras para sua sobrevivência, numa existência pendular que ia da “euforia do amor e da paixão romântica à impiedade e à disforia do desespero e do arrependimento”, na ótima síntese feita no prefácio por Fernando Cristóvão.

## Contradições

A dificuldade de existência sob despotismo tendo-se ideias de mudança da sociedade pode ser bem descrita num dos eventos mais notáveis da Real Mesa Censória: a proibição de 122 obras e a grande fogueira feita em 1770 no Terreiro do Paço com a queima de livros de Voltaire, Bayle, Rousseau, abade Raynal, Boulanger e La Mettrie, considerados nefandos em seu ateísmo e materialismo e ameaça à religião.

Adeldo Gonçalves esmiuçou essa vida, contraditória pelas circunstâncias, que, se fez vivas à liberdade e à ciência, assim como sátiras violentas aos poderosos, impôs-se escrever, de forma hu-

milhada, ode de arrependimento em gesto de perdão ao policial Pina Manique, sinalizando que “Meu ser evaporei na lida insana”, assim como, depois da subversão de ideias de inspiração francesa, decaiu na religiosidade aceita das homenagens à paixão de Cristo e à pureza de Conceição da Virgem Santíssima, finalizada com o último respiro abençoado por frei José Maria, que lhe fez o trabalho de “conforto espiritual”.

A pesquisa de Adeldo Gonçalves, pela necessidade de esclarecimento de fatos biográficos que misturam bens patrimoniais particulares com os do Estado, bem como sinecuras e relacionamentos de familiares que repercutem na vida do poeta, compreende um traçado da árvore genealógica da família de Bocage que é pontuada pela análise escrutinada com informações primárias de arquivo, o que resulta numa compreensão excelente de como se dava a vida social naquela época e como era possível ser poeta em tal contexto.

Da análise dessa árvore genealógica saem um avô francês corsário que bandeou de sua pátria para o lado português, negócios, bens acumulados, a prisão do pai de Bocage, as relações familiares e suas negociações de subsistência, bem como a intriga em torno de uma casa de família tida como onde nasceu Bocage pelos historiadores e que, crescendo como uma personagem no livro de Adeldo Gonçalves, se desmascara com as pesquisas em arquivos.

De minúcia em minúcia, o pesquisador vai percorrendo a vi-



## Bocage – O perfil perdido

ADELTO GONÇALVES  
Imprensa Oficial de São Paulo  
520 págs.

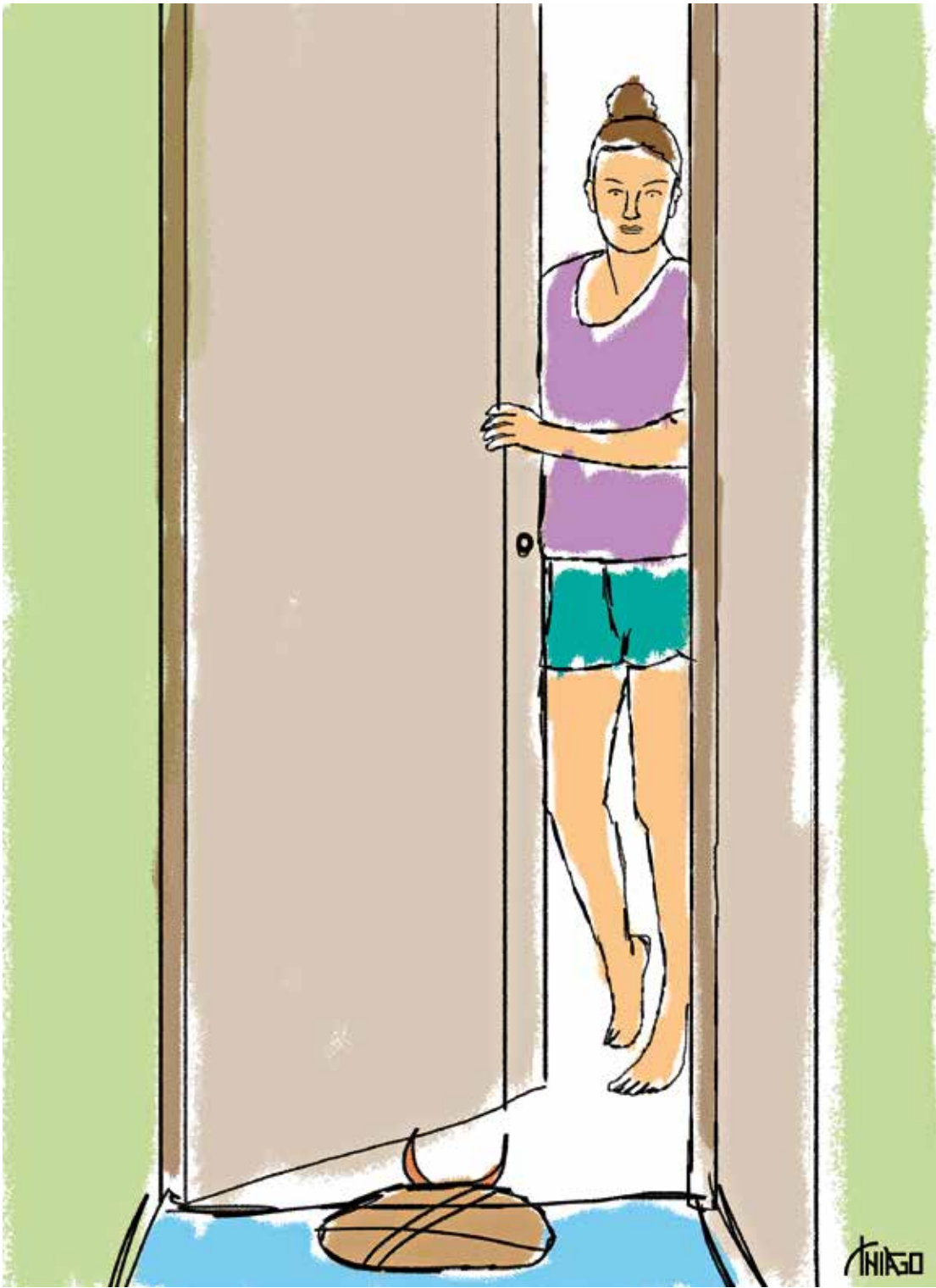
da de Bocage, primeiro nos rastros de Camões, depois por sua passagem pela Índia integrado à Marinha, a deserção e a fuga, o retorno a Lisboa, a expulsão do Parnaso e a convivência disputada com os poetas da época — a “guerra dos vates”, bem como as relações com personagens como o aeronauta balonista Lunar di, os amores, a aspiração à plena liberdade numa corte controladora e provinciana que o leva à prisão sob guarda do intendente Pina Manique. Essa autoridade policial impõe um processo de “reeducação” do poeta, que acaba coroado por loas de Bocage à família real, em um elogio dramático escrito e recitado no Teatro do Salitre. Destacam-se também as distantes relações familiares do poeta, as censuras sofridas, o trabalho de tradutor, revisor e reescritor de textos alheios, as perseguições pela Inquisição, as publicações e tiragens de livros e a morte anunciada, com a reaproximação de velhos amigos e antigos desafetos promovida por frei José Maria.

Configurando-se em uma biografia exaustiva e rigorosamente documentada, o trabalho do pesquisador analisa os embates relacionados à memória de Bocage entre seus partidários e José Agostinho de Macedo, ferroz opositor, destacando-se também o relato do último período da vida do poeta em suas negociações com os censores da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros e seu trabalho na Oficina Tipográfica, Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, onde foi tradutor e revisor.

Entre os livros publicados por Adeldo Gonçalves, soma-se a essa biografia de Bocage, além de livros de contos e romances, a também minuciosa biografia de Tomás António Gonzaga, **Gonzaga, um poeta do Iluminismo** (Nova Fronteira, 1999), escrita como tese de doutoramento, que ganhou o Prêmio Ivan Lins de Ensaio da União Brasileira de Escritores e da Academia Carioca de Letras.

As duas biografias, de Gonzaga e de Bocage, ao fazerem a reconstrução da vida no século 18, combinando história e literatura com o rigor da pesquisa em arquivos, estimulam a releitura da obra poética desses autores, de forma a compreendê-las em suas nuances, marcadas pelo contexto histórico e social, sem os clichês costumeiramente aplicados a esses poetas. **U**

# DESPACHO



## VALÉRIA MARTINS

Ilustração: **Thiago Lucas**

Abre os olhos com dificuldade, remelas, restos de maquiagem. A cabeça dói. Quase duas da tarde. Levanta devagar, vai à geladeira. Vazia. Nem água. A roupa ainda cheira a cigarro. Até a calcinha cheira a cigarro. Olha-se no espelho. Está horrível. Olhos borrados. Abre a porta da rua, dá com o pacote no chão, papel pardo. Dois pares de chifres despontam.

Recolhe a encomenda antes que os vizinhos vejam. Doze apartamentos por andar, verdadeiro edifício máster. Põe em cima da mesa. É um casal. Ele de calças curtas, capa preta, cartola, tridente na mão. Ela com minissaia rodada, seios desnudos, bicos escuros apondo para frente. Sorriem com malícia.

Faz um escâner na memória, localiza a Fran. Francine. Não gosta de buceta, já disse, mas ela insiste. A mulher do Wagner, recém-parida. Entre uma mamada e outra deve vasculhar as mensagens dele.

Tem ímpetos de quebrar as imagens a marteladas, picar miudinho, despejar na lixeira. Lembra da mãe, “macumbeira de terreiro”, como se autodenominava: “Com isso não se brinca. Foi feito com intenção, precisa desfazer”.

Se fosse viva, poderia lhe ensinar. Como não está, busca o caderninho de telefone que era dela, cheio

de papéis soltos. Vai à letra Z. Zênia, mãe de santo encarquilhada, coluna torta como ponto de interrogação. Dedos atrofiados, escondidos nas palmas das mãos. Pele coberta de manchas e saliências.

— Por que ela é assim, mamãe?

— Por causa do Santo.

Zênia atende. “Aqui é a filha da Marli.” Explicana a questão enquanto escuta a respiração pesada do outro lado. Ao fim da história, o parecer é imperativo.

— Não pode jogar no lixo ou o trabalho pega e aí é pior. Tem que doar a quem precisa.

— Mas como vou saber quem precisa?

— Vai numa loja de macumba, vão te ajudar.

Chegou cliente, vou desligar.

Se fosse a Marli lhe daria atenção, pois a mãe, ávida por predições e mandingas, deixava uns tantos reais todo mês nas mãos deformadas.

As estátuas escutam seus pensamentos, vigiam seus atos. Encerra as duas em seu invólucro pardo, as toma nos braços e sai. Tem uma loja de umbanda na esquina de Constante Ramos com Toneleros. Marli era freguesa. Chama um uber, dezenove reais.

O carro percorre as ruas cheias. O estômago vazio retumba e estala. Encontram a porta arriada: “Passo o ponto”. Pergunta ao motorista:

— Sabe onde tem outra dessas por perto?

— Dessas o quê, senhora?

— Loja de macumba, moço. Umbanda.

— Ah, na Zona Sul vai ser difícil. Fecha-

## VALÉRIA MARTINS

É jornalista formada pela PUC-Rio. Trabalhou para diversas revistas das editoras Bloch, Globo e Abril, e para os jornais *O Dia* e *Valor Econômico*. Em 2004, migrou para o mercado editorial, atuando nas editoras Elsevier e Record. Em 2008, fundou a agência literária Oasys Cultural. O conto *Despacho* integra a coletânea **O lugar das palavras**, a ser lançada pela 7Letras, em 2023.

ram todas. No Mercado de Madureira, a senhora vai achar.

Quase quatro da tarde. Altera o destino final. Sessenta e sete reais. Mãos trêmulas de fome. As imagens espiam pela abertura do saco.

Pegam a Lagoa, trânsito lento. O rádio diz que foi um acidente na Avenida Brasil, três carros, somente uma pista liberada. Ao fim do Rebouças, o motorista desce pelo Rio Comprido, entra por um labirinto de ruas desconhecidas. De repente, uma loja de umbanda.

— Para aqui.

Adentra a loja. Incenso, arruda, rumor de animais, pombos, galinhas, preás encerrados em gaiolas, comida e fezes no chão.

— O senhor pode me ajudar? Deixaram essas estátuas na porta da minha casa, não sei o que fazer, queria doar, o senhor pode aceitar?

Barba por fazer, ventre estufado, o homem escuta, examina o interior do saco e determina:

— Não, de jeito nenhum — e, virando-se para o interior da loja — Madame!

Surge uma mulher baixa e gorda, chinelos de dedo, penhoar de florzinhas, rosto suado emoldurado por fiapos de cabelo rebelde, vermelho vivo. Limpa os cantos da boca com os dedos, devia estar comendo.

— Tem que fazer o trabalho completo, senão fica ruim pro seu lado — diz Madame arquejando.

— Ruim como?

— Isso aí é pra você não parar com homem nenhum. Não ser feliz de jeito nenhum. Não ter paz.

Já é assim.

Os animais em volta se agitam.

— Três velas vermelhas, três pretas, duas guias, uma tigela de barro, um vidro de perfume, farofa amarela, uma galinha.

— Vou ter que matar a galinha?

— Já leva morta.

Madame discrimina os itens com letra tosca em uma folha de caderno, revela o valor do material e da consultoria: duzentos e oitenta reais.

— Não aceito cheque nem cartão — completa. — Só dinheiro vivo.

Vai ao banco eletrônico sacar a soma que era para chegar ao fim do mês. Terá que pedir emprestado a partir de agora. Entrega as notas nas mãos enebadas de Madame. A mulher confere com satisfação e explica com detalhes o que e onde fazer.

O uber chega à Praça Saens Peña em meio ao trânsito pesado das seis da tarde, sobe a Muda, chega à Usina. O ar vai refrescando à medida que se aproximam da mata. Quando alcançam o portão do parque é quase noite. Os faróis iluminam a guarita de onde sai um guarda sonolento.

— Fechado. Não pode entrar.

— Foi Madame quem mandou — entrega uma nota de cinquenta reais na mão do homem.

O portão se abre.

Avançam pela alameda solene, cinza ao negro, terra molhada, matéria orgânica em decomposição.

— Aqui tá bom — ordena, quase sem forças.

Adentra o mato, os ingredientes do despacho em pesadas bolsas cujas alças finas machucam a pele dos braços. Chega a uma clareira, mais adiante um regato. Diminui o ritmo, pisa suave sobre o manto de folhas, o saco com as imagens agarrado ao peito, parece que se afeiçoou a elas. Pousa a bagagem no chão, traz para fora Zé Pelintra e a Pomba Gira. Coloca-os de pé sobre uma pedra redonda e chata, arruma as guias coloridas em seus pescoços, as velas vermelhas e pretas intercaladas, formando um círculo ao redor. Deposita o tacho de barro, cheio de farofa amarela, no chão. Pega com asco o cadáver semirrígido da galinha, embrulhado em jornal, sentindo as penas oleosas entre os dedos. Ajeita-o sobre a farinha, acende as velas. Do centro da roda flamejante, as entidades a observam, riem com escárnio, debocham de suas derrotas, de seu medo.

Profere as palavras indicadas, levanta-se um pouco tonta, afasta-se devagar, olhar fixo nas imagens por trás das chamas.

Em casa, mal tranca a porta, o celular toca. Choro de bebê no fundo, a voz ansiosa do Wagner:

— E aí, gata? Vamos nos ver hoje? 📞

# TRÊS CONTOS

**LUÍS HENRIQUE PELLANDA**

## O CARDÁPIO

Depois de décadas de ausência, voltei com minha esposa à cidadezinha onde nasci e cresci. Nela passaríamos o fim de semana. A primeira coisa que fizemos foi descobrir se meu restaurante favorito ainda funcionava. Ligamos e fizemos uma reserva. Seria uma noite especial. Almocei lá com meus pais e avós todos os domingos de minha infância.

Assim que chegamos me senti em casa. O restaurante ainda era o mesmo, o dono também, e até seus antigos garçons continuavam por ali, um tanto encurvados, mas com os uniformes de sempre. O nome do lugar ainda era o mesmo, assim como as mesas e as cadeiras. Mas algo, não demorei a descobrir, havia mudado radicalmente. Era o cardápio. Logo de cara nos recomendaram uma iguaria de que nunca tínhamos ouvido falar.

O daíque está fabuloso esta noite, nos disse um velho garçom. E nos aconselhou a pedir uma porção reforçada, mas apenas com as asas do animal, porque (e isso ele não tinha medo de afirmar) dos daíques só se aproveitavam mesmo as asas. Não concordávamos?

Olhamos para o cardápio. Nele havia vários pratos à base de daíque, todos com preços absolutamente proibitivos, e ficamos confusos. Sorrimos, agradecendo a sugestão, mas dissemos preferir, talvez, comer algo que não voasse.

O garçom primeiro fez uma cara de espanto e, depois, como quem se dá conta de ter ouvido uma piada, riu com gosto e atraso: Um daíque voando? Um daíque voando! Os senhores são ótimos!

Rimos com ele e mudamos de tática. Dissemos que apenas não queríamos asas naquela noite, ao que o garçom semicerrou os olhos, nos dirigindo o mais malicioso de seus sorrisos. Já sei o que querem, insinuou. Já sei, os senhores são terríveis. Os senhores querem o hiacinto. Vieram aqui só para isso. Quem lhes contou?

Quem nos contou o quê, perguntamos.

Sobre o lote que recebemos ontem! Eu mesmo posso prepará-los para os senhores, faço questão, um pé para cada, vai demorar um pouco, claro, o correto seria que os tivessem encomendado com antecedência, por telefone. Leva uma hora para limparmos cada peça, é um prato que exige meticulosidade. Temos que extrair alguns calos, as unhas roídas e as bolhas de veneno, os senhores sabem, mas se tiverem tempo e paciência, comerão, ainda hoje, o melhor pé de hiacinto da região.

Olhamos para as mesas ao nosso redor e vimos que nada ali parecia realmente anormal. Os fregueses eram normais. Gente normal, mais ou menos bem-vestida. Calças, camisas, sapatos. Vestidos, blusas. Nenhuma extravagância. O volume das vozes estava agradável. Gente típica da minha cidade. Eram os filhos e os netos dos amigos de meus pais. De alguns, inclusive, eu ainda lembrava os nomes. A aparência do que comiam tampouco tinha algo de espantoso. Era comida, afinal! Pedacos generosos de carne, mas carne como qualquer outra. Boi, porco, frango, peixe. Assim nos parecia.

O garçom aguardava nossa resposta, já um pouco ansioso. Na verdade, dissemos a ele, ainda sorrindo, não queríamos comer nada que fossem pés, patas ou asas, nem caudas ou barbatanas, nada que a comida tivesse usado, um dia, para se locomover mundo afora. O senhor não nos indicaria um prato mais convencional?



Ilustrações: **Conde Baltazar**

Baços de vérguna, talvez, antecipou-se o garçom. É simples, mas honesto.

Fizemos que não. Baços não. E o velho homem, crispando os lábios, se viu obrigado a concordar conosco, embora já bem menos feliz que antes. Pensou por alguns segundos. Timos de turgo? Não. Pineais de fonça? Não. Hipotálamos de porcela? Desculpe, mas não. Picas de mosqueta? Apêndices de massude? Umbigos de nubívago?

Angustiado, o garçom desafiava diante de nós uma longa sequência de misteriosas recomendações, enquanto, interditos, olhávamos repetidas vezes para o cardápio, atrás de explicações plausíveis para aquela loucura. Mas não. Ali só encontrávamos figuras sinistras, órgãos e glândulas rascunhados de forma amadora, orelhas, falos e chifres, bolsas escrotais, palavras desconhecidas, garranchos e símbolos inextricá-

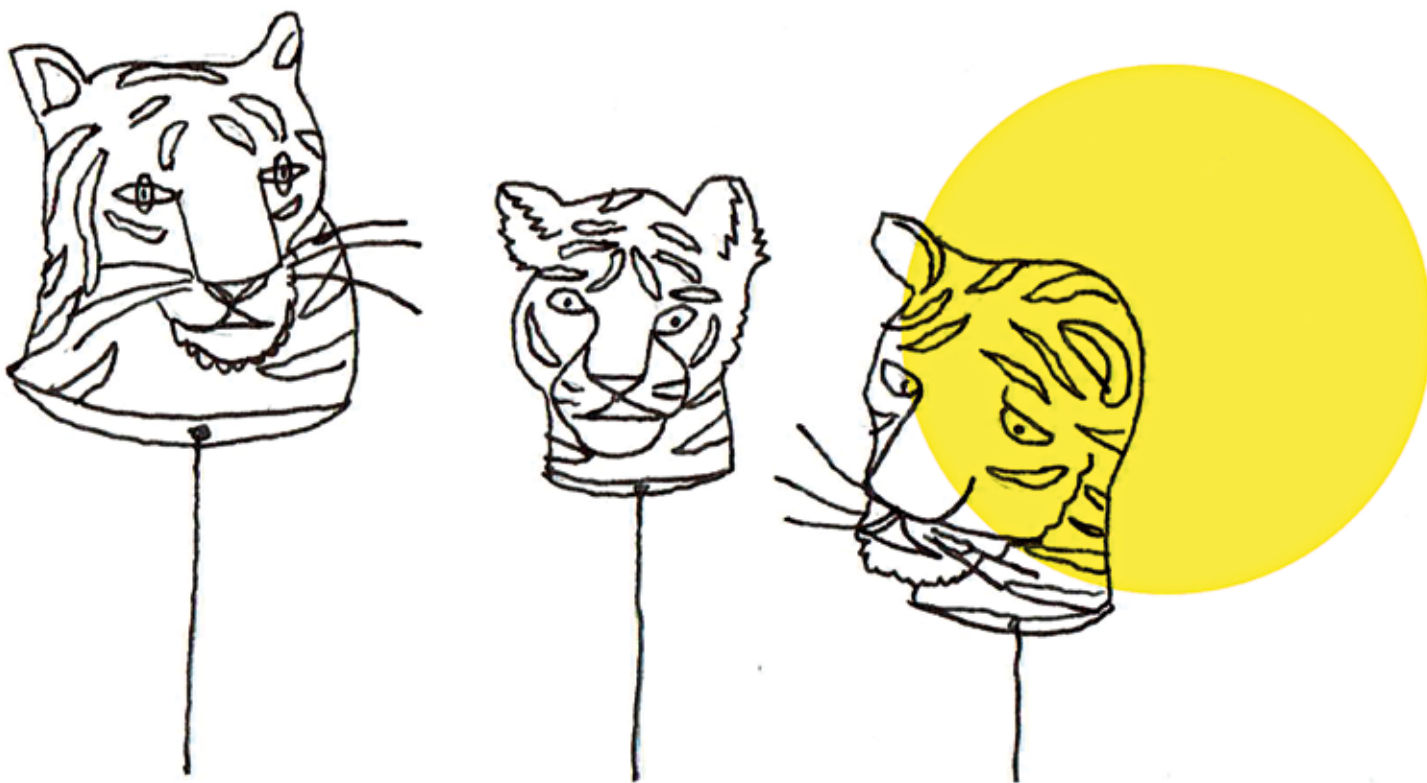
veis, preços altíssimos.

Resolvemos ir embora. Levantamos, pedimos desculpas e prometemos voltar outra noite. O garçom foi educado. Lamentou não haver nada do nosso gosto. Meus saudosos pais sempre estiveram entre seus fregueses de predileção, garantiu, e implorou que déssemos outra chance ao restaurante. Na semana seguinte, segredou-nos, receberiam um precioso carregamento de antenas de maroto fresquíssimas, e também uma família de bichos-sapadores completa, criada nos fundos do cemitério de mímicos.

Na rua, não sabíamos o que pensar. Nada ali nos dava pistas de que não estávamos em minha cidade natal, ou de que ela pudesse ter mudado tanto em tão poucas décadas. Caminhávamos em direção ao hotel por travessas que não me eram de todo estranhas e que, como sempre, àquela hora da noite, já estavam vazias.

Foi quando deparamos, na esquina à nossa frente, com a silhueta de um guarda. Ouvimos o seu apito. Ele ordenou que parássemos. Esperamos que chegasse até nós. Veio andando devagar, mas já de longe nos tranquilizou, desculpando-se e dizendo que estava tudo bem. Contou que vinha patrulhando a área sozinho, como fazia todas as noites, e de repente quis fumar, era seu único vício. Só então percebeu que havia esquecido o isqueiro em casa. E ao ver por ali um casal tão simpático, pensou em nos pedir um favor. Os senhores têm fogo?

Eu disse que sim, é claro. Sorri e apanhei meu isqueiro no bolso interno do paletó. Porém, ao acioná-lo e aproximar a chama azulada do rosto daquele homem, notei que ele trazia, pendendo de seus beijos, debaixo de um ridículo bigodinho tingido de preto, não um cigarro, mas um finíssimo dedo humano, decepado.



## FANTASIA DE HOMEM

### O CARTEADO

Meu avô conheceu o homem mais perverso do mundo. Aliás, não apenas conheceu: trabalhou para ele, quando criança, cuidando de sua criação de cavalos.

Um dia, um potrilho que havia se perdido na mata amanheceu morto, dilacerado por uma onça. Uma evidente casualidade. Mas o patrão de meu avô não entendia a coisa dessa maneira. Tomou o ataque como uma ofensa pessoal. A onça, dizia ele, não teria agido meramente em favor de sua sobrevivência, como todos supunham, e muito menos contra a integridade física de uma presa qualquer, mas em detrimen-

to do próprio dono do cavalinho. De modo que a verdadeira vítima, esbravejava o homem, era ele.

Inflamado, mandou as criadas (minha bisavó era uma delas) prepararem um farnel para a caçada. Deixaria a fazenda na manhã seguinte e jurou que só voltaria com o cadáver da onça na garupa. Com seu couro, prometeu à esposa, faria um lindo tapete sobre o qual ainda brincariam seus filhos e, no futuro, se Deus os abençoasse, os filhos de seus filhos.

E então partiram, meu avô, seu patrão e o capataz. Os dois últimos, a cavalo, iam bem armados. O menino, encarregado dos mantimentos, ia de burro. Passaram três dias no rastro da onça, até

a avistarem em cima de um pau arcado. Parecia mais preocupada que agressiva. Em vez de atacar, saltou de lá e correu em direção a uma barranca. Ali, entre um emaranhado de raízes aéreas, o patrão do meu avô a encurralou. Indecisa, cuidava de dois filhotes pouco crescidos, ainda incapazes de pular no rio, que era de correnteza, e fugir a nado.

O homem perverso agiu com calma. Primeiro atirou na mãe. Depois aproveitou para brincar com os órfãos, antes de também matá-los. Com a ajuda do capataz, colocou os três bichos deitados de comprido, lado a lado, a mãe no meio das duas crias. Mandou o empregado sentar so-

bre uma delas, enquanto ele próprio sentava sobre a outra. Tirou do bolso dois cigarros de palha e deu um deles ao empregado. Vasculhou a algibeira e sacou dali um baralho. A onça morta virou mesa de carteadado, e os filhotes, banquinhos, e sobre eles os caçadores jogaram algumas partidas de escopa.

A celebração durou horas. Enquanto isso, meu avô os servia. Broa, chouriço e cachaça. Comeram e beberam, contaram piadas, velhas histórias de caça e pesca, casos de briga, traição e assassinato. Já bêbado, o patrão passou a discursar sobre política. O capataz só ouviu.

Uma vida mais tarde meu avô ainda se sentia culpado. E la-

### NOTA

Os contos *O cardápio*, *O carteadado* e *O filho do bugio* integram a coletânea **O caçador chegou tarde**, a ser lançada em 2023, pela Maralto.



### LUÍS HENRIQUE PELLANDA

Nasceu em Curitiba (PR), em 1973. É escritor e jornalista, autor de diversos livros de contos e crônicas, como **O macaco ornamental**, **Nós passaremos em branco**, **Asa de sereia**, **Detetive à deriva**, **A fada sem cabeça**, **Calma, estamos perdidos** e **Na barriga do lobo**.

mentava, principalmente, não poder dar àquele relato um final reparador, que vingasse as onças. O destino nunca as ressarcia. Nada de ruim jamais aconteceu àquele criminoso. Até o fim de sua longa existência, foi recompensado pela fortuna. Teve saúde, conforto, dinheiro, reputação e uma família numerosa, que o idolatrava. Morreu tido como um bom cristão, abençoado e influente. E não apenas seus filhos e netos brincaram sobre os três tapetes que mandou esticar no salão de sua próspera fazenda, diante de uma lareira que nunca precisou acender. Seus bisnetos estão lá agora mesmo, felizes e inimputáveis, no aconchego daquelas peles.

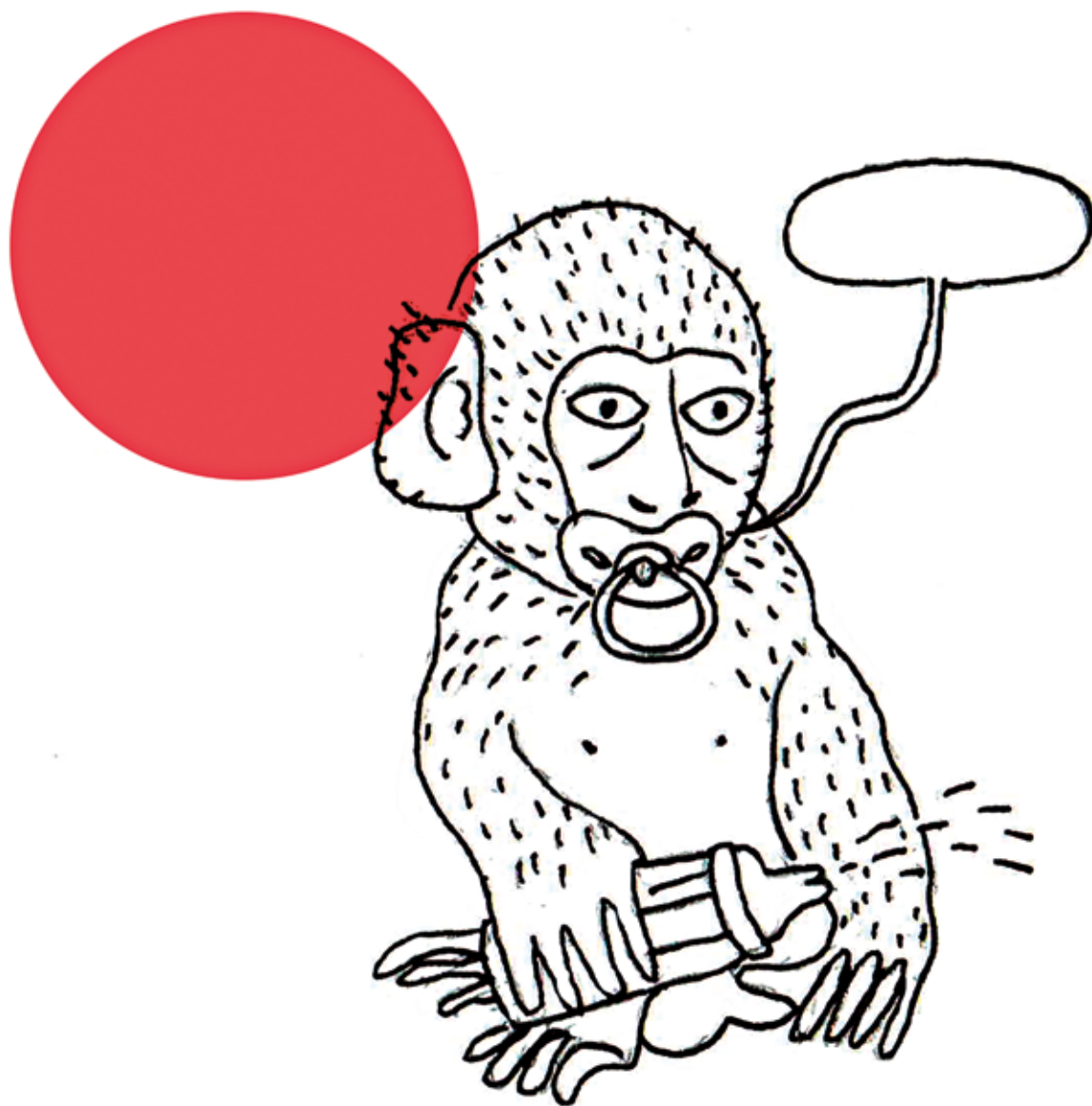
### O FILHO DO BUGIO

Cresceu assombrado pela peculiaridade de ser filho de um bugio. Sua mãe, considerada a moça mais bonita da região, cultivava o perigoso costume de passear sozinha pela floresta, onde, às vezes, adormecia à sombra de uma sibipiruna. Foi ali que o macaco a abordou. Consta que de pronto já se gostaram. Que ele a tratou com extrema deferência e que talvez por isso a tenha seduzido tão facilmente. Dizia ser um príncipe enfeitiçado, e que só o amor sincero de uma donzela o desencantaria.

Disposta a se casar com o bugio, a moça o levou para casa. Seus pais, é claro, não aprovaram aquele arranjo, embora o futuro genro, de fato, não mentisse. Já na primeira noite que passou com a noiva, transformou-se num lindo rapaz ruivo, de modos refinados e saúde invejável.

O casal, contudo, não foi feliz. Poucos meses depois, o príncipe já parecia querer voltar à forma anterior. Gritava sem motivo algum, fedia, não raramente agredia a esposa, ameaçava os sogros. Não botava um centavo na casa. Seus pelos cresciam por debaixo do pijama. Desaprendeu a falar. A vida, para ele e a mulher, tornou-se tão dolorosa que o príncipe desistiu de si mesmo. Certa manhã, acordou mais irritado que de costume. Despiu-se, defecou nos lençóis de linho, limpou-se na toalha da cozinha, quebrou móveis, pratos, xícaras. Arreganhando os dentes, precipitou-se pela janela e voltou à mata, de onde nunca mais retornou.

Deixou para trás a moça grávida. O bebê nasceu cabeludo e muito ruivo, o que desagradou aos avós, que preferiram renegá-lo. A mãe, no entanto, sempre o tratou com carinho e franqueza. Jamais escondeu dele a verdade sobre o pai. Enquanto macaco, nunca foi violento ou mentiroso. Enquanto homem, deixou muito a desejar. **1**



# DAVID WHEATLEY

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

From **Sonnets to James Clarence Mangan**

**1.**  
Fishamble Street, the Civic Offices  
turning the sky a bureaucratic grey  
above a vacant's lot rent-free decay:  
craters, glass, grafitti, vomit, faeces.  
One last buttressed Georgian house holds out  
precariously against the wrecker's ball  
or simply lacks the energy to fall  
and rise again as one more concrete blot.  
Ghost harmonics of the first *Messiah*  
echo round the Handel Hotel and mix  
with bells long redeveloped out of use  
at Saints Michael and John's, a ghostly choir  
rising and falling until the daydream breaks...  
Silence. Of you, Mangan, not a trace.

Dos **Sonetos para James Clarence Mangan**<sup>1</sup>

**1.**  
Na rua Fishamble, as repartições públicas  
fazem da cor do céu um cinza burocrático  
sobre um decadente e vago terreno baldio:  
buracos, vidros, grafite, vomito, fezes.  
Uma derradeira e escorada casa Georgiana se destaca  
precarosamente contra o guindaste de demolição  
ou talvez apenas não tenha a energia para ruir  
e se reerguer como mais um borrão de concreto.  
As harmonias espectrais do primeiro *Messias*  
ecoam em torno do Hotel Handel, e se misturam  
aos sinos há muito deixadas sem uso  
nos fantasmagóricos coros da igreja de São Miguel e São João  
subindo e descendo até que se quebre o devaneio...  
Silêncio. De você, Mangan, nem um traço.

1. James Clarence Mangan, ou Séamus Ó Mangáin (Dublin, 1803-1849) é considerado o pai fundador da poesia nacional irlandesa.

**14.**  
Let the city sleep on undisturbed,  
new hotels and apartments blocks replace  
the Dublin that we brick by brick erase;  
let your city die without a word  
of pity, indignation, grief or blame,  
the vampire crime lords fatten on its flesh  
and planners zone the corpse for laundered cash,  
but let your heedless cry remain the same:  
"The only city that I called my own  
sank with me into everlasting shade.  
I was born the year that Emmet swung  
and died my fever death in '49:  
my words are a matchstick falling through the void  
and scorch the centuries to come with song."

**14.**  
Deixe a cidade dormir sossegada,  
novos hotéis e blocos de apartamentos substituem  
a Dublin que nós, tijolo por tijolo, apagamos;  
deixe que sua cidade morra sem qualquer palavra  
de consolo, indignação, luto ou revolta,  
os vampiros senhores do crime engordam em suas carnes  
e os planejadores zoneiam cadáveres para lavar dinheiro,  
mas deixe que seu grito negligente permaneça igual:  
"A única cidade que já chamei de minha  
naufraga comigo para a sombra eterna.  
Nasci no ano em que Emmet foi pendurado  
e morri de minha febre em '49:<sup>2</sup>  
minhas palavras são um palito de fósforo caindo no vazio  
que farão arder os séculos vindouros com canções."

2. Robert Emmet (1778-1803) foi um pioneiro e herói das lutas irlandesas pela independência, tendo sido enforcado em 1803, no ano em que James Mangam nasceu. Este, por sua vez, morreu de febre tifoide em 1849.

## Poem

The roof has fallen but the house still stands.  
Birds drop to our table from the open sky.  
I cup and drink the rain from shivering hands.

Nothing could be simpler that my wants:  
to go on living here not bothered why  
the roof has fallen though the house still stands.

Some would assail the builders with complaints  
(our bed was waterlogged last night). Not I,  
cupping and drinking the rain from shivering hands.

You call it folly, I call it romance,  
to weather each new test and still get by.  
So what if the roof has fallen? The house still stands

and we still thrive in the muck and damp like plants,  
nourished by the forces we defy.  
I cup and drink the rain from shivering hands

and lie in the dark. The sea breeze roars and rants.  
Drive us out? I'd like to see it try.  
The roof has fallen but the house still stands.  
I cup and drink the rain from shivering hands.

## Poema

O telhado caiu mas a casa ainda está de pé.  
Pássaros pousam em nossa mesa vindos do céu aberto.  
Com mãos trêmulas eu pego e bebo a água da chuva.

Nada poderia ser mais simples do que meus desejos:  
Permanecer vivendo aqui sem querer saber por que  
o telhado caiu mas a casa ainda está de pé.

Haveria quem se dirigisse aos construtores reclamando  
(nossa cama ficou encharcada na noite passada). Mas não eu,  
pegando e bebendo com mãos trêmulas a água da chuva.

Você pode dizer que é bobagem, eu digo que é romance,  
aguentar cada novo teste e sobreviver.  
E que há de mais de o telhado ter caído? A casa ainda está de pé

e nós ainda seguimos em frente na lama e na umidade como as  
plantas,  
nutridos pelas forças que desafiamos.  
Com mãos trêmulas eu pego e bebo a água da chuva

e me deito no escuro. A brisa do mar vocifera e ruge.  
Expulsar-nos daqui? Quero ver se tem coragem.  
O telhado caiu mas a casa ainda está de pé.  
Com mãos trêmulas eu pego e bebo a água da chuva.



**DAVID WHEATLEY**

Nasceu em Dublin (Irlanda), em 1970. É um dos mais originais poetas irlandeses de sua geração. Também professor universitário e crítico literário, Wheatley é colaborador frequente de publicações como o jornal *The Guardian* e a *London Review of Books*.

**A skimming stone, Lough Bray**

*for Justin Quinn*

Skim a stone  
across the lake surface,  
marrying water and air:  
turn this brick  
of earth, while it flies,  
from stone to living fire.

From stone to living  
fire ablaze  
on the lake's faceted skin—  
tideless, the plaything  
of wind and rain,  
as now of this skimmed stone.

Watch the stone brush  
the water beneath it  
and never fall below,  
dip for an instant,  
rise again  
and glide like so, like so.

Hear it echo back  
each new contact,  
brushing against the surface,  
like a whip cracked  
from shore to shore  
of this walled-in, echoing place.

Skim a stone  
across the lake surface,  
never suspect it may fall—  
as long as there's water  
left to walk on,  
air for its echo to fill.

**Uma pedra roçando no lago Bray**

*para Justin Quinn*

Lance uma pedra  
sobre a superfície do lago,  
casando água e ar:  
mude este tijolo  
de terra, enquanto voa,  
de pedra a fogo vivo.

De pedra a fogo  
vivo, flamejante  
na face lapidada do lago —  
sem maré, o brinquedo  
do vento e da chuva,  
como é agora desta pedra lançada.

Observe a pedra roçar  
a água abaixo dela  
sem nunca despencar,  
mergulhar brevemente,  
subir novamente  
e deslizar assim, assim.

Ouçã o eco que ela provoca  
a cada novo contato,  
roçando a superfície,  
como um chicote estalando  
de costa a costa  
deste lugar cercado que ecoa.

Lance uma pedra  
sobre a superfície do lago,  
sem jamais imaginar que ela poderá cair —  
enquanto restar água  
na qual possa caminhar,  
e ar, para que seu eco preencha.

**AM Radio**

The static  
is the sound of the world's  
axis turning  
as I finger the dial,

a chaos of voices  
gasping for breath,  
the short wave snoring  
its dreams in white noise.

After-hours radio.  
There is nothing to stay  
awake for and nothing  
to make me drift off.

Punctual, various  
headlines leap time zones,  
pips mark the hours  
like morse ultimata;

one phone-in show host  
keeps punting the dull  
sludge of insomniac  
chatter *ad nauseam*.

Sleep is beyond me:  
each shake of my head—  
half defiance,  
half resignation—

stays creased in the pillow  
I roll on. This smooth plastic  
box devours sleep,  
spits dreams out

and builds invisibly,  
wide and high  
as the room's four walls,  
its babel in air.

And at odd moments,  
unlooked-for, silence  
descends between stations...  
And it is as much

as my ear can do  
to tell the radio's  
tiny silence  
from that of the night.

**Rádio AM**

A estática  
é o som do eixo do  
planeta girando  
enquanto eu mexo no dial,

um caos de vozes  
ofegantes, tentando respirar,  
e as ondas curtas, roncando  
num ruído branco, seus sonhos.

O rádio, na madrugada.  
Nada tem para me manter  
acordado, e nada  
para me fazer dormir.

Pontuais, inúmeras  
manchetes saltam pelos fusos horários,  
os bips marcando as horas  
como o ultimato de um código morse;

um apresentador de programa, por telefone  
continua acreditando que o entediado  
insone, atolado em seu lodo  
vai tagarelar *ad nauseam*.

O sono está fora do meu alcance:  
cada sacudida de minha cabeça —  
meio desafio,  
meio resignação —

fica amassada no travesseiro  
no qual rolo pra lá e pra cá. Esta delicada caixa  
de plástico devora o sono,  
cuspe os sonhos

e cria, de um jeito invisível,  
extensa e elevadamente  
como as quatro paredes do quarto,  
no ar, sua babel.

E nesses momentos estranhos,  
o silêncio, inesperado,  
desce entre as estações...  
E isso é o máximo

que meus ouvidos conseguem fazer  
para distinguir o minúsculo  
silêncio do rádio  
daquele da noite. 🎧



## ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



# SUSANA FUENTES



Leia mais em  
[rascunho.com.br](http://rascunho.com.br)

### SUSANA FUENTES

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Escritora, atriz, doutora em literatura comparada pela UERJ, é autora de **A gaivota ou a vida em torno do lago** (poesia, 7Letras), semifinalista do Prêmio Oceanos 2022. Escreveu o romance **Luzia** (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura) e os contos de **Escola de gigantes**, seleção Biblioteca do Professor no programa *Rio, uma cidade de leitores*, ambos pela 7Letras. Autora também de **Anotações de Berlim** (Megamini) e **Carta ao sol** (Funarte). É autora também da peça teatral *Prelúdios*, selecionada para o FringeNYC.



**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

# O INFERNO SÃO OS VERMES

Tínhamos de encontrar Deus. A rua de pedregulhos e poeira nos levaria à salvação. Bastavam fé, humildade e um bocado de paciência. Era nossa única alternativa — uma espécie de aposta divina da mãe. Deus: aquele homem bondoso e misericordioso, de barbas longas, branco como nós, cabelos bonitos e um olhar que nos transmitia paz e segurança. Confundíamos Jesus com Deus nas missas dominicais na ânsia pelo paraíso antecipado. Mas, ao fim, a mãe nos tranquilizava, *não se preocupem: é tudo a mesma coisa*. Talvez não quisesse usar a palavra *coisa* para algo tão importante. Ou talvez a banalidade semântica era para nos aproximar ainda mais da graça tão ao nosso alcance. Rezar, arrepender-se e obedecer cegamente o que nos ensinava a *Bíblia*. Éramos um ingênuo rebanho a caminho da eternidade.

Qualquer coisa — ainda mais um céu de nuvens celestiais e aspecto de algodão doce de parque de diversões — nos parecia melhor que a precariedade ao redor. O que mais me incomodava era a falta de banheiro, de um mísero vaso sanitário, de um rolo de papel higiênico. Aquela casinha de madeira ao fundo do terreiro nos lembrava o tempo todo que a salvação não seria simples como tentava nos ludibriar a mãe. Quando chegamos a C. — esta cidade agora imensa e desumana —, cavamos o buraco com a destreza de um tatu de unhas afiadas e certeiras. Éramos arquitetos da própria desgraça. Não tínhamos tempo a perder. Afinal, o corpo ignorava a nossa miséria. A merda nos saía das entranhas sem qualquer decência.

Depois, míseros pedaços de tábuas se transformavam em um vaso sanitário quadrado. A cobertura de eternite, as paredes cheias de frestas e a porta com uma taramela desbeijada completavam o canhestro banheiro. Num prego, a mãe pendurava tiras de jornal. Pronto: estávamos preparados para o baile dos vermes.

Íamos à missa com as melhores roupas, em geral, costuradas pela mãe na velha máquina Singer. Nunca considere a mãe uma grande designer de moda. Nem o seu corpo esquelético tinha a leveza das modelos a desnudar as ancas na passarela. Era comum a costura sair torta, meio enviesada, franzida nas beiradas. Nossa elegância era um quadro borrado de Dalí de ponta-cabeça. Na igreja, sentávamos todos nos primeiros bancos, diante de um altar repleto de santos, flores e Deus (ou seria Jesus?) a nos olhar com ganas de nos arrastar à vida eterna. Rezávamos com gosto (e certa ironia infantil), sempre sob a vigilância atenta da mãe. Não tínhamos o direito de estragar seu plano messiânico familiar. Acabada a missa, íamos os filhos à catequese. Rezar não bastava: era preciso saber exatamente a quem dirigíamos nossas palavras de salvação. E quem eram nossos inimigos.

Aos poucos, o buraco se enche de merda. Vira aquele lodo fervilhante. No início, dá certo nojo. O asco arranha a garganta. Depois, acostuma-se com o fedor, as moscas e a sensação de que o demônio pode surgir entre os vermes e nos puxar para o reino dos infernos. No calor, a podridão flutua pelo terreiro, em torno da casa. Eu caminhava sempre a dizer *não vou olhar, não vou olhar*. Mas ao final, talvez na ambição de um milagre, mirava calmamente o buraco. Lá embaixo tudo parecia não ter salvação. Os vermes (ou seja lá o que fossem) movimentavam-se com alegria, bailavam na massa pastosa de nossos restos. Eu pegava uma tira de jornal e lia enquanto meu corpo não se importava em entregar-se ao escárnio do mundo.

(O jornal estampava, em geral, notícias populares: mulheres em poses sensuais, crimes e futebol. Parecia uma ironia ou, talvez, uma provocação da mãe à nossa santidade. Mas estava no lugar certo: no inferno dos nossos dias.)

Ilustração: **Guilherme Paixão**

Um domingo antes da primeira comunhão, eu precisava limpar a alma de todos os pecados, em especial aqueles orquestrados na solidão do beliche, amparados na palma da mão. Seria nossa primeira confissão — o que nos garantiria um bilhete de boas-vindas ao paraíso. Mas durante a vida seria necessário renová-lo inúmeras vezes até o encontro definitivo com Deus. Perdi meu bilhete no meio da jornada. E nunca mais voltei para procurá-lo.

Na teoria, parecia algo bastante simples. A mãe nos orientou a contar tudo ao padre. Eu só não sabia muito bem o que significava aquele *tudo*. Passei a semana a remoer meus inúmeros pecados infantis: roubar frutas, tentar ver a calcinha das meninas no recreio, ofender o pai (a mãe, nunca) em pensamentos violentos, brigar com o irmão, mentir para os amigos, sonhar com a Xuxa pelada. Era um rosário de delitos que me tirava do caminho celestial.

Um a um, meninos e meninas sentavam nos bancos da igreja perante um padre. Eram quatro ou cinco sacerdotes, homens sérios, paramentados de vestes pretas e um crucifixo enorme a balançar no peito. Ouvia-se somente o cíciar das bocas em busca da clemência e do amor eterno. Em seguida, cabisbaixos, todos se ajoelhavam e rezavam com a certeza de que suas almas levitavam rumo ao céu. Eu aguardava sem qualquer ansiedade a minha vez de desfiar a lista memorizada durante a semana. Iria, obviamente, esconder alguns deslizes. Deus não precisa de tantos detalhes.

O padre era o mais velho daquele mutirão divino. Fez um sinal com a mão para que eu me sentasse. A barba não me lembrou Jesus a espreitar do altar: muito longa, branca e desgrenhada. Em volta dos lábios, notava-se, meio amarelada. Talvez fumasse escondido ou descuidasse da higiene. Sobre higiene, eu preferia não pensar.

Quando abriu a boca e disse *conte-me os seus pecados*, senti um soco no nariz. O hálito ácido, cheiro semelhante ao do paiol repleto de ratos atrás de casa, fez-me olhar para o assoalho de madeira lanhado pela gula dos cupins. Desviei ao máximo qualquer possibilidade de receber de frente as palavras de salvação. Infelizmente, não conseguia pensar no céu de algodão doce, em flores coloridas, no aconchego eterno da bondade. Apenas vinham-me os vermes da patente infestada de podridão. Resisti até o final. Não lembro quantas ave-marias e pais-nossos tive de rezar para me redimir dos pecados.

Por algum tempo, continuamos a utilizar a casinha fantasiada de banheiro. Até que um dia, um vaso sanitário apareceu ao lado do chuveiro, escondido por uma cortina de plástico, num desenho arquitetônico, no mínimo, bizarro. Mas já não havia mais os vermes para nos sorrir na barafunda lodosa.

Pouco antes de morrer de câncer, levei a mãe à missa. Ela entregava-se à fé na esperança de algo impossível. Ao seu lado, eu apenas sentia o cheiro pútrido que o seu corpo em decomposição exalava. No altar, o padre rezava sob o olhar de Jesus, rodeado por nuvens em forma de algodão doce. ❶



**MARINGÁ**  
PREFEITURA

*f*lim

2022

FESTA LITERÁRIA  
INTERNACIONAL  
DE MARINGÁ



**2 A 6 DE NOVEMBRO**

**9h às 21h**

*Reencontros*

**Centro de Ação Cultural - CAC**  
**Praça Renato Celidônio**

AV. XV DE NOVEMBRO, 514  
MARINGÁ - PARANÁ - BRASIL

[WWW.FESTALITERARIADEMARINGA.COM.BR](http://WWW.FESTALITERARIADEMARINGA.COM.BR)